

MADALENA SÁ FERNANDES

DERIVA



COMPANHIA DAS LETRAS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

MADALENA SÁ FERNANDES

DERIVA



COMPANHIA DAS LETRAS

DERIVA

MADALENA SÁ FERNANDES



Edição em formato digital: maio de 2024

DERIVA

© 2024, Madalena Sá Fernandes

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Venda exclusiva em Portugal e na Europa

Companhia das Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

O nome Companhia das Letras e o logótipo associado são marcas comerciais registadas da Editora Schwarcz S. A. usados com autorização.

Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*.

Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Edição: Madalena Alfaia

Revisão: Cristina Correia

Capa: Wonder Studio / Ana Teixeira

Imagem da capa: Peace (2010 — óleo sobre gesso) © Diane Leonard, impressionista americana (DianeLeonard.com)

Projeto gráfico da chancela © Panóplia®

ISBN: 978-989-583-072-5

Composição digital: leerendigital.com

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

Instagram: [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ÍNDICE

Deriva

Créditos

Dedicatória

Prefácio

Avó Petit

A senhora sou eu

Devia ir mais a Tondela

Casem e deixem os outros em paz

Confissões irrelevantes

Pode aparecer alguém

Geração Imóvel

Oração ao sono

A Leste

A minha praia

Coração dividido

A savana digital

Os meus professores

Lembras-te?

A parte de dentro

Os 73 segredos das mentes milionárias para uma vida *zen*

Dear, Dirty Dublin

Separar é fodido

Linha de apoio à Insónia

A mulher imunda e outras histórias

Amor de avó

A mulher sozinha

Post-it

A hora delas

O clichê e o robô

Se lerem este texto, dou-vos um ovo *Kinder*

Cadê todo mundo?

Irmãos sem as partes chatas00

Distraída, Desastrada, Desorganizada

O nosso grupo

Não chores mais

Ler é *sexy*

O pirata triste

Inté

Uma casa com um nome

É preciso mexer o corpo

Quando, quando, quando

A minha melhor amiga

É o cão

Umbiguidade

As pessoas *cool*

Lembro-me de Paris

El Corte Inglés

Jorge Humberto

Para quê?

Um crocodilo no presépio

Paixão e cogumelos

Aprender a largar

Entre parênteses

A terapia é a minha terapia

Música no coração

O primeiro amor

Crónica de uma dama envergonhada

Em defesa da fada dos dentes

Eu não percebia

Sei que vou por aí

Deriva

Sobre este livro

Sobre a autora

Para a tia Paula

PREFÁCIO,

por Gregório Duvivier

«Não gosto das palavras / fatigadas de informar. / Dou mais respeito / às que vivem de barriga no chão / tipo água pedra sapo», diz Manoel de Barros, o autointitulado «apanhador de desperdícios». E continua: «Dou respeito às coisas desimportantes / e aos seres desimportantes. / Prezo insetos mais que aviões.»

Tenho admiração profunda pelas pessoas que encontram beleza nos insetos. Particularmente, só consigo encontrar ódio. O que faz de mim mais palhaço que poeta. Mas não é o caso de Madalena Sá Fernandes.

Faz tempo que leio tudo o que Madalena escreve, de cá do outro lado do oceano. Ela consegue erigir uma ilha de poesia em meio ao oceano inosso das informações e análises. Cheios de artigos de opiniões inflamadas e análises sociopolíticas enfadonhas, os jornais não atentam pros assuntos que realmente importam: há lugares que se chamam Miramar e onde não se pode mirar o mar. As pomadas pra melgas não são aplicadas diretamente nas melgas. Como pode um livro vender um milhão de cópias e continuar a se chamar *O segredo*?

Gosto da importância que Madalena dá às coisas sem importância alguma. Mas gosto sobretudo da desimportância que dá a si mesma, e

confessa o inconfessável. Já trocou de clube. Faz entrevistas imaginárias a si própria. Ainda não conseguiu perceber os NFT. Madalena irá se tornando, ao longo do livro, sua amiga de longa data. Humana, demasiado humana, sua franqueza comove, num tempo em que já ninguém parece jogar limpo.

«Todos meus conhecidos têm sido campeões em tudo.» Que sorte de Álvaro não ter vivido pra ver o Instagram. Aliás, que sorte dele não ter vivido de todo. Num mundo em que todos prometem explicar o inexplicável em poucos segundos, Madalena propõe o contrário: toma aqui um punhado de confusão e dúvidas. «Onde é que há gente no mundo?» Aqui mesmo. Madalena está farta de semideuses e assume ser tantas vezes reles, tantas vezes vil — num tempo em que a modéstia e a franqueza estão fora de moda. Na contramão dos *coachs*, confessa que não quer «trabalhar enquanto eles dormem», nem «chegar à melhor versão de si mesma», mas o contrário disso: «Quero comer bitoque.» Que alívio, em tempos de autopromoção e conteúdo inspiracional, alguém que almeja apenas ao bitoque. «Come bitoques, pequena. Come bitoques. Olha que não há mais metafísica no mundo senão bitoques. Olha que as religiões todas não ensinam mais que o talho.»

Essa aparente desimportância, claro, é uma estratégia — desculpem o *spoiler*. Madalena engana o leitor: faz parecer que estamos conversando sobre banalidades e, de repente, pumba, estamos fodidos pensando na especulação imobiliária, ou sobre como separar é fodido, sobre como é triste perder a avó. Madalena escreve sobre a morte de um jeito que dá uma vontade danada de viver. E taí o que mais gosto no livro da Madalena: ele nunca cai nas facilidades do niilismo. O humor, quando cáustico, por vezes tem esse problema: o humorista deita o bebê fora junto com a água da bacia. Nas crônicas da Madalena, o olhar ácido e corrosivo convive com a exaltação das melhores coisas da vida, sem prejuízo a nenhum dos dois. Já dizia o Woody Allen: «A realidade é dura, mas ainda é o único lugar onde se pode comer um bom bife.» Pobre Woody, não conhece o bitoque!

AVÓ PETIT

E então era sexta-feira e eu ia na carrinha da escola, embora dali. Quando a carrinha (chamávamos-lhe carrinha, mas era um autocarro como os da Rede Expresso) se aproximava do cruzamento da Avenida de Roma com a Estados Unidos da América, eu, com a cabeça encostada ao vidro, procurava quem me aguardasse, com a expectativa melancólica de um marinheiro que regressa após meses em alto-mar e quer ver quem o receberá no cais.

Lá estava ela, ao lado de outras avós, mães, empregadas, e de um ou outro pai, que nos anos 90 destoava daquele conluio feminino. Um grupinho contente que olhava e acenava para a carrinha que chegava, como se fosse um carro alegórico no desfile de Carnaval.

Antes de dobrar a esquina, havia um instante de medo: medo de que tivesse acontecido alguma coisa e de que não houvesse lá ninguém à minha espera. Se por segundos não a via, o meu coração entrava em descompasso. «Ela não está ali.»

Mas quando distinguia a sua figura imperturbável, de chapéu na cabeça, ou de guarda-chuva, sentia-me aliviada e segura. O conforto de saber que era esperada.

A avó Petit lá estava, à porta do Café Luanda. Já fazia parte da paisagem, não existia para mim aquela esquina sem ela lá, de pé,

pequenina e muito séria, à espera que da carrinha saísse a sua neta despenteada.

A carrinha parava com os quatro piscas ligados, o senhor Luís entregava-nos ao adulto correspondente com a eficiência de um fornecedor a descarregar mercadoria, e eu via surgir dentro das portas as luvas da minha avó, para me ajudar a descer as escadas.

Por vezes, fazíamos uma paragem para comer. Lembro-me das vitrines, embaciadas, dos bolos do Café Luanda, da esplanada suja, de comprar carteirinhas de cromos que colava nas cadernetas, das migalhas no canto da sua boca enquanto ela comia um queque, e lembro-me da sua mão cheia de anéis a mexer o chá com a colher que ia batendo na chávena. A avó Petit dizia que eu tinha herdado as mãos dela.

A seguir, dávamos as nossas mãos parecidas e começávamos o trajeto entre o Café Luanda e a casa dela, na Avenida Estados Unidos da América. Aquele caminho, que era curtíssimo, transformava-se numa autêntica peregrinação. Descíamos as escadas do metro e passávamos por baixo. A minha avó queria proteger-me de todos os perigos, especialmente da passagem furiosa dos carros, que se assemelhava à da manada de búfalos do *Rei Leão*.

Só percebi muitos anos depois que era possível atravessar aquela avenida pela passadeira dos peões. Até então, pensava que este caminho subterrâneo era o único. Que, para chegar a casa da minha avó, tínhamos de fazer uma gincana por entre moedas que se deitavam no chapéu do pedinte cego ou que se punham nas máquinas para comprar o passe, o senhor das lotarias, o sapateiro que ficava junto às escadas, a senhora cigana que vendia roupa e bonecos em cima de um pano estendido naquele chão que era áspero como uma lima das unhas e, ao mesmo tempo, cintilante, um éden de pastilhas elásticas esborrachadas.

Íamos em equilíbrio, de mãos dadas, atravessávamos a multidão, e recordo-me do espanto que era para mim aquele universo de encontrões e beatas pisadas nas escadas por homens de gravata apressados.

Aos poucos, fui crescendo e fiquei mais alta do que a minha avó. Os seus passos começaram a ficar cada vez mais lentos e, por vezes, demorávamos tanto tempo naquele percurso, que já estava quase

escuro quando chegávamos.

A avó Petit começou a apoiar-se em mim; era eu agora quem a guiava pelo túnel escuro, e encarava a missão com solenidade.

Hoje, evito passar naquela esquina. É a coisa mais triste do mundo olhar para ali, e não é por causa do logótipo do Café Luanda, ou do seu toldo desbotado e decadente. É que, quando olho, só consigo pensar: Ela não está ali. Ela não está ali. Ela não está ali.

A SENHORA SOU EU

A primeira vez é a que dói mais. Na fila de uma repartição: «A senhora, se faz favor?» Olho para trás, em busca da tal senhora, que provavelmente ultrapassei sem querer, até perceber que não está ali mais ninguém e que é a mim que se dirigem. A senhora sou eu. Os meus ténis desbotados e a minha camisola de capuz já não bastam para atenuar a evidência.

No supermercado, outra vez. «Deixa a senhora passar», diz um rapaz a outro. Avanço, cabisbaixa, a sentir um ardor na garganta e um vazio existencial. Imagino-me cheia de laca no cabelo e com artroses.

Chegou o momento. Não se trata só do medo de envelhecer. À medida que me aproximo da idade das mulheres de Balzac, já contava que me fosse invadir a angústia de deixar a juventude para trás. O que não esperava é que este processo não se notasse só no espelho ou nos hábitos, mas também nas palavras. Esta forma de tratamento que assim se iniciou é a que me acompanhará até ao fim. De agora em diante, sou senhora. Senhora é um espectro que vai desde este momento até às derradeiras visitas no lar de idosos.

Não nascemos senhoras, tornamo-nos senhoras. Nascemos miúdas, pirralhas, meninas. E um dia, sem darmos por isso, somos senhoras. Qual será o momento em que passamos de um estado a outro? Qual

será o indicador que anuncia ao inconsciente coletivo que ascendemos a esta nova condição? Não é o penteado de cabeleireiro, meio cogumelo, porque esse já eu tinha aos dois anos de idade, e nem por isso era senhora. Também não são os saltos altos, porque já os usava nas saídas à noite aos dezasseis anos, e nem isso nem os quilos de maquilhagem, para meu desconsolo, me davam mais idade do que a que tinha. Também não é necessariamente a maternidade, embora esta possa contribuir para uma certa curvatura das costas e um afundar das olheiras que talvez me pesem.

Será uma ruga específica que despontou? Uma falta de noção da quantidade de perfume que uso? Um desalento nos olhos? Uma tendência maior para calças de cintura subida?

Senhora, para mim, acolhia várias aceções. Havia, claro, a Nossa Senhora. Mas também havia a Senhora Maria, de Tondela, e a expressão machista que ouço de vez em quando: «Ela é uma senhora.» Como quem diz: «Não é cá uma vadia.» Não me apazigua pensar que me aproximo de qualquer uma das três. Mas há um fator que as une: as três indicam que a pessoa em questão já não é uma menina.

Recentemente, em França, a dor que estava entorpecida voltou com toda a força: chamaram-me *madame*. Estava a conformar-me com o facto de já não ser menina, mas longe de pensar que também já não era *mademoiselle*. Não que alguma vez tenha sido *mademoiselle*, porque nunca vivi em França, mas um simples *madame* bastou para que eu fizesse o luto de todos os anos em que poderia ter sido *mademoiselle*.

Não há nada a fazer. Tornei-me senhora. Posso entrar em negação, posso assumir o papel, ou posso alternar de forma alucinada entre uma coisa e outra, que é o que tenho feito. Ora me sinto a caminhar com a elevação da rainha de Inglaterra, ora saltito como uma menina de onze anos. Ora cheiro e agito o copo de vinho antes de o provar, ora me lambuzo com um *perna de pau*. Ora quero ficar sossegada, de manta, ora quero correr o mundo.

Não há formas certas de se ser senhora. A partir do momento em que nos é dado este título, podemos fazer-lhe jus como bem entendermos. É-nos dado de fora, mas por dentro podemos escolher como usá-lo. Uma senhora será sempre alguém que sabe como é ser-se menina. Talvez a vantagem de ser senhora seja essa: poder escolher.

O nome assusta, mas encontrei a forma de dar a volta a isto e de

me apaziguar com o termo. Sou senhora, sim. Cada vez mais senhora de mim.

DEVIA IR MAIS A TONDELA

Tondela é a minha avó sentada na cadeira de plástico da piscina, à sombra da cameleira, já meio calada, a olhar para os nossos mergulhos. Tondela, para mim, é a casa e o jardim. É ir, em criança, ao café no centro da cidade e perguntar: «Podemos voltar para Tondela?»

Tondela são as minhas primas a pôr a mesa com toalhas enroladas na cabeça, a contar quantos somos agora, entre os que foram e os que chegaram. Tondela são corredores escuros com quadros de antepassados em trajes com golas de renda e olhar de lémures espantados.

Tondela é encontrar toupeiras mortas na relva e organizar-lhes funerais emotivos, com caixões feitos de caixas de *After Eight*. Tondela são jardineiras com remendos nos joelhos e um adulto a esfregar-nos as unhas para lhes tirar a lama com uma escovinha que faz comichão.

Tondela são primos distantes que vêm visitar-nos a Lisboa e eu, com cinco anos, a perguntar: «Então, agora já não dizes *coelho*?»

Tondela é irmos presos por uma orelha a casa da minha tia-avó que tocava piano e que nunca se casou, que se chamava Felícia e detestava o nome, e que parecia muito mais infelícia do que felícia. Em sua casa, estava sempre a dar o *Preço Certo*, cheirava a naftalina e

nós queríamos brincar, mas as nossas mães obrigavam-nos a ficar quietos no sofá, enquanto ela passava os seus olhos um pouco mais alegres por nós e nos dava bolachas sortidas que vinham nas caixas de metal que se usam para guardar objetos de costura.

Tondela é a feira encostada ao muro da casa e implorarmos às nossas mães para trazermos pintainhos assustados que púnhamos a espernear na banheira.

Tondela é a imagem distante do meu pai a pisar as uvas, do Vale das Perdizes, da parreira e do poço. Tondela são as fotografias do meu primeiro mês de vida, metida numa alcofa, embrulhada em cobertores, embalada pelo passeio dos meus pais jovens, pálidos e felizes.

Tondela é o Caramulo ao fundo, com restinhos de neve. Tondela é o meu tio a ler o jornal lá fora, a reclamar por estarem todos a dormir. Tondela é irmos à varanda ver passar o cortejo de Carnaval e fugirmos, assustados, dos cânticos dos bêbados. Tondela são os lençóis gelados da humidade e o quadro medonho dos cavalos a correr. Tondela é a sopa da Rosa e a minha avó ajoelhada na capela.

Tondela é também a barragem da Aguieira e a alegria de andarmos de canoa e de nos enterrarmos no lodo, enfiados nuns coletes cor de laranja.

Tondela são as primeiras peças de teatro, aplaudidas por uma plateia parcial, comprada pelo afeto. Tondela são os sacos de pão da Rosicar na bancada da cozinha.

Tondela é dormirmos todos no quarto da nossa avó.

Tondela é a sala cheia de fumo e um comité de pinças de ferro à volta da lareira, a tentar que pegue. Tondela são as bicicletas com os cestinhos, que nos dizem que eram das nossas mães, e acharmos impossível que aquelas figuras inertes, deitadas ao sol a afugentar as moscas e a folhear um livro, algum dia tenham pedalado por ali.

Tondela sou eu e o meu primo a assoar-nos, por causa das alergias, à procura de uma pista em álbuns antigos, sempre à beira de desvendarmos um mistério.

Tondela é o dia do funeral da nossa avó e olharmos uns para os outros, desamparados.

Tondela é pegar nas minhas filhas ao colo para puxarem as laranjas das árvores.

Tondela é sentir esta culpa de não ir mais a Tondela, esta culpa que temos quando não vamos aos nossos sítios e os imaginamos sozinhos, a julgarem o nosso abandono, num choro de humidade e bolor. É sentir a penalização silenciosa do bosque e pensar nas boas memórias a enferrujarem no lagar.

Devia ir mais a Tondela.

CASEM E DEIXEM OS OUTROS EM PAZ

Ama e faz o que quiseres, disse Santo Agostinho, com toda a sua sabedoria. Casa e deixa-me em paz, digo eu, com toda a minha paciência. Antes que comece a atirar essa classe por si só tão aticável que é a das noivas, desculpo-me previamente, porque também eu fui noiva. Isto, no entanto, talvez me dê mais legitimidade para falar do tema. Sim, estou com medo das noivas. E tenho amigas a contrair matrimónio este ano, não quero ferir, com as minhas palavras mordazes, a sua aura de véus brancos.

Digo que fui noiva, não por ter chegado a casar-me, mas por tê-lo sido num dado período e por acreditar que esta condição tem um prazo de validade. Acabei por desistir de me casar quando me apercebi de que, apenas para definir o sítio e fazer os convites, a ansiedade era de tal ordem, que poderia levar à separação. Admiro os noivos que chegam ao dia do casamento enquanto tal: sobreviventes de inúmeras provas.

Ouçó com verdadeiro fascínio a minha mãe e as pessoas da sua geração a falarem dos seus casamentos. Tempos houve em que casar consistia na cerimónia na igreja e no copo-de-água. No dia seguinte,

devidamente rressacados, os noivos seguiam para lua-de-mel, onde tiravam fotografias que poderiam transformar-se em *slides*. Fim.

Nesse tempo, não proliferava a palavra que me faz tremer: dinâmicas. Hoje, onde há casamentos, há dinâmicas. E não são apenas as dinâmicas da boda. São dinâmicas que começam no exato instante em que as fotografias da noiva exultante, de anel no dedo, começam a circular nos grupos de WhatsApp. Na primeira videochamada com guinchinhos, começa a ser plantada em todas as amigas da futura esposa a semente imperativa das dinâmicas.

Há noivos que ficam nervosos quando percebem que têm de dinamizar logo no pedido de casamento: fazem *peddy papers*, contratam fotógrafos, pilotam helicópteros, grafitam paredes. O auge da dinamização é atingido na despedida de solteira, cuja preparação nunca envolve menos de um milhão de trocas de mensagens num grupo de WhatsApp, de nome pouco criativo, mas continuamente dinamizado, onde se constata a incompatibilidade de datas e a disparidade de expectativas em relação ao destino da despedida.

Houve um tempo em que se podia apreciar a comida do jantar de casamento. Agora, não só não se consegue decifrar o que vamos comer — os nomes dos pratos parecem enigmas, os alimentos repousam em camas —, como são estes os únicos a repousar, já que nós não temos descanso, porque a refeição é interrompida por mais dinâmicas: é pedido que os convidados dinamizem entre si, que componham um soneto em verso alexandrino e que se levanten e façam uma coreografia sempre que toca o *Marry You* do Bruno Mars.

Entre a igreja e o local da festa, dinâmicas. De cavalo, de barco, de autocarro turístico com DJ, de carroça... há que dinamizar a trajetória. E isto quando, para que a dinamização seja total, os noivos não se lembram de fazer um *destination wedding*, compelindo os convidados a voar algures para a Tailândia.

A despedida de solteira da minha mãe foi um jantar no Bairro Alto e saída à noite. Hoje, a despedida tem de durar vários dias e conter dinâmicas variadas: *strippers*, saltar de paraquedas, jogos incessantes. Uma mistura de festa infantil com festa universitária americana.

As madrinhas, de saias de tule e fatos de banho iguais, encarnam a difícil missão de contentar a noiva, essa entidade mística cuja devoção outrora cingida ao dia do casamento inexplicavelmente se alargou a

todo o tempo de noivado. Ela transforma-se neste ser a que todos têm de agradar, qual imperatriz, e cujo desejo de que as damas de honor usem vestidos cor de mostarda de centenas de euros no dia do casamento deve ser seguido como uma ordem, sob pena de lhes ser incutido o pior castigo: a desilusão da noiva.

O problema é que a desilusão da noiva é inevitável, porque ela não é a Cinderela na sua carruagem com os seus sapatinhos de cristal. Ela é uma jovem de chapéu de formato fálico na cabeça, algures em Sevilha, após a ingestão de *shots* de *Pisang Ambon* na despedida de solteira. Uma jovem que se endividou para contratar a banda de saxofone «Porra Louca» para o *cocktail* e que embarcou neste delírio coletivo que confunde a alegria de uma união com um pacote uniformizado, dispendioso e extravagante, que afinal não contém em si a mínima felicidade.

Não me interpretem mal, eu adoro celebrar o amor. Choro quando vejo noivos felizes. Mas, quando ouço «os noivos ficariam muito felizes se...», começo a suar, imagino que estão a apontar-me uma arma, sinto-me ameaçada. Porque os noivos de hoje já não ficam felizes com a companhia mútua até que a morte os separe. Ou com a companhia de quem amam a aplaudir a cerimónia e a dançar com eles na pista noite fora. Isto já não lhes basta. Agora, só ficam felizes se comparecermos nos trezentos jantares que fazem ao longo do ano, incluindo na véspera do casamento.

«Fábio e Ana casaram e viveram felizes para sempre»: está bom. «Fábio e Ana casaram e no dia seguinte obrigaram os convidados, cheios de olheiras e dor de cabeça, a comparecer no *brunch* pós-casamento»: é desnecessário.

Noivos e noivas do mundo, uni-vos. E larguem-nos. Devolvam-nos os casamentos com menos dinâmicas, que não nos faziam sentir que fomos assaltados e nos deixavam um ou outro fim de semana livres ao longo do ano para encaixarmos as férias. Nós não queremos receber uma *newsletter* diária sobre a vossa lua-de-mel. Nós só queremos que sejam muito felizes. E que nos deixem em paz.

CONFISSÕES IRRELEVANTES

Fiquei desiludida quando descobri que não se dizia *problema* nem banho de *impressão*. Ouvi um palavrão pela primeira vez por causa de o Simão Sabrosa ter trocado de clube. Não tenho cor preferida, mas o meu barulho favorito é o som do Yoshi a saltar no jogo da Nintendo 64. Em criança, achava que a pomada para as melgas era para ser aplicada diretamente nas melgas.

Chego atrasada e tenho necessidade de preencher silêncios com frases descabidas. Quero ser cética e racional, mas pergunto ao homem do talho o seu ascendente astrológico e insisto para que ele ligue à mãe e pergunte a que horas nasceu. Quero ser gentil, mas não disfarço a cara de caso quando descubro que é Escorpião. Gosto de julgar que sou intelectual, mas adoro pipocas no cinema e vibrei com o *Mamma Mia*. Choro a fazer depilação a cera e grito como se estivesse a parir. Não gritei muito quando pari. Não guardei os cordões umbilicais das minhas filhas, achei mais nojento do que querido. Ouço Caetano Veloso todos os dias. Caí no esquema de corrupção de um tio, mudei de clube de futebol em troca de uma bicicleta, e o meu pai deixou de falar comigo. Senti-me tão odiada como o Simão Sabrosa.

Ainda não consegui perceber os NFT, apesar de já mos terem explicado muitas vezes. Estou no processo de assumir que talvez

nunca chegue lá, como a minha avó com a *box* da televisão ou os meus pais com as *stories* do Instagram.

Mostro vídeos das minhas filhas a desconhecidos nas filas de bares. Não sei comunicar por *email*, não gosto quando esperam que os *emails* me encontrem bem. Não percebo porque não se usa vírgula antes do vocativo nos *emails*.

Nunca consigo sair de casa de uma vez só: a média são três regressos, para ir buscar coisas esquecidas. Falo com a minha avó, que morreu, como se ela fosse Deus. Não falo com Deus. Ainda não descobri o prazer de cozinhar. Em criança, achava muito estranho que os amigos dos meus pais se chamassem todos tios.

Quando ouço uma buzina, acho sempre que é para mim, que fiz alguma coisa mal, mesmo que esteja sentada numa esplanada. Nunca consigo tomar a amoxicilina até ao fim. Sou uma assassina de plantas.

Aos seis anos, desisti do *ballet* e não contei aos meus pais. Quando a professora de *ballet* ia buscar os alunos à sala, eu atirava um lápis para o chão e baixava-me para apanhar, para ela não me ver.

Faço entrevistas imaginárias a mim própria. Ainda demoro muito tempo a ver as horas nos relógios de ponteiros. Sempre que digo a alguém que não gosto de um nome, calha ser o nome do pai ou da mãe dessa pessoa. A primeira vez que pus um tampão, desmaiei. Já perguntei em *dates*, para quebrar o gelo: «Já viste alguém morto?»

Sinto-me abandonada e tenho vontade de chorar quando não me respondem nos grupos de WhatsApp. Tenho a mania de que falo bem e sou irritante a ponto de corrigir quando dizem «há dez anos atrás» e «tenho um amigo meu», mas digo «à última da hora». Adorava o sabor do *Ben-u-ron* e fiquei triste com a passagem do xarope para os comprimidos.

Sabia distinguir as marcas dos cigarros pelo cheiro: *Marlboro*, mãe; *SG*, pai; *LM*, padrasto. Tenho pensamentos egoístas e maquiavélicos: por exemplo, se estiver doente e não puder ir à rua, prefiro que esteja a chover, para que mais ninguém possa usufruir do prazer do sol. Tenho medo de envelhecer e, quando me chamam *senhora* e reparo que não é a brincar, desejo morrer. O meu primeiro namorado tinha ciúmes do Fernando Pessoa. A praia vazia traz-me felicidade, mas o cinema vazio traz-me angústia.

Quero ser ambientalista, mas gosto de *Nutella*, ainda compro na

Zara e tomo banhos de *impressão* para esquecer os *proglemas*.

Sento-me com o ímpeto de escrever uma crónica pertinente sobre a atualidade política e acabo a escrever sobre frivolidades.

PODE APARECER ALGUÉM

Era uma vez uma mulher que arrendou uma casa de férias, na qual veio a verificar-se que existiam percevejos, e que, por isso, teve de ir com a família para um hotel. Essa mulher pesquisou o que era um percevejo e arrependeu-se logo de o ter feito. «Parasita oval que se alimenta exclusivamente de sangue humano [...]. São encontrados em todo o mundo e podem infestar qualquer local onde as pessoas consigam descansar.» Essa mulher mal dormiu, e sonhou que tinha o corpo cheio de percevejos. O efeito de inibição do descanso que estes parasitas provocavam resultava mesmo através do pensamento. Um bicho que tem como objetivo impedir o ser humano de descansar. O Grinch das férias de Verão.

Essa mulher lembrou-se de que tinha de entregar um texto, e sentou-se na pequena mesa do quarto a escrever. Essa mulher não estava totalmente triste. É certo que não era possível ignorar a angústia entranhada na colcha cor de âmbar do Hotel Miramar, onde não se mira mar algum. Ou no quadro de uma savana africana ao pôr do sol, cuja aleatoriedade temática não deixava de ser intrigante. Ou no chinelar da pequena multidão para a sala de pequeno-almoço, onde se faz fila diante de uma travessa de ovos mexidos embebidos em leite. Tão-pouco no ar de desprezo da rececionista, quando lhe pediu

para baixar o som das televisões de uma sala de estar vazia, a fim de escrever o texto. «Não é possível. Pode aparecer alguém.»

A mulher sente uma raiva desproporcionada. Pode aparecer alguém, e seria catastrófico que, durante dois segundos, não houvesse som na transmissão do programa *Passadeira Vermelha* e na repetição de um jogo de futebol. Pode aparecer alguém que exija que o som das duas televisões esteja ligado em simultâneo. A mulher sente-se minúscula, destronada por esse ser hipotético cuja exigência imperativa absurda de ter duas televisões com o som ligado destrona o pedido real que agora está a ser feito. O de silêncio momentâneo. «Pode aparecer alguém.» Essa mulher constata que o mais provável é que ela não seja alguém. Porque ela apareceu, fez um pedido real perante uma sala vazia e este não foi concedido. Porque alguém pode aparecer. Alguém a sério.

A mulher escreve primeiro com uma fúria desmedida direcionada à funcionária. Percebe agora que deveria ter dito uma frase de efeito: «Eu sou alguém e apareci», ou qualquer coisa do estilo, mas é tarde demais, e seria descabido ir lá de novo e dizer isso. A mulher sente-se irritada por não ter tido a perspicácia e a bravura de fazer frente à rececionista e, juntamente com isso, apercebe-se e lembra-se de todas as respostas que não deu ao longo da vida, de todas as respostas inteligentes que poderia ter dado e de que só se lembrou depois, e sente-se desolada.

Essa mulher também sabe que a raiva perante a funcionária é a raiva perante os pequenos poderes e as suas regras absurdas e desumanas. Mas é também a raiva contra os percevejos e, provavelmente, contra as injustiças, e contra todas as desilusões.

Essa mulher está, então, no quarto. Ou melhor, o seu corpo está no quarto, a sua mente está lá em baixo, a dar um espetáculo de oratória, aplaudido pelos hóspedes da sala de espera. A sua mente está a ver a rececionista, derrotada, a abdicar da posse exclusiva dos comandos da televisão e a carregar no *mute*. A sua mente nessa sala, vitoriosa, a terminar o texto que ela tinha de escrever.

Essa mulher sabe que no Verão não fica bem falar de tristeza. Sabe que no Verão nunca se está triste ou irritado. Mas sente que os percevejos estão muito mais felizes do que ela, algures numa casa só para eles.

Essa mulher habituou-se a sentar-se e a escrever qualquer coisa. Às vezes, escreve nas notas do telefone, à noite, deitada na cama, como antigamente os poetas à luz de uma candeia. Escreve, porque é a forma que conhece de lidar com as suas raivas ridículas, com as suas tristezas, pequenas ou grandes. Escreve, porque, na melhor das hipóteses, pode aparecer alguém. De preferência, ela própria.

GERAÇÃO IMÓVEL

Bom dia! Bem-vindo. Hoje vamos visitar este imóvel que se encaixa no orçamento que apresentou. Aqui temos a entrada, ampla. Aqui é a sala, ali está a sua mãe, com o sorriso materno benevolente de quem acolhe sempre o filho, mas com o sobrolho franzido que denuncia sonhos adiados e um olhar vago que parece perguntar: «Quando é que este me desampara a loja?»

Esta é uma moradia independente, ao contrário de si. Continuamos por aqui. Apesar de ser um corredor, a iluminação é boa e tem visibilidade direta para esta sequência de fotografias suas desde bebé até agora, aos trinta anos. Assim, pode sentir diariamente, sempre que o atravessar, a inexorável passagem do tempo, e relembrar que ainda aqui vive.

Este imóvel dispõe de todas as condições para que você permaneça imóvel. Imóvel durante anos, devido à impossibilidade financeira de sair daqui, da casa dos seus pais.

Aqui temos uma despensa, não é enorme, mas serve na perfeição para se trancar e chorar a angústia de, apesar de trabalhar a tempo inteiro, ser incapaz de pagar qualquer tipo de habitação digna no raio de cento e vinte quilómetros de distância da sua família e amigos.

Temos agora a sala de jantar, que convida a usufruir de momentos

de lazer, a reunir os familiares, e onde pode ouvir o seu tio dizer que, no tempo dele, se saía de casa aos dezoito anos. Dá acesso a uma simpática varanda, onde pode vir respirar fundo, em vez de lhe atirar com o pirez à cara e gritar que no tempo dele não se pagava mil e novecentos euros por um sótão em Mafamude.

Aqui é o seu quarto. Tem cama de casal porque, afinal, você já não é uma criança. Dispõe de uma generosa área para sentir a vergonha profunda de trazer namoradas e *affairs* a meio da noite, pé ante pé. E poderá desenvolver a capacidade de ter relações sexuais da forma mais inibida e silenciosa possível, nunca chegando a conhecer a liberdade e plenitude sexual, e assim criando perturbações psicológicas, além da significativa redução da autoestima. Reduzida, no entanto, não é a área da casa, que conta com uns desafogados duzentos metros quadrados.

É um imóvel com imenso *cachet*. Ao contrário, mais uma vez, de si. Os interiores apresentam uma decoração sofisticada e minimalista, combinando perfeitamente com o estilo de vida que o bairro oferece. A vizinhança é extremamente agradável. As moradias do lado costumam estar vazias, uma vez que foram compradas por investidores americanos que ainda não investiram mais de dois dias do seu tempo aqui. É uma zona de excelência, muito exclusiva. Exclusiva a tal ponto, que exclui as pessoas da sua geração.

A casa fica a três minutos, *walking distance*, do Marquês de Pombal, oito minutos, *driving distance*, da Praça de Espanha, vinte minutos, *driving distance*, do Aeroporto, e quarenta e nove anos, *walking distance*, de qualquer perspetiva de emancipação para si próprio.

O imóvel desfruta de total privacidade, segurança, conforto, e reúne todas as condições para acolher a depressão em que se encontra, devido a não conseguir sentir-se um adulto funcional. E, por falar em funcional, aqui temos a cozinha, totalmente equipada. O equilíbrio perfeito entre modernidade e comodidade, com charme particular. É aberta para a sala, sendo possível estar a cozinhar e a ver televisão em simultâneo. Assim, pode atualizar-se acerca do que se passa no país, verificar o aumento das taxas de juro no crédito à habitação, bem como o aumento dos valores das rendas, constatar que não há soluções à vista e perceber que não existe qualquer vislumbre de

esperança para si.

O barulho dos aviões não incomoda, as pessoas habituam-se, e os vidros duplos garantem uma ótima insonorização. Além disso, desta forma, sempre que vir um avião, poderá sentir que está próximo dos seus amigos e colegas, uma vez que a maioria está a pensar emigrar, devido à situação insustentável em que se encontra. E, por falar em insustentável, sabe o que é perfeitamente sustentável? As vigas de aço desta espaçosa arrecadação.

A moradia foi renovada, mas mantém a traça antiga. Está equipada com aquecimento central. No interior há esta radiosa luminosidade, que cria um contraste interessante com essa sua escuridão interior.

Completa este magnífico imóvel um pátio exterior, ideal para churrascos e para usufruir das tardes soalheiras deste bairro no coração da cidade. Como sabe quem já pesquisou e visitou muitos imóveis, as cidades têm coração. Ao contrário dos Governos e dos mercados de especulação imobiliária.

Aqui, vai poder sentir tranquilidade e respirar o ar puro do privilégio de se encontrar no centro de uma das cidades com o arrendamento mais caro da Europa. As boas notícias são que esta extraordinária moradia está cem por cento disponível para continuar a ser habitada por si, por tempo indefinido.

Por fim, o escritório. Costumava ter uma vista fantástica para o seu futuro, mas agora encontra-se tapada, porque estão a construir uma Ale Hop.

ORAÇÃO AO SONO

Cresci numa família devota do sono.

Quando dormia em casa de outras pessoas, feria-me o desrespeito que elas demonstravam pela entidade que cresci a adorar. Casas onde pais entravam ao fim-de-semana nos quartos dos filhos e abriam os estores. Casas onde se batiam entusiásticas palmas matinais. Aspiradores que empurravam as portas e que vinham na minha direção, prontos a aspirar-me a alma.

Na minha família, havia um respeito bíblico em volta do sono e uma fatalidade, em relação ao tema, semelhante à que se tem com a morte. Lembro-me de ligarem para minha casa com assuntos urgentes e de eu responder: «A minha mãe está a dormir.» Era sinónimo de: «É impossível resolver agora.»

Os olhares que os adultos lançavam às crianças que os tinham acordado era mortífero.

Se alguém estava a dormir, passávamos pelos corredores com sussurros de igreja, evitava-se o uso de secadores e de varinhas mágicas, engoliam-se as tosses.

Nas férias, observava a minha avó e as minhas tias a prepararem o quarto de dormir com a determinação de raptos que preparam uma cave para esconder reféns. As persianas eram lacradas até à última

fresta. Depois, fechavam-se as portadas e, num gesto sem misericórdia, ainda se corriam as cortinas, para que nenhum raio indesejado de sol ousasse penetrar nos nossos aposentos. Caso uma pequena brecha escapasse, havia fita-cola e chouriços de pano prontos a obstruí-la.

Jamais soube se era dia ou noite no quarto da minha avó. Era um espaço sem tempo, sem meteorologia. Um templo de adoração ao sono, cheio de robes, cremes, cobertores, pantufas, aquecedores, chás, penicos, botijas de água quente. Todos os rituais do sono eram respeitados. Fazia-se a cama com o máximo afinho e sem vislumbre do mínimo vinco.

O respeito não se limitava ao sono, alargando-se aos períodos que o antecediam e que lhe sucediam. Por outras palavras, depois do «não incomodes, que ela está a dormir», seguia-se um momento que exigia igual respeito: «Não incomodes, que ela está a acordar.»

Na minha família, ou se está a dormir, ou se está a acordar.

Acordar não significa abrir os olhos, nem tão-pouco levantar-se. Há um período amorfo em que nos movimentamos com gestos lentos, enquanto o café está a ser feito ao mesmo tempo que a reintegração na realidade, e em que é fundamental não perturbar. O acordar da minha mãe estende-se por um longo período, em que nenhuma questão lhe deve ser dirigida, sob pena de se receber como resposta: «Agora ainda estou a acordar.»

Como se não bastasse, o sono continua a ocupar um tema central nas conversas. Perguntamos sempre se se dormiu bem e ouvimos com genuíno interesse a descrição mais aborrecida possível, a de uma noite de sono: «E depois, às quatro da manhã, bebi água.»

Se por acaso não dormimos bem, temos necessidade de comunicá-lo, ou seja, de nos queixarmos disso. Quando alguém nos conta de uma noite maldormida, sentimos pena e damos as condolências, como se nos falassem de uma doença.

O quarto é a nossa catedral; a cama, o nosso santuário; as histórias de embalar, a nossa eucaristia; o sono, a nossa fé.

Oremos, irmãos:

O sono nosso de cada dia nos dai hoje / perdoai-nos as nossas ramelas / assim como nós perdoamos a quem tem martelado às sete da manhã / e não nos deixeis cair em insónia / mas livrai-nos do despertador. Ámen.

A LESTE

A Rússia invadiu a Ucrânia. Não te esqueças de comprar leite. Bombardearam uma escola. Vou pôr gasolina. Tomaram Chernobyl. Onde é que pus os óculos? Putin ameaça quem intervier. São vinte euros de gasolina. A Rússia lança ataques aéreos. Qual é a bomba? Pessoas em pânico fogem da Ucrânia. É a bomba 3. Bomba num hospital. Onde é que pus os óculos?

Manifestações. Uma mensagem no WhatsApp. Um míssil. *Miss you!* Bombardearam um lar. Também eu, temos de combinar. Vem aí a terceira guerra mundial. Que tal hoje à tarde? Vídeos de pais a despedirem-se dos filhos. Trânsito na Segunda Circular. Os ucranianos. Vou tentar pensar noutra coisa. Onde é que pus os óculos? O hino da Ucrânia. Aula de zumba. *Slava Ukraini*. Quero ver essa energia em cima! Energia nuclear. «Quando ela bate com a bunda no chão.» Vamos todos morrer.

Um passeio no jardim. A Ucrânia. Vamos pensar noutra coisa. Toma pão para dar aos patos. A bandeira da Ucrânia. Fiquei encharcada, os repuxos estão ligados. *Slava Ukraini*. Alguém que pare a rega! A Ucrânia. Toma uma toalha. Alguém que pare a guerra! Onde é que pus os óculos?

Guerra. Eu ia jurar que tinha estacionado aqui. Crianças

desesperadas, em *bunkers*. Não, deve ter sido na outra. Tens de analisar o contexto histórico. Está ali naquela esquina! Uma explosão. Vou tentar pensar noutra coisa.

A culpa é do Putin. Desculpe, esse carrinho é meu. A culpa é dos Estados Unidos. Já não tem alho-francês? A culpa é da NATO. No corredor 6, ao lado dos frescos. A culpa é do PCP. Ah, também preciso de champô. A culpa é da China. Patrícia chamada à caixa central. A culpa é dos Nazis. Tem cartão Poupa Mais? Tropas russas apertam o cerco. Merda, esqueci-me do leite!

Vem aí a guerra nuclear. Vem aí o correio. A Ucrânia. Dança no TikTok. A Ucrânia. Carta das Finanças. Manifestantes russos presos por protestar contra a guerra. Chegaram encomendas. Putin proíbe que se chame «invasão» à invasão. Estava a ver que não! Putin proíbe que se chame «guerra» à guerra.

Patrulha Pata. Putin não pára. «Patrulha Pata, pra salvar o dia.» Padres fazem *cocktails molotov*. Mãe, não quero tomar banho! *Fake news*. Mãe, não quero lavar a cabeça! Apocalipse.

Senha na Padaria Portuguesa. E novidades? Guerra na Europa. Vamos falar de outra coisa. Um galão, se faz favor. Sanções à Rússia. E um *croissant* com fiambre. Rússia toma maior central nuclear da Europa. Vamos falar de outra coisa! Ele pediu-me em casamento! E o Afeganistão? Parabéns! Milhares de pessoas refugiam-se no metro. Já tens vestido? Homens entre os dezoito e os sessenta anos são proibidos de abandonar a Ucrânia. Não, mas já tenho *catering*. Quem é a namorada do Putin?

Prepara a mochila, que amanhã há natação. Um milhão de pessoas já saíram da Ucrânia. Não te esqueças da touca. Exclusão do sistema Swift. Nem dos chinelos. Putin ordena que as tropas avancem em todas as direções. Aproveita e põe uma bisnaga de fruta. A China aproveita e vai a Taiwan. E uma bolacha. Zelensky pede apoio. Que diria a minha avó? Kherson em mãos russas.

Que direi aos meus filhos? Civis fazem fila para defender o país. Vamos pensar noutra coisa. Hoje é dia de jogo. Cessar-fogo. Quem achas que vai ganhar? Africanos discriminados a fugir da guerra. A sopa não tem sal. Não à guerra. Onde é que pus os óculos?

Como foi o teu dia? Pela paz. Parece que não estou aqui. Fim da guerra. Também eu, não consigo pensar noutra coisa. Onde é que pus

os óculos? Andamos a Leste.

A MINHA PRAIA

A minha primeira praia é a da Bordeira, desenhada para mim pelo meu pai, que escavava e fazia túneis numa ânsia de *beagle*, para que eu não percebesse que passávamos a ser só os dois. Arregaçávamos as calças para atravessar a ribeira, ele punha ao alto o cesto com os baldes, formas e ancinhos. Levava-me às grutas, nunca mergulhávamos, porque aquele mar era tão furioso como a vida, e ali éramos mesmo só os dois. Até que a praia foi descoberta, e agora é inevitável, quando vemos os passadiços elegantes e o parque de estacionamento cheio de caravanas e de carros com matrículas estrangeiras, o sentimento de um caça-talentos que chegou primeiro a uma voz e desdenha os que a aplaudem a seguir.

São Pedro de Moel apareceu depois, com os seus toldos, as pessoas encavalitadas e apegadas a números de bandeira como povos às suas terras. São Pedro veio com os ecos de uma Ericeira mítica, a Ericeira das fotografias da minha mãe e tias à frente das barracas às riscas. Um misticismo da neblina de que as pessoas se queixam, sem no entanto arredarem pé, fiéis à certeza de que ela irá embora. A Ericeira da minha avó, vestida, na praia, porque o meu avô não a queria de fato de banho, a Ericeira onde os meus pais faziam carreirinhas.

À semelhança dessa Ericeira, também São Pedro exigia o valor da

coragem na hora do mergulho. Ali, as pessoas chegavam relativamente cedo e saíam tarde, a chinelarem depressa para longe do mau gosto decorativo das casas arrendadas, manifestado sob a forma de grandes boiões cheios de conchas, quadros de palhaços, excesso de velas.

Chegam-me ecos de outro tipo de praias, as praias concessionadas, de areias finas e cores muito mais vivas, de espreguiçadeiras de plástico com colchões amarelos peganhentos de creme e suor, caldos Algarvios cheios de gente a boiar, e de estrangeiros espojados como morsas que deram à praia, empapados em protetor solar. Praias onde a ausência de ondas nunca me trouxe paz, mas uma angústia tão estática e amorfa como as suas bandeiras inabalavelmente verdes. Praias cuja mudança da maré não causa qualquer rebuliço. Praias para as quais ninguém leva camisolas.

Depois veio o Rio de Janeiro, o mar de frente e os prédios de costas, onde não havia lugar para o silêncio nem para a toalha. Onde havia pombos na areia e urubus a voar, pássaros enormes com nome de uivo fantasmagórico. A praia do Leme, que os surfistas garantiam ter uma boa esquerda, e onde uma senhora vestida de bailarina mergulhava de manhã. Descobri ficar na praia, sentada, quase adormecida, a ver bolas a erguerem-se no ar, enquanto vozes de vendedores me embalavam, e um calor do inferno que me fazia pensar se, afinal, o inferno não seria bom, bom o suficiente para me deixar ficar por ali.

Depois veio a Costa da Caparica, as suas falésias que lembram as dos desenhos animados do Beep Beep, a poeira branca dos parques de estacionamento colada ao carro, a linha do comboio, as carochas, as dunas e os pescadores da Cova do Vapor.

Ultimamente, o Estoril, o paredão e o azul geométrico que se vê dos túneis, azul que todos os dias parece novo e que vai aumentando à medida que vou andando, as senhoras bronzeadas do Tamariz, os barrigudos de pele queimada que caminham em tronco nu em Novembro, as ondas que chegam às esplanadas, o pontão onde vejo os grupos de adolescentes a mergulhar, as cores estouradas de fotografias de livro de centro de mesa. É aqui que caminho, mesmo nos dias em que o mar molha os sapatos, mesmo nos dias em que sou praticamente só eu e o vento levanta areia que magoa a cara e traz uma promessa de amigdalite.

Enquanto vou caminhando, percebo que não sou nem nunca fui daqui, mas também que não sou de mais nenhum lado.

CORAÇÃO DIVIDIDO

Sempre tive o coração dividido. Quando os meus pais se separaram, ficou ainda mais claro o fosso entre as duas famílias. A família do pai e a família da mãe. São diferenças subtis, tendo em conta as muitas espécies de diferenças que existem no mundo. Uso a palavra *fosso*, porque era assim que sentia, no meu pequeno coração de criança que começava a decidir que posições tomar e que caminho seguir. Com o pouco horizonte até então desbravado, estas diferenças pareciam abismais. Neste *buffet* familiar que me foi apresentado, depressa aprendi a servir-me do que mais me agradava em cada fação.

Um lado da família é de esquerda. O outro é de direita. Mas o lado de esquerda é mais conservador e o lado de direita, mais libertário. O lado de esquerda é mais silencioso, o outro, mais barulhento. Um lado é de ateus. O outro, de católicos. Mas os ateus são comprometidos e os católicos, desobedientes. Um lado é de juristas intelectuais que produzem vinho. O outro, de engenheiros e artistas que bebem muito vinho.

No Natal, um lado da família faz um esquema de sorteio e organização das prendas cheio de regras, impecavelmente funcional. Decidiram abolir os embrulhos, para proteger o ambiente e não criar bagunça desnecessária. Do outro lado, ninguém dá prendas. «O que

seria!» Dão-se presentes. Há embrulhos espalhados por todo o lado e há sempre uma pessoa que acaba a noite mergulhada nos embrulhos à procura de um envelope perdido. Numa família, há o Pai Natal. Na outra, há o Menino Jesus.

De um lado, só tenho dois tios, título conferido pelo laço sanguíneo. Do outro, há tantos tios como estrelas no Universo, sempre prontos a nascer a cada novo jantar de grupo, como supernovas.

Um lado é de benfiquistas fanáticos. Outro, de sportinguistas ferrenhos. Num lado, o jantar é às 20:30. No outro, almoça-se às 20:30. Num, há oradores hábeis. Noutro, dançarinos animados. Há o lado dos céticos cautelosos, e há o lado dos espirituais impulsivos. Aos membros de uma das famílias, dou dois beijinhos. Aos da outra, dou um só. De um lado, a maioria são homens e do outro, mulheres. Às refeições, uma das famílias discute política internacional, taninos e História. A outra discute signos, viagens e se a tia Zitinha estava na Ericeira na semana passada.

Para um lado da família, a grande ameaça é o fascismo. Para o outro, é o socialismo e as pessoas que dizem «bom apetite». Num lado da família, aplaudem-se discursos eloquentes proferidos à mesa. No outro, aplaudem-se tias já alegres a cantar o fado.

Uma das famílias é previsível e os encontros acabam sempre da mesma maneira: cedo e com cumprimentos cordiais. A outra também é previsível: ou acaba tudo a dançar, ou tudo lavado em lágrimas, sempre de madrugada. Numa, o tom de voz não se altera. Noutra, os gritos atropelam-se.

Para uma família, vou de vestido vermelho. Para a outra, de vestido encarnado. Uma faz na sanita. Outra, na retrete. Uma diz «põe». Outra diz «mete». Mentira, as duas dizem «põe». Era só para rimar e para irritar a minha mãe.

Sei que não chateio ninguém da minha família ao escrever este texto. Porque, felizmente, o que une os dois lados é o sentido de humor. Além da generosidade, bondade, beleza e elevação. E falo disto porque é verdade, mas também porque vem aí o Natal e eu quero receber tanto as prendas como os presentes.

A SAVANA DIGITAL

Hoje, no programa *Vida Selvagem*, vamos visitar uma das zonas mais áridas do planeta. Nesta paisagem, habitam alguns dos mamíferos mais resistentes que conhecemos. É uma região vastíssima, com um ecossistema fascinante. Junte-se a nós nesta aventura.

É um dia aparentemente calmo para @ernestoramos_33. Espreguiça-se, desloca-se devagar até à *homepage* do Instagram e observa o ambiente da savana digital. Está prestes a encetar uma viagem épica pelo *feed*. Nenhum outro animal possui um organismo tão bem preparado para enfrentar a jornada que se avizinha. A distribuição uniforme do peso por cada polegar oponível criou uma espécie de cascos, o que torna @ernestoramos_33 apto para navegar e comentar durante horas, sem se cansar. A aquisição de um *power bank*, que funciona como acumulador de energia, garante-lhe uma vantagem inquestionável em relação a outros elementos da mesma espécie: @ernestoramos_33 é o macho dominante. Aguarda, sempre alerta. Sabe quando deve atacar.

Além da resistência impressionante, @ernestoramos_33 é dotado de uma velocidade invejada pelos outros machos da espécie, sendo capaz de, com a sua opinião inflamada, comentar um artigo de jornal de cinco mil caracteres, apenas três segundos após a publicação do

mesmo.

Começou a desenvolver as suas habilidades muito cedo, nos tempos em que a única forma que tinha de expressar toda e qualquer alarvidade que lhe passava pela cabeça era através de pichagens em portas de casas de banho de estações de serviço. Com a entrada nas redes sociais, foi aperfeiçoando a técnica e melhorando a sua confiança, e agora está mais ágil do que nunca a dedilhar. Hoje em dia, é unanimemente considerado um dos caçadores mais velozes do seu grupo.

Nesta terra impiedosa, o futuro reserva surpreendentes desafios. Em períodos de seca, um *post* de uma notícia do jornal *Público* com referências ao Governo pode chegar a dez mil comentários e servir de alimento ao bando durante dias. Nestas fases atípicas, o grupo tem de esgravatar para encontrar os alimentos que restam.

Trata-se de animais sociais que passam até dois terços do dia à procura de nutrição em conjunto. O macho alfa pode escolher primeiro os melhores alimentos. Alguns machos competem ferozmente por este privilégio.

@ernestoramos_33 instalou-se com os seus companheiros nas planícies do Instagram, enquanto outros elementos da mesma espécie fizeram apenas uma migração sazonal para a época das *selfies* de biquíni; e regressaram agora aos prados do Facebook, menos abundantes em corpos desnudos, mas mais férteis em notícias sobre a ditadura instaurada por empresas farmacêuticas, com apoio de Hollywood.

Eis que, entretanto, parece que a caçada está prestes a começar. Surge um *post* de uma notícia acerca de tomates coração-de-boi que atrai a atenção dos integrantes do grupo. É fisicamente impossível, para os membros desta espécie, resistir à possibilidade de fazerem trocadilhos javardos. Começam lentamente a cercar o *post*: «Eu também tenho uns bons!» @ernestoramos_33 desfere o golpe fatal e comenta: «Só me falta o coração.» Era inevitável. Trata-se de instinto animal. O dia de caça começou.

Um novo *post* aproxima-se da reserva. É uma presa difícil e traiçoeira, pois contém ironia e, como é sabido, a espécie de @ernestoramos_33 é incapaz de detetar esta figura de estilo. Os felinos tentam bater em retirada, mas ficam presos no meio da manada

linguística. Conseguem, por fim, libertar-se, com ferimentos ligeiros, e seguem a travessia do *scroll*.

Um *post* de cariz desportivo surge no horizonte. É sempre um embate doloroso, pois haverá confrontos com outros predadores.

A jornada continua a revelar imprevistos. Um dos machos do grupo carregou num *link* que o levou para zonas desconhecidas. O grupo segue-o, afastando-se do território que domina, e entra nos pântanos do Twitter, de onde quase nunca se sai ileso.

@ernestoramos_33 pressente o perigo. Não costuma misturar-se. Deixa, aliás, sempre, as pradarias das secções de comentários dos jornais para os necrófagos anónimos. Até ele sabe quando é prudente manter uma certa distância.

Já não foi a tempo de proceder ao salvamento do companheiro que, depois de se afundar numa discussão acerca de pronomes, acabou definitivamente cancelado. É triste, mas é a lei da vida, e sabemos que no mundo selvagem não podemos apegar-nos.

Além da curiosidade e da impulsividade, esta é uma espécie caracterizada pelo uso excessivo de *emojis* e pela dificuldade em não atribuir automaticamente ao comunismo as culpas de qualquer acontecimento.

Já visivelmente fatigados, passam por um *post* no qual duas celebridades de um *reality show* confirmam o término do seu relacionamento. Não é o tipo de presa ideal, mas ajuda os jovens a sentirem-se mais seguros e a desenvolverem competências para se tornarem bons caçadores. O futuro reservará presas maiores e mais desafiadoras.

Passam pelo vale de danças saltitantes de *influencers* e pelo desfileiro dos *reels* apelando à dieta *low carb*, e acabam por parar para descansar no lar da colónia de uma espécie muito astuciosa. Neste território plano e aberto, seria possível ver o perigo a aproximar-se. Mas esta espécie age sempre camuflada e publica notícias falsas usando o mesmo *layout* dos *media* tradicionais. Servem-se desta camuflagem quase perfeita e carregam um odor repulsivo. @ernestoramos_33 tropeça nas armadilhas destes predadores, cuja sagacidade é superior à sua. Comenta: «É UMA VERGONHA! Pena de morte neles!» E continua o seu caminho.

O grupo termina o dia uns quilómetros mais a norte, no golfo do

WhatsApp, à sombra de uma oração em português do Brasil reencaminhada demasiadas vezes.

Apesar de todos os desafios, é bonito ver que o grupo continua unido, sob o comando do macho alfa @ernestoramos_33. Antes de dar o dia por terminado, ainda comenta no *post* de uma fêmea: «gostosa».

Finalmente, iniciam o repouso, felizes por pertencerem a uma comunidade. Um dia, cada um seguirá o seu caminho. Quando atingirem a maturidade sexual, serão obrigados a deixar o bando e a enfrentar o mundo. Mas esse dia ainda está longe, muito longe.

OS MEUS PROFESSORES

A rapariga que se sentava nas aulas a fazer desenhos nos manuais por já ter enchido de banda desenhada todos os cadernos (quando se lembrava de os levar) jamais pensou que um dia ia sentir saudades daquilo. Mas, sim, tenho saudades das aulas. Sozinha não me governo. Não tenho sumário, não há testes no horizonte que me obriguem a assimilar conhecimentos, ninguém está interessado no que eu sei ou não. Os meus pais já não me perguntam o que aprendi, já não levo sermões dos professores, já ninguém, a não ser desconhecidos em comentários do Facebook, me corrige a gramática. Nunca mais recebi notas desapontadas a vermelho. Nunca mais usei micas, agrafadores ou marcadores fluorescentes. Nunca mais senti a dor de barriga antes de subir ao pequeno estrado que se transformava no palco de um Coliseu. Nunca mais ouvi a voz da professora a ler a minha composição.

Todas estas coisas, que me pareciam horríveis e me faziam sonhar com o dia em que seria eu, sozinha, a comandar a minha vida, deixam-me agora saudades.

Especialmente os professores. Recordo-me, sobretudo, do que mais os apaixonava ou irritava.

Lembro-me da indignação da professora de Ciência Política

quando alguém usava a expressão «Antigo Regime» para se referir ao pré-25 de Abril (e não ao período anterior à Primeira República), da professora de Português a explicar-nos o que era um pleonismo, tendo por motor a irritação que sentia com os pivôs televisivos por eles dizerem «encarar de frente», «na minha opinião pessoal», «há muitos anos atrás» ou «elo de ligação»; do amor do professor de Ciências pelas rochas sedimentares, e do de Filosofia pela pontualidade e pelos silogismos.

Do professor de Matemática, guardo antes a letargia contínua do seu tom de voz e a repetição infinita da expressão «ptanto, as ptências», que imitávamos nos intervalos.

Dos professores universitários, a memória está mais fresca. O entusiasmo do professor de Estudos Pessoanos, que dedicou muitas aulas ao poema «Pauis», de que estava sempre a repetir «materialização do espírito» e «espiritualização da matéria».

Até consigo ter saudades dos intransigentes com formatações de índices e bibliografias, dos que eram capazes de discorrer horas sobre a tragédia de não se colocar títulos em itálico e sobre a incontestável supremacia da Arial em relação à Times New Roman.

Recordo a professora de Cultura Clássica Grega e Latina, e a maneira calma com que falava, como se se sentisse incumbida de reportar diretamente da Grécia Antiga. O amor que ela tinha pelas civilizações micénica e minoica, e a sua exaltação ao falar-nos de *Tróia*, o filme dos anos 2000 em que Brad Pitt e Orlando Bloom usam cabelos compridos e passam a maior parte do tempo em tronco nu. As incongruências entre este filme de Hollywood e a *Ilíada* pareciam ser a única coisa capaz de tirá-la do sério: «É uma vergonha! Heitor não matou Menelau! Deviam ser processados!», bradava, para uma sala de aula apática, que claramente não repercutia a sua indignação.

Ou o professor que nos ensinava Camões e que, estranhamente, o odiava, gerando discussões acesas na turma, mas que adorava Cervantes, falando de Dom Quixote como de um avô querido.

E, no Brasil, a professora de Literatura Comparada, que se vestia cheia de cores, que saltava alegremente entre textos de Virginia Woolf e de Clarice Lispector e que dizia que citar era convocar para perto de nós.

A verdade é que andei a repetir, toda a vida, muito do que eles

disseram. O que mais os apaixonava passou para mim, mesmo que involuntariamente. São os desvios do programa curricular, as pequenas embirrações, as preferências apaixonadas, os tiques — é sobretudo este tipo de coisas que guardo dos meus professores. Esqueci quase toda a matéria, mas convoco-os constantemente para perto de mim. De tal forma que ouço «Antigo Regime» e abano a cabeça, se alguém fala do filme *Tróia* sinto-me na obrigação de esclarecer que é um atentado à obra de Homero, adoro detetar pleonasmos, *Dom Quixote* é o meu livro preferido, sei recitar de memória o «Pauis» e, claro, escrevi este texto em Arial.

LEMBRAS-TE?

Lembras-te? Uma pergunta que traz vivências fortes. O que acontece agora aborrece, indigna, magoa. O que acontecerá amanhã entusiasmo, excita, amedronta. E o que aconteceu, exceto para aqueles que se agarram ao rancor, ou mesmo para esses, é um carimbo. Encontrar um amigo e reviver pode ser melhor do que encontrar um amigo e viver.

Tudo muda com o «lembras-te?». Baixamos a guarda, vamos para o passado.

Com os meus primos, convocamos a toda a hora a nossa avó. O meu primo imita a sua exclamação, uma exclamação que só a minha avó fazia quando, por exemplo, alguém mudava o canal a meio da novela, quando a televisão se avariava ou quando algum imprevisto se impunha. «Ooh!» Era o seu «Ooh», dito no seu tom de voz baixo e fino. Isto não tem qualquer interesse para ninguém. Se estamos com mais pessoas, a *nuance* no tom do «Ooh» que o meu primo faz a imitar a minha avó passa despercebida aos demais. Mas nós cruzamos o olhar: «Lembras-te?» E é como se estivéssemos outra vez com a avó a ver televisão.

Os meus pais separaram-se e, ao longo dos anos seguintes, foram-se encontrando ocasionalmente para fazer as minhas transições em

sítios como umbrais de portas, carros, portões, ou em ocasiões como aniversários e eventos comuns. Nas conversas de circunstância, às vezes, um deles consegue inserir um elemento do passado, um amigo antigo, uma viagem. E a conversa de circunstância, capaz de transformar em desconhecidos até duas pessoas que já foram casadas, cai por terra com o primeiro que tem coragem de evocar a memória: «Lembras-te?» É um «lembra-te» tímido, com o desassombro de quem cede num jogo em que nos ensinaram que esquecer é seguir em frente. Um «lembra-te» que teme o não, mas que sente o sim. Um código para poderem agir como pessoas que outrora partilharam a vida. Uma imposição de ternura no meio da lembrança.

O «lembra-te» é um lugar seguro. Há pessoas com opiniões tão diferentes das nossas, pessoas com quem discutimos, com quem não partilhamos a mesma visão sobre o estado das coisas, com quem nos embrenhamos em debates políticos acesos, mas que marcaram o nosso mundo. Penso num tio com quem discuto política no Facebook, mas que, quando o encontro, me fala dos tempos em que ele era o único adulto que me levava ao McDonald's, e de como me ensinou a andar de bicicleta. «Lembras-te?» Às vezes, a memória salva o presente.

Todas as famílias têm as suas histórias preferidas, difundidas em jantares e convívios, repetidas à exaustão, e que são sucesso garantido. A minha mãe conta sempre a história de quando eu era pequenina e lhe pedi para fechar as janelas à noite, porque tinha medo de ser mordida pelas melgas; ao que ela respondeu que não era preciso, porque tinha uma pomada muito boa que fazia com que as melgas não me picassem. Eu, desconfiada, perguntei: «Como é que é possível?» Recordo-me de ver o seu espanto perante a minha genuína suspeita: «Como é que é possível o quê?» «Pôr a pomada nas melgas.» Por mais vezes que repita esta história à volta de mesas cheias, a minha mãe encontra sempre o meu olhar no fim do relato, e pergunta: «Lembras-te?» A pergunta ativa esse vínculo e, sob o esfumar dos risos da plateia, voltamos àquela noite em que eu era uma menina de cinco anos assustada, mas que não precisava de ter medo porque comigo estava a minha mãe, e uma mãe tem sempre uma pomada contra qualquer mal do mundo.

Às vezes, o «lembra-te» está implícito no reviver de uma memória tão vívida, que dispensa a pergunta. Todos se lembram, todos se riem.

Outras vezes, especialmente se envolver um grupo de amigos, o enredo vai-se montando: há um que não se lembra de nada, outro que não fixa pormenores, e, revivendo a história em modo de tapeçaria, um acrescenta aqui, o outro acolá, o novelo desemaranha-se. Uns vão contradizendo outros: «Não, isso foi noutra noite, nessa noite o segurança da discoteca ficou nosso amigo e foi tomar o pequeno-almoço connosco! Lembras-te?»

Adoro estar com amigos que se lembram das nossas histórias. Sacrificamos com gosto o presente por aquele passado em que éramos mais alguma coisa. Mais inconsequentes, mais aventureiros, mais divertidos.

Mas também há as histórias das quais não nos lembramos. E quem as conta é acometido pela urgência de que nos lembremos, acrescentando mais e mais elementos, até que se faça um pouco de luz. Como se só a nossa lembrança conferisse validação ao que aconteceu. Como se aquela memória tivesse de ser resgatada por todos os intervenientes, para que tenha efetivamente existido e possa perdurar no tempo. Se estou com dificuldade em recordar um episódio que me está a ser contado e no qual participei, tão bem contado, tão credível, tão verosímil e, mesmo assim, não me consigo lembrar, vem a outra pergunta, a que não esconde a desilusão: «Não te lembras?»

O «não te lembras?» também tem muito uso naqueles encontros com amigos dos pais que nos viram pela última vez quando éramos «assim», expressão acompanhada pelo gesto que assinala a nossa estatura naquela época.

A capacidade de sobrevivermos na memória dos outros trava as nossas inseguranças. Se vamos reencontrar alguém que não vemos há muito tempo e que admiramos, alguém que dificilmente se lembraria de nós, antecipamo-nos: «Não te lembras de mim, pois não?», como que para aliviar esse possível desapontamento.

E, se não tivermos por perto alguém com quem trocar a cumplicidade da memória, podemos servir-nos de um objeto, de um som ou de um cheiro, para que desempenhe o mesmo papel. Se começa a tocar a música que eu dançava com amigas, se sinto o cheiro do perfume de quem já partiu, se encontro a *polaroid* esquecida na gaveta. Se vou ao armário e está lá o chapéu que eu não largava naquele Verão, o postal que me enviaram de longe, o estojo preferido

da escola.

Há memórias guardadas no isqueiro que encontramos, e felicidade impressa num bilhete de avião antigo. Há objetos que nos apanham de surpresa, como se sussurrassem: *Lembras-te?*

A PARTE DE DENTRO

Tinha vinte e três anos e pouca atenção dava ao futuro. Acordei de madrugada, nervosa, fiz xixi para aquela espécie de termómetro e sentei-me no chão da casa de banho do apartamento da minha amiga Leonor, às seis da manhã, sem coragem para ver o que lá dizia. Dizia o que eu no fundo já sabia. Fiquei tão nervosa, que acabei por me sentir calma a outro nível. Fui ter com a Leonor e disse-lhe: «Estou grávida.» Ela, cheia de sono, deu-me os parabéns e tentou voltar a dormir. Eu também, mas nenhuma de nós conseguiu. Pensando bem, desde esse dia, não voltei a dormir em casa de uma amiga.

Depois, tudo foi sendo cada vez mais estranho. Toda a gente, de médicos a familiares, parecia concordar que eu estava na idade certa. A melhor idade biológica para engravidar, garantiam-me, servindo-se de estudos ou de casos de mães e avós que, aos dezanove, já tinham quatro filhos. Eu nunca tinha imaginado engravidar, fosse em que idade fosse, e ainda menos tão cedo.

Nunca tinha sonhado ser mãe, comecei a sonhar ser mãe nesse dia.

Sempre detestei que me tocassem, mas passei a ir com muita frequência à ginecologista, para ela me enfiar maquinas, para besuntar a minha barriga com um gel peganhento e pôr-lhe em cima

uma espécie de leitor de código de barras que me fazia sentir um produto com desconto no tapete do supermercado, e para ficar naqueles silêncios que me atormentavam. Eu perguntava logo, nessas alturas, muito aflita, se estava tudo bem, e graças a Deus foi estando tudo bem na parte de dentro, pelo menos na parte de dentro onde estava a minha filha.

No resto da parte de dentro, a parte de dentro que a circundava, a parte de dentro que ainda era eu, havia muito medo. Via vídeos de enfermeiras a darem banho a bebés recém-nascidos e tinha pesadelos em que deixava a minha bebé cair no chão como se fosse um sabonete molhado que me escorregava das mãos. O banho era o que mais me obcecava, falava disso a toda a gente, perguntava a outras mães como tinham conseguido.

Muitos banhos depois, e após ter quase enlouquecido nos primeiros tempos, do que agora me recordo é de, naqueles primeiros meses, o meu espírito ficar tão emaranhado como o meu cabelo, que já formava uma rasta, e de eu não ter tempo ou força para desembaraçar nenhum deles. Muitos banhos depois, dizia, ainda era o início.

A amamentação acabou por ser o mais difícil. Recebia em casa uma consultora de lactação, nome que parece o de uma executiva de multinacional, mas que era uma espécie de feiticeira, uma maga de voz baixa, que me falava de canais anatómicos do peito como um druida falaria de rios secretos numa floresta, que punha a minha filha a mamar e que me espremia as maminhas como se fossem limões sicilianos.

Enquanto ela estava por perto, eu acalmava. Quando ela ia embora, ficava eu com a ansiedade de separação de recém-nascido. Com o peito em pedra, encostava-lhe sacos de ervilhas congeladas. Acabei por desenvolver mastites, abcessos e depois uma espécie de quisto com nome de asteroide, «galactocèle». Leite, pus e sangue, incluindo uma operação e tormentas que não vale a pena especificar.

Atravessada a cordilheira do parto, passadas as tragédias da amamentação, cheguei aos vales da fisioterapia pélvica. Uma desconhecida de sorriso simpático pedia-me que acompanhasse notas musicais com os músculos pélvicos enfraquecidos, e eu dançava a dança mais improvável da minha vida, num vaivém de concentração

e vergonha.

Tudo foi melhorando devagarinho. A minha filha já tinha seis meses, e eu começava a recuperar. Até que, noutra manhã, voltei a fazer xixi para um pauzinho, e voltou a dar positivo. Grávida, aos vinte e quatro anos, pela segunda vez. Tudo recomeçou, mas desta vez eu já não sentia medo de deixar a minha filha cair durante o banho.

Hoje tenho trinta anos. Escrevi este texto enquanto as minhas filhas faziam desenhos. O que aconteceu parece-me já distante, como se pertencesse a outro corpo. As estrias, a diástase e as marcas no peito permanecem aqui, como se me quisessem assegurar de que foi comigo. E o colo e quatro pés na minha cara a meio da noite garantem-me que ainda é comigo, que vai ser sempre comigo.

OS 73 SEGREDOS DAS MENTES MILIONÁRIAS PARA UMA VIDA ZEN

Estou farta de gurus. Lamento se não vou a tempo de ser salva, de despertar o gigante que há em mim, de chegar à minha melhor versão, de fazer amigos e influenciar pessoas, de manifestar os meus sonhos, de saber os segredos da mente milionária, de pertencer ao clube das cinco da manhã, de ter pequenos hábitos para grandes resultados. Não quero saber da arte sueca para uma vida equilibrada, do caminho japonês para a felicidade, nem do segredo dinamarquês para um futuro melhor. Não quero trabalhar enquanto os outros dormem, nem quero ter uma vida mágica.

Quero, por favor, que parem com esta mania de ensinar aos outros o caminho para a luz. Limitem-se a viver. Parem de achar que descobriram a forma certa de estar no mundo em doze passos.

Não sintam que têm de impingir manuais de instruções para a vida. Já há peso suficiente sem as vossas regras e os 67 hábitos para fazer ao acordar. Vocês estão apenas a conseguir frustrar as pessoas, ou a criar alucinados. Não, vocês não despertaram. Vocês descobriram que se escreverem as mesmas frases infinitas vezes e falarem de coisas como energia quântica, as pessoas infelizes, por todas as razões que

factualmente existem para se estar descontente, vos darão dinheiro.

Quando é que o mundo se tornou nesta sessão interminável de desenvolvimento pessoal? É uma epidemia que transforma pessoas que leram dois livros de autoajuda em mestres espirituais e líderes corporativos. Estão a espalhar-se de forma descontrolada. E estão a conseguir converter cada almoço numa sessão de *coaching*. Eu não quero, antes de saber qual vai ser o meu prato, ter de dizer qual é o meu propósito na vida. Eu não quero que se sintam no direito de me revelar quem sou porque leram um livro que ensinava a decifrar pessoas. Nem que me indiquem o que fazer porque aprenderam que mergulhar em banheiras de gelo ajuda a reprogramar o sistema nervoso. Eu quero poder conversar e fofocar com as minhas amigas sem que o Universo esteja constantemente a meter-se na conversa.

Não quero competir no novo mundo do trabalho. Não quero, de todo, saber quais são as 48 leis do poder, nem o que fazem as pessoas altamente eficazes. Não preciso das ferramentas dos titãs nem das armas da persuasão. Não quero tornar-me sobre-humana. Se eu sou aquilo que penso, então sou uma pessoa que pensa em estar sossegada.

Quero poder distrair-me um pouco da vida. Quero comer bitoque, quero dançar, quero poder olhar aleatoriamente para o teto, quero ler histórias, quero descansar bem. E quero que o guru que está mortinho para saltar de dentro da pessoa que está a ler isto e que está a pensar que pode ajudar-me a melhorar com um esquema de *mindfulness*, por favor, não o faça. O meu segredo para uma vida mais feliz é não perder tempo nesta constante obsessão com os resultados e a paz interior. Eu encontro a paz interior quando não me encham a cabeça com frases de impacto, nas quais se repetem constantemente as palavras *gratidão* e *plenitude*.

A chave para viver o agora? Viver mesmo o agora, em vez de passar o tempo a tentar incorporar todas as etapas de uma lista infundável e inatingível.

Se fosse segredo, não vendia milhões de exemplares. Se fosse assim tão simples, a proporção entre milionários e as restantes pessoas não seria tão desequilibrada.

O caminho para uma vida *zen*? Parar de ler livros com milhares de obrigações encapotadas de conselhos, com julgamentos moralistas encapitados de dicas de bem-estar, e com frases passivo-agressivas,

perigosas e disfarçadas de sabedoria, como «para seres rico, basta queres».

Vários filósofos dedicaram as suas vidas a estudar e a tentar alcançar o sentido da existência. Estas são questões que se colocam desde sempre, ainda que a cada dia apareçam *bloggers* que se garantem aptos a esclarecer a Humanidade, porque encontraram a luz numa viagem a Bali.

É claro que há exceções e pessoas que efetivamente ajudam muito os outros. Mas depois há os palestrantes milionários a ensinarem aos outros como viver. Se eles são o exemplo, corremos o risco de entrar num *loop* infinito, em que a única forma certa de viver é estar constantemente a ensinar aos outros como viver. Até que, de repente, ninguém vive. Não descansarão enquanto não acabarem com a vida como ela é. Por este andar, a vida irá transformar-se numa infinita palestra motivacional.

DEAR, DIRTY DUBLIN

Não levo o *Ulisses* porque é pesado. É pesado em muitos sentidos, mas falo do peso que as companhias aéreas *low cost* políciã. Um *Ulisses* equivale a três camisolas e um *nécessaire*. O *Ulisses* fica para trás. Mas não completamente. Joyce já tinha transformado Dublin na protagonista. A sua intenção era que, se, por algum motivo, Dublin desaparecesse da Terra, fosse possível reconstruí-la através do *Ulisses*. Reconstruir uma cidade com um livro.

Talvez ele tenha conseguido, porque cheguei a Dublin e fiquei com a impressão de que já lá tinha estado. E com a sensação de não ter percebido bem. Em qualquer reconstrução, há sempre alguma coisa que escapa.

James Joyce, W. B. Yeats, Oscar Wilde, Samuel Beckett, George Bernard Shaw, Anne Enright, Jonathan Swift, Sally Rooney, Seamus Heaney, John Ballville. Um país de escritores. Talvez, como disse a brincar uma guia turística, porque não haja muito mais para fazer. Um país onde se escreve, onde se lê e onde se bebe cerveja. Não sinto dificuldade em gostar deste país.

A Irlanda é verde. Verde nos campos, verde no trevo, verde no chapéu de St Patrick, verde nas lojas de recordações, verde nos uniformes. Mas reparo que Dublin é também vermelha. Um vermelho

cor de terra.

Em cada paragem dublinense, o reconhecimento de qualquer coisa que me parece familiar. Os rituais, os jardins, os artistas, os bares.

«*I'd like to see the deer*», digo ao taxista: «*Oh dear, oh dear*», responde-me. *Dear, Dirty Dublin*. Veados e bâmbris no Phoenix Park, amontoados. Corro na direção deles, e eles fogem de mim. Sou humana.

Oscar Wilde. O dândi. O homem dos aforismos. Aquele que nunca sonhou vir a constar na legenda de tantos *posts* de Instagram. A estátua de Wilde em cima de uma pedra. No rosto, a expressão de alguém que disse: «Posso resistir a tudo, menos à tentação.» Com a sua cara, portanto. A importância de ser Wilde.

No hotel, na televisão, está a ser transmitido um jogo que me chama a atenção. Parece futebol, joga-se num campo de futebol, mas não só chutam, como apanham e passam a bola com a mão. Driblam como no *basket*, dão encontrões como no rãguebi, servem como no vôlei. Futebol gaélico, assim se chama. Parece-me uma espécie de desporto de sonho. Fiquei com vontade de o ter jogado na escola.

Comprei uma boina. Na Irlanda, uso boina. Penso em Joyce de boina. E nos *Peaky Blinders*.

A biblioteca de Trinity College. Livros até ao céu. Um escadote de madeira para se chegar aos que estão mais alto, mais longe. As linhas verticais das lombadas e a linha diagonal do escadote. Uma escada para o conhecimento.

Temple Bar. O *folk*. Cerveja *Guinness*. Cerveja escura. «As coisas boas são em pequenas porções», vem no *Ulysses*. A cerveja é boa, mas vem num balde.

As fábricas de cerveja. A energia de comunhão dentro de um *pub*, a cantar em unísono com desconhecidos. Está frio lá fora. Penso nas tabernas antigas. O gaélico tem semelhanças com as línguas nórdicas. Tem a influência dos *vikings*. Numa placa de direção, leio «Achar fada». Gosto de encontrar português aleatório noutras línguas. Parece um desígnio. Tenho vontade de achar a fada. Talvez como Yeats. O misticismo, as lendas celtas, os duendes.

«*Dear Yeats*», lê-se no começo de uma carta de Joyce. *Oh dear*. Num museu, o funeral de Yeats a ser transmitido numa televisão antiga. Atrás de uma vitrine, os óculos e uma mecha do cabelo de

Yeats. E o seu mapa astral.

A estátua de um mendigo deitado num banco. Um banco de jardim inutilizado pela estátua de um mendigo a dormir. Eis a estátua mais forte que já vi. As estátuas costumam representar reis, generais, imperadores. Ali, quem verdadeiramente habita aquele lugar é um mendigo. Uma estátua erigida em homenagem a uma pessoa sem abrigo. Não sei se era esta a ideia, mas não importa.

Brazen Head. O *pub* mais antigo da Irlanda. *Stew*. Guisado com puré. E daqui parto para a Irlanda que em tempos ficou isolada. O povo, incluindo muitas crianças, não tinha o que comer. Jonathan Swift escreveu um conto onde sugeria que se comessem as crianças, assim declinando um certo tipo de ironia e um certo tipo de humor.

Os postos de correio vermelhos foram pintados de verde. A Irlanda ainda está zangada com a Inglaterra. Sente-se, porque o tempo da História demora a passar e o esquecimento ainda mais.

Os nomes. O'Malley, O'Connor, O'Neil, O'Brien. *Oh dear, oh dear!* O vestígio irlandês nos nomes dos tantos que emigraram. Lembro-me de Conan O'Brien. E, no *Ulisses*, O'Hagan, O'Connel, O'Molloy. «Ai-ô, Ai-ô, Ai-ô!»

Chego a um lago que está congelado, fazendo com que as gaivotas se atrapalhem. Vejo as balas do IRA expostas num museu. *Oh dear.*

Os U2. A presença universal de Bono Vox. Achar fada. Molly Malone. Turistas interessados no seu decote de bronze. O rio Liffey. Os becos. As tomadas de três pinos. No regresso, trago bases de copos. Um chocolate muito barato que comprei na rua e que estava fora do prazo. Voo na Aer Lingus, a companhia aérea local. O símbolo é um trevo. Faço votos de um dia regressar, de preferência no Bloomsday. A última frase do *Ulisses*: «Sim eu disse sim eu Quero sim.»

Dear, Dirty Dublin.

SEPARAR É FODIDO

É fodido porque dizíamos que connosco não ia ser assim. É fodido porque acreditámos que faríamos diferente dos nossos pais. É fodido por causa dos «para sempre», dos planos, da Disney e do Natal. É fodido pelos desenhos de mãos dadas, pelas perguntas, pelas mudanças. É fodido por termos de nos mostrar seguros e fortes, estando inseguros e frágeis. É fodido porque há burocracias, coisas a tratar, bens que parecem males. É a decisão certa, mas não é por sê-lo que se torna menos fodido. É fodido porque se fosse lixado eu escreveria que era lixado, mas não. É mesmo fodido.

É fodido porque não faço ideia de como se explica uma separação a crianças, mas toda a gente sabe ou parece saber. É fodido porque separar significa não voltarmos a estar todos juntos de pijama. É fodido por causa do passado, das lembranças e do apego. É fodido por causa do futuro, das incertezas e do medo. É fodido porque é deixar para trás. É fodido porque as filhas sentem e, quando as filhas sentem, eu sinto mais. É fodido por causa do olhar compassivo dos cães. É fodido porque é preciso gerir o tanto que há para fazer e o tanto que dói.

É fodido porque as pessoas olham para mim com pena e eu quero explicar que não é para ter pena, porque é pelo melhor. Há também

quem celebre, e eu peço que não o façam, peço que percebam que é fodido.

É fodido porque não há tempo para chorar e, quando não há tempo para chorar, o choro arranja o seu tempo e intromete-se no meio de uma reunião com a educadora da escola.

É fodido porque queria conseguir escrever sobre outros assuntos e não consigo. É fodido porque queria ser capaz de fazer um texto bonito sobre isto, de falar da separação como um renascimento, de usar metáforas que envolvam dois rios que seguem o seu próprio caminho, ou de discorrer sobre o poder feminino, mas só consigo ser básica e dizer que é fodido.

O dicionário de sinónimos diz que separar é: desagregar, partir, fender, desmembrar, desavir, indispor. Ou, por outras palavras: é fodido. Mas o dicionário também diz que é: escolher, distribuir, destinar, guardar. Sim, o dicionário está tão confuso quanto eu. A verdade é que, sendo fodido, também é bom.

É bom porque é um movimento de esperança numa coisa melhor. É bom porque não vou ser a mãe que diz que quer que os filhos lutem pela felicidade, mas não luta pela dela. É bom porque descobri que tenho força. É bom porque é uma escolha.

É bom porque é pelo bem de todos. É bom porque vai ser bom. É bom porque estamos todos a sentir.

É bom porque o tempo ajuda a que a voz não trema, a converter a mágoa em carinho e a perceber que há casos em que é preciso que a família se quebre para continuar inteira. É bom porque há separações que são mais vitória do que fracasso.

É bom porque fodido, fodido, é não ser feliz.

LINHA DE APOIO À INSÓNIA

Bom dia, bem-vindo à sua insónia. Esforçamo-nos por lhe prestar o atendimento mais personalizado possível, indo ao encontro das suas necessidades. O seu contributo é importante para nós. Obrigado por ficar acordado connosco.

Se quiser revirar-se na cama e pensar sobre coisas absolutamente irrelevantes, prima 1.

Se quiser desesperar e considerar cenários hipotéticos horríveis e tenebrosos, prima 2.

Se quiser contabilizar as horas de sono de que ainda dispõe, prima 3.

Se quiser imaginar como será o seu funeral e quem vai ficar mais triste e chorar mais, prima 4.

Se quiser concentrar-se no barulho do relógio da cozinha, prima 5.

Se quiser pensar em todas as tarefas que tem para fazer e sentir uma culpa paralisante, prima 6.

Se quiser entrar em pânico a achar que a sua casa está a ser assaltada, prima 7.

Se quiser lembrar-se dos momentos mais embaraçosos da sua vida e passar por uma vergonha insuportável, prima 8.

Se quiser pensar nos rumos diferentes que a sua vida podia ter tomado, caso tivesse feito escolhas diferentes, prima 9.

Se quiser falar com um assistente, prima *

Para voltar atrás, prima #

2. A terceira guerra mundial vem aí. Devia começar a pensar em construir um *bunker*. Se calhar não é assim tão descabido. Talvez convoque todas as pessoas próximas, para construirmos um *bunker* coletivo. Mas, se as pessoas próximas chamarem todas as suas pessoas próximas, o *bunker* fica cheio e tem de ser do tamanho de Portugal inteiro. Se calhar, vamos ter de ir para o metro. Todos no metro. Se calhar, vai começar a guerra nuclear. Ou talvez estejamos na iminência de uma guerra química. Se calhar, vêm mesmo aí os *aliens*. Ou uma epidemia de fungos, como no *The Last of Us*. Tenho de arranjar mantimentos. Tenho de pensar em esconderijos. Sim, pensar em esconderijos e não naquela velhota com tentáculos a saírem da cara... Voltar atrás, voltar atrás! Cardinal, cardinal # # # # # # #

1. No Brasil, comem puré com arroz, e eu não estava bem preparada para este debate. Quando afirmei que isso era um absurdo, disseram-me que também se come batata com arroz. E têm razão. Qual era a alcunha do meu professor de Educação Física na primária? Não me lembro. Seria fundamental lembrar-me disso agora. E porque é que no *Harry Potter* deixaram de contar os pontos e de fazer a festa das equipas depois do primeiro livro? #

3. Se adormecer agora, durmo cinco horas e meia. Acho que agora, agora, não consigo, mas se adormecer daqui a uma hora, durmo quatro horas e meia. A partir daí é que já inviabiliza totalmente o meu dia de amanhã. De amanhã, ou seja, de hoje. Sim, amanhã já é hoje. Amanhã já é hoje e eu ainda não dormi nada. Mas talvez consiga pôr o despertador para um bocadinho mais tarde, isto, claro, se elas não acordarem antes. #

5. *Tic-tac-tic-tac-tic-tac-tic-tac* #

4. Um dia, toda a gente que conheço vai morrer. Eu também. Vou

morrer, um dia, vou morrer. E esse dia pode ser hoje, é um dia tão válido como qualquer outro. Esta dor de cabeça pode ser já o primeiro sinal. Todos os meus amigos vão encontrar-se à noite ao pé da igreja e abraçar-se com saudades minhas. Será que alguém não vai? Fico ofendida. Mesmo morta, fico ofendida. Se calhar, tenho de enviar mensagens só para saberem que não é por estar morta que não fico ofendida. Já estou. Espero que os meus pais se recomponham. Espero que saibam que eu não quero que eles deixem de viver. Chorem um bocado, mas não se vão abaixo. Também não se recomponham demasiado depressa. E os meus amigos, que chorem, sim, mas não deixem de aproveitar. Também não vão logo sair à noite. Vou julgar. Vou julgar a partir do além-mundo. De que será que vão falar? Gostava de ser mosca. Se calhar, posso ser, volto como mosca. Se aparecer uma mosca, não a matem. Provavelmente sou eu. #

5. *Tic-tac,-tic-tac-tic-tac-tic-tac*

6. O último dia para validar as faturas nas Finanças foi ontem ou é hoje? E a renovação de matrículas das escolas? Preenchi, mas acho que não enviei. Será que enviei? Tenho de responder às mensagens que ficaram por ler. Dei os parabéns à minha tia? Tenho de rever o texto. Bolas, não tirei os bifés de frango para descongelarem! #

9. Devia ter feito os exames de Inglês e, por esta altura, saberia escrever e falar bem em inglês, o que me teria dado muito mais oportunidades. E talvez devesse ter-me dedicado ao TikTok. O TikTok afinal bombou e eu não entrei a tempo e agora perdi a onda. E entrar agora vai ser estranho, como quando entrei na aula de Zumba e já toda a gente sabia a coreografia e eu só atrapalhava e dava encontrões e a professora dizia, de forma condescendente, que não tinha mal e que a turma acolhia, mas eu não senti que a turma me acolhesse, e foi tanta pressão, que nunca mais voltei. #

5. *Tic-tac-tic-tac-tic-tac*

2. De certeza que vem aí um sismo de proporções assustadoras, tenho de pensar no plano de resgate. Tenho de ir primeiro à escola das minhas filhas, a acelerar. #

8. E aquela vez em que estava ao telefone com uma brasileira e ela dizia «pois não»? E eu perguntava, «pois não o quê?», tempos a fio, até perceber que «pois não» é uma forma de dizerem «sim». Ou quando estava a marcar uma coisa por mensagens, no Brasil, e responderam «demorou», e eu me indignei e disse: «Não, não demorei, respondi logo a seguir.» E «demorou» afinal era uma expressão de concordância. Ou quando fui fazer análises de urina e a senhora da receção pôs o frasco com a minha urina no balcão, de forma que toda a gente da sala pudesse ter uma visibilidade direta, como um cálice num altar. Ou a vez em que... #

7. Foi o camião do lixo ou foi alguém a arrombar a porta? O camião do lixo não costuma vir a esta hora. Vou tapar-me mais com o cobertor, para afastar os ladrões. Será que tenho alguma janela aberta? Ou foi a porta de entrada? Se assim foi, já entraram. Já entraram e vêm diretamente ao meu quarto. É o fim.

A MULHER IMUNDA E OUTRAS HISTÓRIAS

Uma vez, quando tinha quinze anos, no Carnaval, à entrada da escola, um rapaz que já devia ter uns dezoito e que andava com uma arma de brincar, com balas de borracha, disparou contra mim e acertou-me na perna. Senti uma dor forte, e até cheguei a tropeçar e a cair no chão com o susto e o impacto.

Quando cheguei a casa, contei à Gracinda, a empregada que trabalhava connosco nessa altura, o que tinha acontecido. Mostrei-lhe a pequena nódoa negra, do tamanho de um amendoim, que tinha na barriga da perna, descrevi o rapaz e a arma, que pretendia imitar uma caçadeira, mas de plástico, «do estilo das que usam por vezes na polícia para treinar», e manifestei a minha irritação com o rapaz, por ele ser mais velho, por não me conhecer, por ter fugido logo a seguir e porque podia ter sido perigoso se me tivesse acertado no olho, por exemplo. A Gracinda não disse grande coisa, mas ouviu-me e concordou comigo. Depois, esqueci o assunto, lanchei e fui com uma amiga ao cinema.

Passadas umas horas, a minha mãe chegou a casa e foi sentar-se ao computador, na sala. Daí a pouco, a Gracinda apareceu à porta,

circunspecta, e anunciou, devagar e em voz baixa: «Eu não a quero assustar, mas a Madalena levou um tiro.»

Desta parte, chegou-me apenas o relato da minha mãe, que descreve que nesse momento ficou com a visão turva e se sentiu prestes a desmaiar. Começou instantaneamente a tremer e a chorar. A Gracinda aproximou-se e continuou a história, no seu tom grave: «Foi à porta da escola. Apareceu um homem, com uma caçadeira, daquelas com as balas que eles usam na polícia, sabe? Deu-lhe um tiro. Fugiu logo a seguir. Ela assim como leva com o tiro, assim é projetada. Depois caiu no chão. E agora está com um hematoma.» A minha mãe, aos prantos, desesperada, perguntou onde estava eu, ao que a Gracinda respondeu: «Foi ao cinema.»

Não me esqueço desta história, não só porque me lembro de pegar no telemóvel, depois do filme, e de ver centenas de chamadas não atendidas, como porque sempre me fascinaram os mal-entendidos e os equívocos. Sempre foi o tipo de histórias que me deu mais vontade de rir. Lembro-me de várias que aconteceram na minha família.

No Norte, a minha avó tinha uma vizinha que a descrevia com o máximo respeito. «A Dona Paula é uma mulher imunda.»

Ela queria dizer que a minha avó era uma mulher fantástica, do outro mundo. Desde então, usamos o termo *imunda*, em família, com esse sentido.

Outra vez, uma senhora, com a intenção de elogiar a minha mãe, disse-lhe: «Você parece muito mais nova. Se não fosse pela cara, ninguém lhe dava a idade que tem.»

Ou quando o meu tio, nas férias, estava a ler um livro chamado *A Amante Dinamarquesa*, e a dado momento apareceu no jardim onde estávamos todos e perguntou à minha tia, sua mulher, para nosso espanto: «Viste *A Amante Dinamarquesa*? Não a encontro em lado nenhum.»

Quando eu era pequena, dormi em casa de uma amiga da minha mãe cujo filho era mais velho e se chamava João. Ela disse-me: «Amanhã vais para a escola com o João a guiar.» Eu não consegui conter a excitação, porque na altura adorava os livros d'*O Bando dos Quatro*: «Com o João Aguiar? Não acredito! É o meu escritor preferido!»

Não sei porque me divertem tanto os pequenos mal-entendidos.

Quando testemunho um entre duas pessoas, sinto um prazer secreto em observar em silêncio. Adoro quando percebo o que está a acontecer, o que cada lado está a entender, e sinto satisfação em não desfazer o equívoco, em não intervir logo para ajudar a solucionar, em deixar que o desentendimento se prolongue.

Se for muito trágico, não é bom deixar o assunto correr, claro. Mas a verdade é que, quanto mais trágica, melhor a história. Apesar do transtorno que causou aos meus pais, nunca me vou esquecer do dia em que eles e a polícia estavam à minha espera à porta do cinema.

AMOR DE AVÓ

Tenho seis anos. Na televisão, há desenhos animados, eu estou a beber um leite com chocolate *Ucal* e, da cozinha, vem o cheiro reconfortante de alguma coisa muito boa a ser preparada. Tudo isto é sinal de que estou em casa da minha avó.

A minha avó fazia-nos gemadas, que é assassinato de pintainhos e diabetes numa tijela. Mas isso é hoje. No ano 2000, era amor em forma cremosa e tonalidade amarela. A casa da minha avó era o refúgio. Bastava passar aquelas portas, e logo me tornava criança. Ali recebia colo, apoio e ausência total de julgamento. Que tinha a casa de tão especial? Objetivamente, excesso de bibelôs, cortinas pesadas, *naperons*. Molduras com antepassados sisudos a preto e branco, atrás de molduras com fotografias coloridas de bebés sorridentes: nós, os netos, simbolizando talvez a cor que ela sempre dizia que trazíamos à sua vida. Aquela casa tinha muita tralha. Mas tinha, sobretudo, a minha avó.

Nos trinta metros quadrados de sala, havia um mundo de infinitas possibilidades: as almofadas transformavam-se em castelos, os bancos, em torres, os sofás, em barcos. Não havia limites para a aventura. As vozes das novelas brasileiras que às vezes se elevavam e reverberavam da televisão — «Porque você fez isso comigo, Reinaldo?» —

tranquilizavam-me e asseguravam a presença da minha avó, umas divisões ao lado. Era como se as nossas brincadeiras fossem abençoadas pela energia de avó. A avó que protege e, acima de tudo, perdoa. E o perdão tinha muito uso, naquela terra sem lei, onde bolas e *diablos* derrubavam *abat-jours*, quebravam vasos, partiam pratos. Brincávamos sem parar, e era diferente do brincar da escola ou de casa, onde éramos regidos por um sistema penal mais duro, à base do crime e castigo. A avó era uma espécie de Supremo Tribunal. O limite de açúcar poderia ter sido estabelecido com veemência, com penalizações conhecidas e temidas, mas ali a pena seria suspensa e, mesmo que chegasse ao conhecimento dos pais, sairíamos absolvidos dos delitos cometidos.

À nossa avó eram permitidas explicações acerca de fenómenos que nunca nos tinham sido apresentados e que nós jamais quereríamos que nos fossem elucidados pelos pais. Por exemplo, o incompreensível fenómeno do sexo. Deparando-nos com uma dessas cenas, por sinal, bastante gráfica, na televisão, ficámos hipnotizados, aterrorizados perante uma nova e esquisita possibilidade. «Aquilo é muito bom para quem lá está, mas não há necessidade de vermos tanto», resumiu a minha avó, despreocupadamente, enquanto mudava de canal. É claro que o assunto não acabou ali. Associar uma avó a um ato horrífico daqueles e ainda apelidá-lo de *bom* não poderia ficar por ali: «Mas a avó já experimentou aquilo?» Ficámos na ignorância. Uma das lições da minha avó era nunca falar demais e saber dar uso ao silêncio.

Uma vez, saí de casa da minha avó para ir à Feira Popular. Ao verme sair sem casaco, não escondeu a preocupação. Teimosa, rejeitei. Estava eu nos carrinhos de choque, absorvida pela adrenalina, quando se ouve, pelos altifalantes: «Madalena, Madalena, está aqui a sua avó para lhe dar o casaco.» O que nesse momento me encheu de vergonha, hoje enche-me de saudades.

A casa da minha avó era um paraíso fiscal, onde acumulávamos capital e lucrávamos em gomas, ovos *Kinder* e *Lego*, com total sigilo. Era, ao mesmo tempo, um abrigo. Se, noutras ocasiões, a rua era o maior chamariz, quando ali estávamos, protegidos por aquela aura benevolente, com uma despensa cheia de chocolates, o mundo lá fora perdia todo o interesse. Se, por algum motivo, havia a necessidade de ir à rua, era um acontecimento. A preparação tinha a dignidade

daquela que antecede um combate. Havia *écharpes* pousadas sobre os ombros, batom vermelho cirurgicamente aplicado com uma só mão, sem extravasar o rebordo nem um milímetro. A outra mão ia removendo, em gestos lentos, as molas do cabelo, que apenas então eu percebia que ali tinham estado o tempo todo. Calçavam-se as luvas e o perfume era borrifado em redor de todo o corpo. No fim, ela olhava-se ao espelho, pegava num cilíndrico *spray* dourado e com ele pulverizava dramaticamente o cabelo. Uma névoa de cheiro intenso invadia a casa de banho, a minha avó atravessava-a em passos determinados e surgia ao pé de mim, gloriosa. Estava pronta.

Era um espetáculo que me causava inegável admiração. Para uma criança como eu, ainda sem total domínio das suas capacidades motoras, que ainda se esforçava por pintar dentro das formas dos desenhos, aquilo era uma lição de controlo e coordenação. Ao mesmo tempo, observar aquele ritual transmitia-me segurança e conforto.

O mundo era incerto e cruel. Mas, ali, eu teria sempre amparo. E quando sentia uma dor de garganta, real ou menos real, isso significava um dia longe da escola e um dia extra de avó. Quem não exagerou uma dor de garganta para ter doses suplementares de avó, que atire a primeira pedra. A avó topava sempre os nossos exageros, mas nem por isso nos punia. Pelo contrário, compensava-nos com mais mimo, percebendo que os crimes tinham origem em carência emocional e que a solução passava mais pelos abraços do que pela repreensão.

O transe daquele mundo encantado era apenas quebrado pela fatídica hora de ir embora, materializada pela chegada dos pais, os corta-ondas, os quebra-festas. Mas era necessário um desmame: «Daqui a quinze minutos, vamos embora», anunciavam.

Não houve vez em que eu não visse a minha avó à varanda, à espera de que eu entrasse no carro. Dizíamos adeus até ao virar da esquina, e aí começava o duro processo de reintegração na realidade.

Há um mês, partiu. Foi assim que a minha mãe me contou. «A avó partiu.» Uma parte de mim esperou que a frase continuasse: «A avó partiu a anca.» Mas o silêncio que se seguiu confirmou a intransitividade do verbo e a conseqüente intransitividade da vida.

Desde então, tem sido tudo estranho, como um passeio num dia frio sem casaco, uma despensa sem chocolates ou uma varanda vazia,

sem ninguém a ver se entrei segura no carro.

A MULHER SOZINHA

Nada desperta no ser humano tanta pena e simultânea vontade de agir como a presença de uma mulher sozinha. Quando pesquiso, num banco de imagens, «mulher sozinha», aparecem-me fotografias de mulheres encostadas a vidros embaciados, a contemplar o horizonte, a abraçar uma almofada, a chorar, ou com a cara enterrada nas pernas, ao fundo de um corredor. Na nossa cabeça, a mulher sozinha ainda é a Bridget Jones a comer uma caixa de gelado e a chorar ao som de *All by myself*.

É muito difícil para muita gente suportar, não a própria solidão, mas a solidão alheia. Num jantar com amigas, percebi que estavam com pena de mim. «Estás sozinha?» Como quem diz: «Coitadinha...» Sozinha tem de ser coitadinha, tão abandonadinha, tristonha e pequenininha, com uma mantinha. Da pena depressa se passou a um conluio para me ajudarem a acabar imediatamente com o flagelo, através de sugestões e palavras de incentivo: «Instala o Tinder», «Vai ao bar X», «Vai acontecer quando menos esperares». Ainda não se tolera que alguém permaneça sozinho, sem estar desesperadamente à procura de outra pessoa. Em algum lugar do nosso imaginário, uma mulher sozinha ainda é a mulher na torre à espera que chegue o seu cavaleiro.

«Só», segundo o dicionário, é «sem companhia». Estar só é, logo na definição, estar *sem*. Se uma mulher está só, há que preencher essa ausência. Quando penso na palavra «só», penso numa idosa viúva, vestida de preto, que não sorri há vinte e três anos. Talvez porque a palavra «só» seja tão pesada, sentimos necessidade de a amenizar e de inventar a palavra «sozinha». Um diminutivo condescendente, que torna o termo ainda mais triste.

A verdade é que estar sozinha pode ser ótimo. Devia haver uma palavra para a solidão boa. Para quando não estamos minimamente tristes, mas, pelo contrário, muito felizes e agradecidos por estarmos sozinhos. Talvez *sozaça*, *sozona*, ou *sozante*. Assim, sempre que estivesse numa praça de alimentação a comer, com fones nos ouvidos e um livro na mão, e um conhecido se aproximasse de mim com a expressão compungida de quem vem resgatar um cão do canil, e dissesse, «Estás sozinha? Vem comer connosco!», eu poderia transmitir a essa pessoa que não estou num estado de miserável solidude, mas sim da mais pura felicidade solitária. E que é penoso sair desse estado para me juntar a uma mesa cheia de gente e ter de fazer conversa de circunstância. Poderia dizer: «Ah, não, não! Achaste que eu estava sozinha? Nada disso, eu estou sozaça!»

A solidão pode ser muito boa. Pode trazer uma felicidade profunda e momentos de paz que nenhuma companhia traria. Quando estou no sofá a ver uma série, com uma taça de gelado nos joelhos, não tenho vontade nenhuma de chorar. Antes me apetece cantar *All by myself, I wanna be*.

POST-IT

Diminuir o tempo de ecrã. Perder três por cento de massa gorda. Ler as notícias do dia. Não me enervar com as notícias do dia. Chegar menos atrasada aos compromissos. Não marcar tantos compromissos. Não deixar mensagens lidas no WhatsApp, pensando que depois respondo, e depois esqueço-me. Não adiar dar os parabéns, porque depois esqueço-me. Não querer discutir com pessoas que votaram na extrema-direita. Não fazer da conversão dessas pessoas a minha missão imediata.

Resistir a fazer análises psicanalíticas das pessoas o tempo inteiro. Não corrigir mentalmente o português das pessoas. Não corrigir oralmente o português das pessoas. Não construir tantos objetivos pela negativa.

Aprender finalmente a cozinhar. Reduzir drasticamente o açúcar. Reduzir consideravelmente os advérbios de modo.

Arranjar uma planta. Manter a planta viva. Ir ver mais filmes à Cinemateca. Parar de desejar secretamente que a Cinemateca tenha pipocas.

Ter finalmente a coragem de dizer que não gosto de discotecas, nem de rúcula, e não deixar que me impinjam nenhuma das duas.

Pôr protetor solar nos ombros. Lembrar-me de levar os sacos para

o supermercado. Ler mais poesia. Treinar tríceps. Começar a pôr creme de dia. Acabar o livro. Comprar lâmpadas de luz amarela. Dançar com as minhas filhas. Tentar gostar de gengibre. Endireitar as costas. Ir ao concerto do Chico Buarque. Manter o carro limpo. Ter mais carimbos no passaporte.

Não levar a peito nem ficar com vontade de chorar quando não tenho nenhuma resposta num grupo de WhatsApp. Não estar em tantos grupos de WhatsApp. Sair da minha zona de desconforto.

Voltar ao Brasil. Voltar ao dentista. Voltar à psicanálise. Parar de querer a aprovação de desconhecidos. Ler os sete volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*. Apagar o LinkedIn. Não tentar adivinhar o ascendente astrológico das pessoas. Pendurar os quadros. Ser menos dependente emocionalmente. Ser menos dependente do GPS.

Estudar mais História. Beber mais água. Fazer o meu próprio IRS. Andar mais de bicicleta. Ensinar as minhas filhas a andar de bicicleta. Arrumar gavetas. Perceber Lacan. Viajar. Amar. Abraçar. Não me queixar. Parar de rimar. Aceitar que talvez nunca vá perceber bem Lacan. Ligar mais aos meus pais. Escrever mais à mão. Reduzir os hidratos de carbono à noite. Reduzir os *emojis* de chorar a rir. Rir com os meus amigos.

Perder o medo de palhaços, de mecânicos e de ir ao oftalmologista.

Aumentar a imunidade. Fazer voluntariado. Arranjar uma agenda. Ir ao teatro. Comer menos carne. Tomar menos *Brufen*. Não assumir que tenho de preencher todo e qualquer silêncio em convívios de grupo. Postar menos. Passar menos tempo dentro do carro. Dizer menos «oh, pá» e «tipo».

Ir tomar os cafés prometidos e não realizados. Desistir de anotar nos objetivos «comer menos chocolate». Desistir de fazer as sobranceiras. Caminhar todos os dias ao pé do mar. Escrever menos crónicas com factos irrelevantes sobre mim.

A HORA DELAS

Lá foram. Prontas para fazer do recreio o seu mundo e do mundo o seu recreio. Demoraram a largar-me as pernas, por entre as quais espreitavam para todos aqueles pequenos seres, seres do seu exato tamanho.

Talvez pensassem, como a criança que fui, que aquilo era uma espécie de paraíso, cheio de amigos, baloiços e brinquedos. Ou talvez pensassem no que pensei agora, do alto da minha estatura de pessoa adulta (que nunca foi tão evidente): que todos aqueles microindivíduos saltitantes eram diabinhos portadores de ranho, arrancadores de cabelo, influências duvidosas. Talvez pensassem noutra coisa. Talvez tivessem medo, talvez tivessem curiosidade. Talvez sentissem o mesmo que Bernard Shaw quando disse: «Desde pequeno tive de interromper a minha educação para ir à escola.» E assim lamentassem o inconveniente de interromper a sua educação à base de castelos na areia e *Patrulha Pata*, para ingressarem naquele antro ruidoso a cheirar a sopa.

Aos poucos, largaram-me as pernas e deram-me a mão. Depois, largaram-me a mão e do nada já estavam em cima do escorrega.

Talvez, afinal, me custe mais a mim. No fim das férias, já ansiava pelo dia em que começariam as aulas, para delegar a outros ouvidos

os seus gritos e a outros colos as suas travessuras. Mas, quando finalmente chegou, o alívio veio misturado com o vazio e com a culpa de lancheiras preparadas à pressa, onde o espaço livre de quem ainda não alia o sono à imaginação e à nutrição deita por terra o carinho com que se embrulham as sanduíches.

O meu coração ainda se estreia na arte de dividir com outros o tempo que era nosso. O nosso tempo dá lugar ao tempo delas. Lá ficaram em cima do escorrega, com outras crianças a fazerem fila atrás, a guincharem pelo parque, a locomoverem-se de forma descoordenada em pequenos tratores de plástico.

Fiquei encostada a uma árvore, a ver se detetava possíveis *bullies*, a lembrar-me da minha infância, que escorregou depressa demais, a observar aquele exército de alegria, nódoas e viroses, até a minha letargia ser violentamente quebrada pelo soar do sino, tal como acontecia nos meus tempos de escola.

Uma educadora veio avisar-me de que já tinha passado a hora dos pais.

Já passou a hora dos pais e já passou a minha hora, a minha hora de me empoleirar no escorrega, de apanhar bolotas, de ter quem me limpe o queixo e me encoste algodão com *Betadine* no joelho. A minha hora já passou há muito e a delas é agora, está a passar, e quanto mais passa, mais me arrependo de um dia ter desejado que passasse. Porque de repente, e sem que nada o fizesse prever, podemos dar por nós a destoar, como adultos imóveis e melancólicos encostados a uma árvore num parque infantil.

Era claro, ao ver todas aquelas criaturas de chapéus coloridos e bibes, que eu não pertencia ali. Com o dramatismo aut centrado de pais de crianças pequenas, virei costas e, sem olhar para trás, engoli em seco: «Agora, estão com os delas.»

É a hora delas, o início dos seus percursos. Só posso desejar que sejam percursos muito felizes. Que lutem pelo que querem, que façam o que amarem. (E, se possível, que amem Medicina, dava jeito pelo menos uma médica na família.)

O CLICHÊ E O ROBÔ

Comecei a conversar com um *chat* de Inteligência Artificial, meio fascinada, meio assustada, como a maioria de nós. Estas ferramentas têm sido anunciadas como potenciais assassinas das profissões criativas. Nas minhas trocas de mensagens com o *chat*, nas quais pedi que ele produzisse textos, crônicas, cartas de amor e poemas, apesar de ficar surpreendida, senti-me, sobretudo, sossegada. À medida que ele me falava da «alegria contagiante», da «brisa leve da manhã» ou da «Primavera da vida», percebi que este instrumento, no estágio em que se encontra, é um produtor de clichês. Estando o clichê, por natureza, nos antípodas da originalidade e da criatividade, fiquei mais descansada. O lugar-comum é o lugar de onde qualquer criativo quer fugir. É um trabalho difícil, o mundo é uma sequência de lugares-comuns e de frases feitas nas quais todos tropeçamos. É preciso um esforço tremendo para que não se diga «esforço tremendo». A dor não tem de ser lancinante, nem a maioria tem de ser esmagadora, nem o acordo tem de ser tácito.

O clichê é, em si, um comportamento robotizado. Li que a própria palavra tem origem num comportamento robotizado. Vem do francês e, no âmbito da tipografia, supostamente, imitava o som que a matriz do tipógrafo fazia quando batia no metal.

O clichê é o que nos torna robôs, é uma programação para dizermos as coisas sempre da mesma forma, infinitamente repetida. É uma programação inconsciente que quase nos faz acreditar que não há alternativas para se dizer ou fazer as coisas, como se fôssemos máquinas a seguir um código que alguém já digitou por nós. Em vez de pensarmos nos perigos de a Inteligência Artificial se tornar mais humana, devíamos pensar nos perigos de nós ficarmos cada vez mais como a Inteligência Artificial: um armazém de frases feitas, prontas a ser disparadas.

Quanto mais me debruço sobre este assunto, mais percebo que não é necessário debruçar-me sempre sobre os assuntos. Posso apenas pensar sobre eles.

Muitas vezes, sem nos apercebermos, estamos a escrever ou a dizer duas palavras juntas, a usar as mesmas metáforas, como se fosse a única forma de se transmitir determinada ideia. Para evitar o lugar-comum, é preciso um exercício muito humano: o de nos questionarmos em vez de repetirmos, e o de pensarmos em vez de reproduzirmos. Antes de seguirmos mecanicamente uma mesma fórmula, devíamos perguntar-nos: será que teremos sempre de abraçar uma causa? Não estarão as mágoas já fartas de ser afogadas? As considerações precisam mesmo de ser tecidas? As homenagens têm de ser singelas?

Ao pensar no leque de opções que tenho, não consigo deixar de me perguntar: por que raio é que eu tenho um «leque de opções»? Terão as opções sempre de vir em leque?

Terá a coincidência de ser sempre «mera»? E a importância «vital»? Teremos mesmo de sentir um «turbilhão de sentimentos»? O crime terá necessariamente de ser hediondo? A receção tem mesmo de ser calorosa, a desculpa esfarrapada, o silêncio sepulcral e a perda irreparável? Será que é preciso continuarmos a «esboçar sorrisos», ou, pior, a vermos sorrisos «aflorar»?

O clichê é uma inteligência artificial, um programa que criaram e que cumprimos sem questionarmos. A forma de não nos tornarmos robôs é encontrarmos o lugar único que nos pertence, e cravarmos lá a nossa bandeira.

Para continuarmos humanos, temos de cometer o crime hediondo de acabar com a alegria contagiante, a brisa leve da manhã e a água

cristalina. Não podemos ter um pingo de respeito, e precisamos de impedir que qualquer sorriso seja esboçado. Temos de tomar a medida drástica de acabar com as medidas drásticas. Temos de acabar com os beijos escaldantes, os olhares penetrantes, as agradáveis surpresas e o brilho nos olhos. A esperança na Humanidade só existe se pararmos de dizer esperança na Humanidade. Nada mais poderá ser fechado com chave de ouro. Só assim é possível impedir que o futuro seja risonho.

SE LEREM ESTE TEXTO, DOU-VOS UM OVO KINDER

Confesso que sou uma mãe que exerce chantagem e pratica corrupção. Sou dependente destas estratégias. Diria até que não sei como é possível educar sem recorrer a estas técnicas. Ouço falar das velhas lendas dos pais que, em silêncio e apenas com o olhar, conseguem que os filhos entendam tudo e obedeçam. Uma sabedoria ancestral telepática de águias que, só com um ligeiro piar, conseguem que as crias as sigam em fila, sem questionar. Pais que se gabam de os filhos comerem até à última colher de sopa num jantar de grupo, sem terem de proferir uma palavra. Lembra-me um vídeo do maestro Bernstein a comandar a sua orquestra, apenas levantando as sobrancelhas e com movimentos da boca, sem usar os braços.

Não é com orgulho que admito que, para comandar a minha orquestra, nem com sete braços. A minha autoridade anda pelas ruas da amargura. No que toca às minhas filhas, sou aquela professora primária desesperada, sem mão na turma, que chegou ao terceiro período arrependida de não ter imposto ordem logo na primeira aula.

Sou uma espécie de Walter White nos primeiros episódios de *Breaking Bad*. Dócil, subserviente, resignada. A pessoa a quem

facilmente se passa por cima, cuja palavra não tem qualquer poder. Tendo chegado a este estado aparentemente irreversível, vejo duas hipóteses: ou me torno o Walter White dos episódios seguintes, e aí tenho a certeza de que a minha autoridade passa a ser respeitada, ou, na falta de vontade de me tornar um brutamontes e de começar a fabricar metanfetaminas, continuo como sou e recorro à chantagem.

Eu sei que a chantagem é fortemente condenada, não só pelos terapeutas, psicólogos infantis, educadores de infância, como, logo à partida, pelo dicionário, que a define como «ato ou prática imoral ou criminosa». Além disso, é muito irritante: «Se não forem já para o banho, não vão ver nenhum filme a seguir.» «Se não comerem a sopa toda, não há sobremesa.» «Se não pararem com isso, não andam de baloiço.»

As exigências são, muitas vezes, para benefício próprio: seja sob a forma de silêncio, seja para não ter de limpar das almofadas massa de farinha com aquarela cor-de-rosa, seja para evitar olhares alheios quando estão deitadas no chão de um restaurante. Contudo, quase sempre, são para benefício das chantageadas: para saírem do meio da estrada, para porem um gancho de modo que o cabelo não vá para os olhos, para tomarem um remédio, para descansarem.

A corrupção é igualmente condenável. Trata-se de «uma forma de desonestidade ou crime praticado por uma pessoa ou organização a quem é confiada uma posição de autoridade, a fim de obter benefícios ilícitos ou abuso de poder para ganho pessoal». Mas a verdade é que, com crianças, a corrupção pode salvar. Já perdi a conta aos gelados que prometi para voltarem a pôr os cintos no carro. Um suborno com sabor a morango, em troca de segurança rodoviária.

Tenho tanta vergonha de fazer isto, que, se estou em público, sussurro, como alguém que vai corromper outra pessoa num parque de estacionamento: «Se parares com isso, dou-te um ovo *Kinder*.» Também pratico tráfico de influência e sirvo-me da posição privilegiada de certos tios, e dos avós, para obter benefícios, especialmente em momentos de birra. Em casos extremos, faço ainda uso da apropriação indébita, ou seja, da apoderação de coisa alheia móvel sem o consentimento do proprietário, se a coisa alheia móvel for um apito estridente ou qualquer *nenuco* violentamente disputado pelas duas.

«Não é assim que se educa», ouço dizer. «A chantagem não leva a lado nenhum.» «O suborno cria mimadas manipuladoras.» «Nada pode ser pior.»

Dizem que é uma solução imediata geradora de um problema a longo prazo. E eu até admito que sim. Mas, por vezes, é necessária uma solução imediata. Há momentos em que todas as soluções compassivas, que exigem horas para enfrentar um problema, não servem. O ensinamento budista, a moral da história, o silêncio para lidar com as emoções, muitas vezes não se conjugam com a hora de entrada na escola, com a azáfama das tarefas, com o cansaço diário.

Porque é que eu faço isto? Porque funciona. E às vezes uma mãe só precisa disso.

CADÊ TODO MUNDO?

Sinto falta de muitas coisas do Brasil e, cada vez mais, de algumas palavras e de uma maneira de dizer as coisas que cá não há. Depois de ter somado tantos elementos ao léxico, não poder usá-los em Portugal é frustrante. Como se estivesse cheia de moedas que não têm valor neste país, e que não posso trocar. Quantas vezes não me saem expressões em português do Brasil, para as quais não encontro equivalência, e que exprimem tão melhor o que sinto do que as que tenho ao dispor deste lado do Atlântico? Como o «cadê». Cadê o «cadê»? Uma só palavra que facilita a vida, que nos dá o que um «onde está?» não consegue. Uma simplificação linguística para um momento em que estamos à procura de alguma coisa ou de alguém e no qual é bom economizar tempo, até nas palavras. Um termo que também serve para ser usado sozinho: «Cadê?», com um levantar de braços e um erguer de sobrelance de quem perdeu até o sujeito e o predicado, um esgar de quem genuinamente não faz ideia.

Saudades de todo o mundo dizer «todo o mundo». «Toda a gente» não basta, é muito diferente, e acho que todo o mundo entende isso.

Saudades do Brasil e da sua beleza. De ir caminhando na rua e encontrar beleza onde menos esperava, tal como acontece no português do Brasil com a palavra. Posso estar a escrever um texto e,

do nada, pôr a palavra *beleza* em qualquer lugar, sem respeitar as regras da sintaxe, que vai ficar beleza.

E temos de concordar que um povo que vive no gerúndio tem outra melodia. É um povo que sabe levar a vida com uma cadência e musicalidade que mostra que estamos em curso e não acabados, uma delicadeza de quem sabe que o «vou embora» é crueldade, mas que o «estou indo» é elegância. De quem sabe que querer é veemência, mas «estar querendo» é amabilidade, de quem sabe que fazer é imutável, mas «estar fazendo» é metamorfose. Saudades dessa fluidez de quem vai levando, dessa renovação de quem está amando, dessa sabedoria de quem está vivendo.

É foda ter saudades do Brasil. Porque o Brasil é foda. É também o lugar da polivalência significativa da palavra «foda». Foda pode ser muito bom, muito mau, ou apenas uma forma de expressar indiferença numa situação em que não se sabe o que dizer.

No Brasil, não era de outra maneira, era de outro jeito. E tudo tinha jeito. Tirando alguns caras de quem se dizia «esse daí não tem jeito... é assim mesmo». Saudades de dizer «cara», que não é o mesmo que gajo, porque ninguém se vira para outra pessoa e diz «gajo, não estás bem a ver...». Saudades do rolê, essa palavra que não tem correspondente, não é passeio, não é saída, é algo no meio. E saudades de sentimentos que só algumas expressões designam, como «estar a fim». Em Portugal, ninguém deixa de fazer alguma coisa porque não está a fim. No Brasil, o estar a fim é levado muito a sério e respeitado religiosamente. Incluindo estar a fim de alguém. Assim como o não estar nem aí. «Fiquei com ele», em Portugal, é permanência; «fiquei com ele», no Brasil, é uma vez só.

Saudades de paquerar em vez de engatar, de ficar com bode em vez de ficar com pó de alguém, de achar um porre em vez de uma seca, de ser ruim em vez de mau, de zoar em vez de gozar. Saudades da galera, de estar de bobeira, do «nossa!», do legal, de jogar pra lá, do «gente», de ser garota, do tapa na cara, do chope. Das interjeições que não dizem nada, mas contêm tudo, como o «puts» e o «pô», e das perguntas que antecedem as saídas: «vamo?» ou «partiu?».

Saudades das diferentes formas de se esboçar um talvez, como: «se pá» ou «se bobear». Até tenho saudades das expressões menos boas, do esculacho, de estar machucada, de ficar puta, de xingar e de ficar de

saco cheio. Saudades de torcer para dar certo, do «deu errado», de fechar com alguém e dos infinitos tratamentos: meu bem, mermão, muleque, parceiro, véio, *brother*, bicho...

Saudades das trocas de conjugação, «tu vai», de um ser muitos: «é nois», do grude, do «de boa» e do «'tá ligado?».

«E aí, rola?» é mais suave que «e então, vai acontecer?». «Sacou?» é mais estiloso que «percebeste?», e um bom papo é mais fecundo que uma boa conversa. Sacou?

Sinto falta da forma mutável de agir, de não assumir a finitude dos atos encarando a sua volatilidade ao «dar uma dormida»; «dar uma aparecida»; «dar uma conferida». No Brasil, há genuíno prazer em dar. Tanto, que até os verbos intransitivos dão.

Saudades da forma como se chutava o excesso de negativismo, até das frases, omitindo a dupla negativa: «Sei não...»; de nos pormos sempre em primeiro: «Me perdi»; e de superlativizar tudo, até os verbos, porque às vezes melhor do que fazer é superfazer: «Eu superfaço»; «Eu superconcordo».

Mas também me aconteceu o inverso. Quando estava no Brasil, algumas vezes, queria empregar expressões portuguesas que lá não se usavam e cujas substituições me pareciam insuficientes. Por exemplo, quando queria dizer que uma comida tinha um sabor bom, e dizia à maneira portuguesa, «isto sabe tão bem», era recebida com inquietação: «Sabe bem como, tem sabedoria?» Queria especificar que aquele açaí ou pão de queijo sabiam bem e foi-me explicado que deveria dizer que tinha um gosto bom. Certo. Mas, então, e um mergulho depois de duas horas no ônibus? Também tem um gosto bom? Usar o sabe bem para comidas e sensações, em vez de para sabedoria, seria uma grande trapalhada, segundo diziam. Porquê? Não se sabe bem. O que se sabe bem é que as coisas no Brasil, em geral, sabem mesmo bem. Ou, como se diz lá, são gostosas pra cacete, ou pra xuxu. Ou pra outras coisas que quando se dizem por lá têm menos peso do que aqui.

Outra coisa que me gerou alguns desentendimentos foi o nosso «sempre» usado assim: «Sempre vens hoje?» Lembro-me da confusão de quem recebia esta mensagem: «Sempre? Ou hoje?» Os dois não podiam coexistir. O Brasil será sempre mais hoje do que sempre. Assegurar o hoje é um passo suficientemente grande, não há

necessidade de chamar a perenidade ao barulho. A nossa expressão não tem esse sentido perpétuo do «sempre», mas não deixa de ser a confirmação de um acordo, o que pode explicar que não tenha sido incorporada por lá, onde recordar o planeado é indelicadeza. Também cheguei a enviar a uma pessoa: «Sempre vem?» A resposta foi: «Sempre, não, mas hoje vou.» Uma resposta de quem sabe que só hoje é que se conquista a eternidade. E isso o Brasil sabe bem. Saudades. Hoje e sempre.

IRMÃOS SEM AS PARTES CHATAS

A vida sem as partes chatas, como Hitchcock dizia do cinema. Primos, para mim, são irmãos sem as partes chatas.

Somos cinco primos, cinco adultos agora. Éramos cinco crianças, de idades muito próximas, sempre em fila.

Juntávamo-nos todos os dias, atravessávamos juntos o longo processo de comer a sopa. Havia um que ficava sempre para trás, vagaroso, e nós ríamos e seguíamos caminho para os bifos, enquanto ele ia olhando, desalentado, ora para nós, ora para a sopa, sem perspectiva de ver o fundo do prato.

Fazíamos os trabalhos de casa de cabeças encostadas, sacudíamos os restos de borracha para os cadernos uns dos outros e dividíamos a massa com salsichas que as nossas mães, em exaustão de fim de férias, desenrascavam para a nossa fome vinda das manhãs a chafurdar na terra.

Conhecíamos o cheiro muito específico de cada um. Disputávamos o comando da televisão, o colchão da piscina, o colo da avó, o último ovo *Kinder*. Jogávamos jogos de tabuleiro, horas de *Times Up* em que decorávamos quem tinham sido François Mitterrand, Yuri Gagarin, Niki Lauda e Benazir Bhutto, e não saíamos dali enquanto não soubéssemos a mímica adequada a cada personagem.

Criávamos cidades, com bombas de gasolina onde abastecíamos os triciclos. Púnhamos pacotes de leite *Nesquick* nas rodas das bicicletas, para fazer barulho de motas. Pagávamos tudo com folhas de louro. Encobríamos os outros. Quem porventura partisse um candeeiro num salto de beliche (fui eu), quem tivesse ligado para o 112 a fazer uma partida (foi a Joana), quem tivesse derretido velas para dentro de panelas (foi o Francisco), quem tivesse martelado a parede até fazer um buraco (foi o João), quem tivesse deitado abaixo um biombo (foi a Margarida).

Fazíamos sessões fotográficas com as roupas antigas dos nossos bisavós; peças de teatro e longas-metragens onde nós éramos os heróis; e os nossos tios, perigosos vilões narcotraficantes de sotaque hispânico.

Tentámos criar uma banda com o original nome The Cousins, fazíamos *raps*, coreografias, vivemos juntos a chegada do Pai Natal e a desilusão da descoberta do embuste. Invadimos casas alheias, levámos palmadas por igual, chorámos em coro, fizemos xixi de porta aberta para não perdermos nenhuma da diversão do corredor.

Conhecíamos de ginjeira o feitio de cada um, as sensibilidades, o sabor de gomas preferido.

Jogávamos *Super Mario* na *Nintendo*, cantávamos músicas no *Singstar*.

Levávamos beijinhos dos mesmos familiares mais velhos em visitas intermináveis a casas cheias de remédios. Remávamos na mesma canoa, e aí partilhávamos sanduíches que desembulhávamos de papel de alumínio, a tiritar de frio; íamos juntos à missa, à loja dos 300 e ao McDonald's.

Somos cúmplices da mesma narrativa familiar. Com os meus primos, não é preciso nenhuma contextualização. Viemos das mesmas casas, dos mesmos sermões, da mesma educação. Reviramos os olhos com os mesmos tons das nossas mães.

Os meus primos são as testemunhas das primeiras fúrias, dos primeiros segredos e dos primeiros desgostos. Cobiaias das primeiras ideias, companheiros das primeiras empreitadas.

Sou filha única e, quando me dizem que não imaginam o que é viver sem irmãos, eu entendo, porque, tirando as partes chatas, sei bem o que isso é.

DISTRAÍDA, DESASTRADA, DESORGANIZADA

Um rapaz corre pelo aeroporto, ofegante e perdido. Equilibrado em cima da sua mala de rodinhas está um saco de plástico que cai ao chão com a velocidade da corrida. Leva o passaporte na boca, a mochila entreaberta presa por uma alça, a baloiçar, o blusão de roxo, a prender-se nas rodas da mala, travando-lhe o embalo em solavancos. Sorrio-lhe, como as grávidas trocam sorrisos quando se cruzam na rua. Não pela sintonia de os dois carregarmos um feto, mas porque carregamos um mesmo fardo: somos distraídos, desastrados e desorganizados. As três coisas estão interligadas. É possível encontrar alguém que possua apenas uma ou duas destas características, mas é incomum. Habitualmente, os três D são condições que se carregam em conjunto e penosamente, como o rapaz carregava a mala, a mochila e o saco. São um pacote completo. Pague um, leve três. A distração pressupõe um desencontro entre corpo e mente que nos fará tropeçar na vida. Metafórica e literalmente.

Admiro as pessoas organizadas, tal como admiro os desportistas de alta competição. Sei que são da minha espécie. Em tempos, sonhei vir a desempenhar tais proezas, mas já desisti de acreditar que algum

dia atingirei esse patamar.

Admiro quem consegue viajar impecavelmente, com bagagem imaculada onde cabe tudo, sem necessidade do saco suplementar ou de convocar familiares para se sentarem em cima da mala para tentar correr o fecho, com ânsia e fervor de *derby* futebolístico. Admiro quem consegue ouvir uma indicação de caminho e não divagar meio segundo após a mesma começar. Quem consegue conservar um cartão de cidadão durante anos, ou sair de casa de uma vez só, sem regressos sucessivos para buscar objetos esquecidos. Quem está num jantar e se sustenta lá, sem dar por si a recordar uma conversa de uma tarde de 2003. Quem mantém a cabeça e o corpo no mesmo lugar.

Não é fácil ser assim. Esta é a conclusão a que chego quando dou por mim a atravessar a ponte por engano pela terceira vez num dia, sendo que queria ir de Santos para Odivelas. Choro e prometo que vou mudar. Une-nos, a quem é distraído, desastrado e desorganizado, a certeza de que temos de mudar. Esta promessa é sempre repetida com veemência no auge da culpa: quando nos deparamos com a roda do carro bloqueada, quando recebemos reprimendas pelos atrasos, ou quando estamos em filas intermináveis para a segunda via da carta de condução.

Por vezes, não aguentamos o peso de tanta culpa ao longo de uma vida, e tentamos aliviá-la, atribuindo-a disfarçadamente à tecnologia. O maléfico GPS, o pérfido despertador, a maquiavélica máquina multibanco que, sem misericórdia, engoliu o nosso cartão, após termos digitado três vezes o código de desbloqueio do telemóvel. «A máquina comeu-me o cartão.» Usamos estas desculpas em voz passiva, de cabeça baixa, como lenitivo, na esperança de que o funcionário da respetiva repartição burocrática não nos massacre com mais questionamentos e finja que compra a nossa história, como um adulto finge acreditar no Pai Natal.

Desengane-se quem acha que não pagamos o preço pela nossa condição. Pagamo-lo, literalmente, em multas. Como se não bastasse o preço que pagamos e a autopunição, ainda temos de sentir na pele a penalização silenciosa dos outros. Dos organizados. Sentimos a sua pressão quando carregamos uma travessa com arroz de pato ou um pudim. Sabemos em que estão a pensar.

São eles que, com as suas buzinas impiedosas, nos despertam

do nosso marasmo contemplativo ante o penteado de algum candidato eleitoral no cartaz da rotunda.

Olham-nos com a altivez de quem encara as burocracias sem medo. De quem jamais deixou de abrir uma carta, de quem jamais deixou expirar a Via Verde, de quem envia sempre os anexos no *e-mail*.

Eles, que nunca perceberão o flagelo que é a separação dos fones de ouvido ter duplicado a probabilidade da sua perda. Eles, que concluem uma tarefa que começaram. Eles, que abrem as mensagens e respondem logo.

Eles, que contam consigo mesmos e com a sua forma ordeira e atempada de agir e que não sabem o que é ter de contar com a benignidade de semáforos verdes, de Santo António, de Deus Nosso Senhor.

Eles, que não sabem o que é ajoelhar-se à porta de casa num desespero de confissão e despejar a carteira no tapete, em busca desenfreada da chave.

É certo que há quem se compadeça de nós, com condescendência quase maternal. Ajeitam-nos as golas, desamarrotam-nos os papéis, correm para nos entregar coisas que deixámos em bancos de jardim. Mas também acontece apanharmos pela frente os punitivos, os que nos advertem e não perdem a oportunidade de cobrar com juros, em ímpetos condenatórios de Troika, os sádicos: «Se tivesse chegado mais cedo...»

Gostaria de ter um final feliz e romantizado para isto. Uma mensagem de esperança para todos os que, como eu, andam aos tropeções pela vida, a fazer do prazo, atraso, e da obrigação, procrastinação. Não acho que daqui se retire muita coisa além de *stress* e prejuízo.

Com sorte, enquanto esperamos que os bombeiros venham abrir-nos a porta, pode ser que surja uma ideia. De uma situação penosa que vivenciamos, pode ser que apareça uma boa história. E pode ser que encontremos no bolso do casaco um chocolate que ali deixámos no passado, um mimo auferido pelo esquecimento, um pequeno consolo que nos adoça a espera e nos faz acreditar que, afinal, nem sempre é tão amargo sermos como somos.

O NOSSO GRUPO

Lembro-me de ir passar férias com o meu pai para uma praia e de sermos só os dois.

A pouco e pouco, eu já fazia castelos de areia com outras crianças e o meu pai já conversava à beira-mar com mais pessoas. Outras toalhas começaram a rodear-nos. E, gradualmente, assim como a maré vai enchendo, quase sem darmos por isso, criou-se «o nosso grupo». Formávamos uma comunidade de toalhas e de chapéus de sol. Um enxame.

Que determinou que aquelas pessoas se tivessem escolhido, a ponto de ficar estipulado que se deitariam lado a lado durante todo o Verão? Era um mistério. Mas a tradição renovava-se anualmente. Não nos encontrávamos durante o resto do ano. Mas ali, naquele período e naquele espaço específico da praia, éramos um grupo inseparável. Às vezes, ouvia-se alguém, criança ou adulto, proferir, não sem um certo orgulho, a expressão «o nosso grupo». Uma sensação de proteção, uma vaidade de pertencer. A praia toda parecia regida por essa ordem. Grupos pequenos, grupos maiores. Imaginava que, caso se iniciasse ali uma guerra, teríamos o nosso batalhão. Uma guerra de pessoas seminuas, a esgrimir chapéus de sol e a proteger-se atrás dos pára-ventos.

Havia alturas em que um elemento de outro grupo aparecia tímida e inexplicavelmente perto das nossas toalhas, aproximava-se, e era acolhido por nós. O grupo ia-se expandindo de forma orgânica, sempre em silenciosa cumplicidade.

Nunca combinávamos estar juntos, mas acontecia. Nunca planeávamos férias conjuntas, mas era um pacto mudo. Adultos, crianças, bebês, cães.

Jogávamos à bola, fazíamos carreirinhas, partilhávamos bolas-de-berlim, jantávamos fora e ocupávamos o restaurante todo. O grupo das crianças fazia piscinas, o dos adolescentes começava a sair à noite, o dos adultos bebia medronho e conversava noite fora.

Dávamos o nosso grupo por garantido. Bastava chegar à praia e juntar as toalhas àqueles que tinham chegado primeiro. Se nos esquecêssemos do protetor solar, alguém emprestava. Se quiséssemos jogar raquetes, alguém queria também. Se apanhássemos um escaldão, alguém avisava. Se se levantasse vento ao fim do dia, alguém tinha uma camisola. E se sentíssemos fome, havia sempre alguém pronto a estender-nos um *tupperware* com uvas ou um panado frio.

Sentávamo-nos em pequenas rodas e falávamos do ano que tinha passado, das notas da escola e dos outros grandes acontecimentos da adolescência, do que íamos fazer no ano a seguir. Havia quem cantasse, quem jogasse cartas, quem fizesse ioga e quem trouxesse vinho para o pôr ao sol.

Nessas férias, eu vivia uma felicidade imaculada e reconhecia um sentido de tribo e de comunidade que não voltou a repetir-se.

O nosso grupo desapareceu. Uns cresceram, outros desentenderam-se. Uns deixaram de gostar daquela praia, ou porque tinha muita gente, ou porque havia muito vento, ou porque o período de férias já não coincidia, ou porque queriam estar sossegados.

Agora, não tenho grupo. Sinto-me meio desorientada, a escolher o destino, a praia e a quinzena para passar com as minhas filhas. Não sei se é de mim ou se o mundo mudou. Não sei se as pessoas já não gostam tanto de andar em grupo, ou se já todos têm grupos e eu perdi o comboio, ou se têm os seus caminhos individuais, os seus programas solitários.

Sinto falta de partilhar sanduíches de pasta de atum, de um bom jogo de raquetes ao fim do dia, de me deitar ao lado de outras pessoas

e sentir que estamos todos vivos, juntos.

Há um sentimento de desilusão que não me larga nos dias em que penso nisto, e a única coisa que sei, como uma velha saudosista, é que as bolas-de-berlim já não sabem ao mesmo.

Quando chego à praia, agora, sou eu e elas. Estendo a toalha e vejo-as a fazer castelos. Se tiver um pouco de sorte, pode ser que nasça um grupo.

NÃO CHORES MAIS

Eu, o polícia do Noddy, a Sininho e alguns dálmatas. Ver as coisas de perto, a parte de baixo da cortina de plástico, negra de bolor. Eu, enojada, a tirá-la dali, fazendo a água pingar para o chão. «*No llores más*», lia-se na embalagem de champô *Johnson & Johnson*. Ali, não se chorava mais.

Apertar o cavalo-marinho de borracha para que cuspa pela boca um repuxo de água. Barbas feitas de espuma. Sair depressa para uma toalha áspera e quente pousada no aquecedor a óleo. A toalha com as iniciais dos meus pais, J&P, bordadas, as duas letras unidas, entrecruzadas por um prolongamento forçado das suas pernas, num arabesco vincado. Essa bordadura estava também nuns lençóis e num conjunto de guardanapos de pano. Faziam parte do enxoval. As duas letras entrelaçadas transmitiam a ideia de que era impossível separá-las. E a embalagem de *Johnson & Johnson* a passar sabedoria e tranquilidade. Não tinha, para mim, o tom de um *slogan* publicitário, mas dela vinha uma força, por um lado, sobrenatural, por outro, próxima. Uma mensagem do Além e, em simultâneo, uma mensagem familiar, de uma avó que aconselha: «Não chores mais.»

O meu pai a chinelar pantufas pelo corredor, a abrir a porta, e a sua mão a aparecer segurando um roupão.

Eu a imitar a minha mãe, com um livro que ficava mole porque se molhava sempre. Fazia todos os planos e depois mergulhava para os batizar devidamente.

Nunca queria entrar, mas nunca queria ir embora.

Recordo ainda a minha mãe a ferver água em panelas e a despejá-las na banheira da minha avó. A água não saía suficientemente quente para ela. A touca empapada em cima de um banco.

Os champôs acumulados, champôs fora da validade, que permaneciam ali durante anos, com logótipos desatualizados.

Boiar e a água entrar nos ouvidos, ouvir coisas novas. A voz de cada banheira a falar comigo.

O tempo parado, o tempo que antecedia a sensação desagradável do pijama pegado à pele, e a minha mãe atrás de mim com um pente para me desembaraçar as ríças.

Os azulejos que conhecia de cor e que não eram todos iguais.

Eu a chorar por algum amor adolescente, a fazer desenhos no espelho embaciado, quase sempre um coração e duas letras. As minhas mãos enrugadas, de velha. A pele toda vermelha e seca.

Um mausoléu, onde treinava com igual afínco apneias olímpicas, fados afinados e festas. Ninguém podia entrar, porque eu estava nua.

A incerteza, lavar sangue de um corpo estranho que é meu, mergulhar para tentar apagar. Todos os desgostos esfregados com a esponja cor-de-rosa. As vergonhas acumuladas a saírem. E, na embalagem, o mesmo consolo de sempre: «Não chores mais.»

LER É SEXY

Quem adora livros cai na inevitabilidade de falar muito sobre esta paixão, de buscar quem compartilhe o amor por estes tradutores da nossa intimidade e dos subterfúgios dos nossos males. Encontrar outro leitor traz o conforto de quem descobre na mesma gruta mais uma pessoa que se abriga da chuva.

É difícil desviarmo-nos do estigma da presunção e da sobranceria, de sermos vistos como aqueles que só querem brindar com o cálice sagrado do conhecimento. Tememos que nos julguem mais inebriados pelo cheiro das páginas do que pelo aroma da vida. Mas é a relação intensa com a vida que nos faz reconhecê-la, amá-la e fugir dela através dos livros.

Ler é *sexy*. Talvez esta mensagem não esteja a ser passada por quem, como eu, gostava de encontrar mais leitores no caminho. Soa estranho, eu sei. Parece aquelas mensagens de desenvolvimento pessoal para repetirmos ao espelho, do gênero: «Eu sou bonita, eu sou forte, eu sou poderosa.» Ler é *sexy*, ler é *sexy*, ler é *sexy*. Não é *sexy* como maquilhagem, é *sexy* como vulnerabilidade. É *sexy* como independência, é *sexy* como alguém que se assegura, mesmo sem bateria no telefone.

Os aficionados dos livros levaram o carimbo dos chatos, dos *nerds*,

dos alternativos, e ecoam o tom impositivo dos professores de Português a declamar o *Sermão de Santo António aos Peixes*, que conseguiu traumatizar gerações. Não há nada pior do que um livro antes de tempo. É como comer um iogurte estragado, ganha-se repulsa e há quem nunca mais consiga.

Falar de livros resvala facilmente na jactância de se usar palavras como jactância, e mostrar que se lê tem travo a exibicionismo. Não é difícil a conversa descambar para o pedantismo, e, quando assim é, deixa de ser *sexy*. É preciso mestria para se introduzir a literatura no meio de uma conversa e está-se sempre a uma citação forçada de Proust de se estragar um encontro ou uma crónica. Não é fácil que a conversa sobre livros seja boa: é como a conversa sobre sexo. Em comparação, o ato vence sempre. Ler também pode ser muito pouco atrativo. Há livros que me afastam mais do que mau hálito: se um homem estiver a ler *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas*, a libido cai a pique. Julgo livros pela capa e acredito que quem vê capas também vê corações. Respeito a autoajuda, mas não percebo porque se chama «auto», se já houve alguém que escreveu aquele livro, e confio muito mais na alta ajuda da boa literatura do que nos livros que prometem a salvação na capa. Os livros são os violinistas do *Titanic*, servem mais para nos dar música enquanto vão ao fundo connosco do que para serem boias salva-vidas. São mais companheiros do que instrutores, mais amantes do que maridos. Não deve haver utilidade prática nos livros, e é aí que está a beleza. Para a utilidade prática, temos os *workshops* e a *Bimby*. Mas há muito a retirar dos livros. São, aliás, o retiro do mundo que o devolve em forma legível.

Os *tops* de livros são, muitas vezes, quase tão perigosos como os *tops* caicai ou como o uso desmedido da palavra *top*. Por serem selecionados pelo número de vendas, entre boas obras, vão lá parar muitos livros de empreendedorismo; e tanta gente que quer começar a ler guia-se pelos *tops* de vendas, escorregando nessa casca de banana e nunca mais voltando a pegar num livro depois de constatar que, afinal, está muito distante de vir a tornar-se um verdadeiro líder.

Precisamos de livros e, sobretudo, de ficção. É ela que abarca o magnetismo e a vitalidade que a realidade não comporta. Ela dita-nos a velocidade e faz-nos seguir em ritmos descompassados pelas linhas fora, entre avidez e acalmia, entre sofreguidão e moderação. Quantas

vezes temos de ultrapassar uma descrição do Ramalhete para podermos conhecer o Ega.

De onde venho, os livros engrossam por se dobrarem os cantos às páginas, as folhas têm nódoas de café e marcas de cinza de cigarro de quem lhes imprimiu vícios enquanto lhes absorvia virtudes. Cresci a ver a minha mãe levar livros para banhos de imersão e o meu pai a carregar duas malas cheias de livros para férias de quinze dias, como se a separação fosse tão dura, que não conseguisse deixar o Herman Hesse sozinho. Eu tinha ciúmes dos livros, por ver os meus pais passarem tanto tempo na sua companhia, mas percebi cedo que estava ali um prazer secreto, um mundo vedado ao meu analfabetismo infantil, e que aquela era uma competição que eu jamais venceria.

As minhas interrupções sucessivas eram recebidas com enfado, murmúrios onomatopaicos e levantares de cabeça aborrecidos e curtos, para um novo mergulho naquilo que era muito mais interessante do que qualquer coisa que eu pudesse fazer ou dizer. Sentia-me um cão a rondar o dono para ir à rua, ou a tentar chamar a atenção com algum truque, mas era recebida com a condescendência de quem tem na palma da mão um troféu muito mais cativante do que qualquer coisa que eu pudesse oferecer.

Do ciúme passei à curiosidade, e da curiosidade ao deleite. Por nunca ter sido obrigação, passou a ser prazer. Por não ser imposição, passou a ser impunidade. Por nunca me terem dito «tens de ler», passou a ser «tens de parar de ler e ir pôr a loiça na máquina».

Para mim, intimidade é troca de livros e partilha de estante. Ler o que alguém já sublinhou é olhar o seu olhar. Recomendação de livros é prova de fogo e ato de amor. Um encontro numa livraria é meio caminho andado, autocuidado é leitura e oferecer um livro a alguém é dedicar-lhe o que de melhor se leva da vida: uma boa história. Ou, como escreveu Proust: «Enquanto a leitura for para nós a iniciadora cujas chaves mágicas nos abrem no fundo de nós próprios a porta das habitações onde não teríamos conseguido penetrar, o papel dela na nossa vida será salutar.»

○ PIRATA TRISTE

Às 14h30, saímos de casa. Antes disso, penteio-as, procuro dar a volta aos pedidos para usar *collants* cor-de-rosa-choque com vestidos cor de laranja da Minnie, acalmo as birras com a promessa de diversão em casa alheia, procuro no convite a localização, ponho música do Panda para ir entrando no transe das festas infantis.

Chegamos ao destino.

Cumprimento os outros pais com o nervosismo de adolescente em baile de finalistas. Eles estão imóveis, de plantão, como beatas à volta de um altar; mas o altar é um insuflável onde crianças de meias emitem sons que dificilmente se percebe se são de êxtase ou de dor.

Penso que os outros pais talvez estejam a rezar, como eu, para que alguma criança ponha a cabeça fora da janelinha de borracha e lhes peça um croquete, para se sentirem úteis.

Passam alguns minutos, durante os quais apenas nos entreolhamos, com o sorriso indulgente de pais de crianças pequenas.

Não havendo o desejado pedido de croquete, ponho eu a cabeça dentro do insuflável e chamo várias vezes, até que uma delas, entre pulos eufóricos, se digna a responder um sim desinteressado, mas suficiente para eu encarar a missão. Avanço até à mesa dos acepipes com a determinação de uma enfermeira que procura um bisturi

fundamental, pego no croquete e levo-lho, regressando então ao meu posto.

Passado pouco tempo, chega um pirata com a promessa de fazer balões com formas lúdicas. As crianças dispõem-se à sua volta e fazem solicitações várias, entre tosses e um inquérito desconfiado sobre as funções que um pirata exerce.

Pergunto à mãe da aniversariante se precisa de ajuda, em parte porque seria bom ter uma função, e em parte aterrorizada, como sempre fico nestas ocasiões, com a hipótese de alguém me pedir para cortar um tomate e se aperceber da minha inaptidão para essa tarefa. Imagino-a a olhar para o tomate desfeito, num julgamento de sogra triunfante, e a consequente expulsão da minha pessoa do clube das mães.

As crianças, entretanto, de espadas e flores em riste, abandonam o pirata e vão descarregar a adrenalina do açúcar numa pinhata em forma de dromedário.

Fico cheia de pena do pirata abandonado, que agora está a fazer um truque de magia diante de uma mãe que não pára de consultar o relógio. Vejo também as horas e constato que passou muito pouco tempo. Começo a arrepender-me de não ter aceitado a cerveja que o pai ofereceu no início e penso onde poderei sentar-me. De um lado, crianças elétricas, de outro, pais estáticos. Oscilo entre os dois grupos, que me parecem igualmente intimidatórios. Acabo por parar perto do pirata triste, que levanta os olhos cabisbaixos e me diz, como que a justificar a solidão: «É difícil competir com um insuflável.»

INTÉ

«Qualquer dia morro.» Lembro-me de si. A fazer palavras cruzadas. Lembro-me de si. Quando vou a sua casa e olho para a cadeira onde costumava estar. Lembro-me de si. «Não me apoquentem!» Lembro-me de si. Quando aparece o David Beckham na televisão. «O homem mais bonito do mundo. A seguir ao Fábio Assunção.» Lembro-me de si. «Estou com a cabeça em água.» Lembro-me de si. A Margarida vai casar. E eu lembro-me de si. Quando vou ao Corte Inglés. Quando ando de táxi. Quando ouço o *Leãozinho* do Caetano Veloso. A rezar ao anjinho da guarda. Lembro-me de si. «Meu anjo da guarda, minha companhia.» Lembro-me de si. O João vai ser pai. E eu lembro-me de si. «Quem é?» «Sou eu.» Lembro-me de si. A abrir a porta a todos os eus que éramos nós. Quando tenho uma dúvida de português que o Ciberdúvidas não esclarece. Lembro-me de si.

A enervar-se com o comando da televisão. De roupão cor-de-rosa. A dizer adeus na varanda. A temperar os bifes de peru. «Raça da miúda.» Lembro-me de si. A bebericar uma taça de champanhe. A atravessar a rua. Lembro-me de si. «Meu rico filho.» Lembro-me de si. De volta das sobremesas. A consolar as nossas birras. «Não te arrelies.» Lembro-me de si.

Em Tondela, à sombra. Vejo uma cameleira. Lembro-me de si. A reclamar dos desenhos do Francisco: «Estou velha.» Lembro-me de si, do seu perfume, na missa, ao meu lado. Lembro-me de si, a dividirmos o *croissant* com chocolate da Bénard. Lembro-me de si, dos momentos das duas. Lembro-me de si. «Estou tão feia.» A queixar-se das *selfies* que eu tirava consigo. Lembro-me de si, a olhar em silêncio para mim.

A afugentar as migalhas do jornal. Lembro-me de si. As suas mãos, sempre geladas. Lembro-me de si. As suas pernas, brancas, com veias, como o mármore. Os seus olhos muito azuis. Lembro-me de si. A aclarar a garganta antes de atender o telefone. «Está lá?» «Avó?» «Sou. Madalena?» «Sou, avó.»

«És tão jeitoso», para o Francisco, depois de ele abrir um pacote de abertura simples. Lembro-me de si. «Chatos!» A bufar depois de desligar o telefone. De touca e toalha de banho, a correr para abrir a porta. A comer amendoins. «Cheiras a raposinho.»

Lembro-me de si. Quando quero tomar uma decisão e penso no que diria. Todos os dias me lembro de si. Quando a família discute, lembro-me de si. Quando vejo um livro do Eça, lembro-me de si. Quando há guerra no mundo, lembro-me de si. Quando é Natal, lembro-me de si. Quando é Carnaval, lembro-me de si. Quando é domingo à noite, lembro-me de si. Quando adormeço, lembro-me de si. Às vezes, quando acordo, lembro-me de si. Quando me dói a cabeça, lembro-me de si. Quando vejo um termómetro, lembro-me de si. Quando penso na infância, lembro-me de si. Quando penso no futuro, lembro-me de si. Quando conto histórias às minhas filhas, lembro-me de si. Quando as tias riem, lembro-me de si. Quando as tias choram, lembro-me de si. Quando estou distraída, lembro-me de si. Quando estou muito feliz, lembro-me de si. Quando estou muito triste, lembro-me de si. Quando vejo figos, lembro-me de si. Quando estou a escrever, lembro-me de si. «Inté.»

UMA CASA COM UM NOME

Eis-nos aqui, em jeito de despedida de mais uma morada.

As três sentadas no chão de madeira, eu a tentar compensar a falta de jeito para trabalhos manuais. Elas, impacientes, sabem bem o que querem, mas não têm ainda a destreza motora para que os recortes acompanhem a imaginação. E a mim falta-me a habilidade, que nem toda a vontade do mundo compensa.

Olho em volta, com medo de que não nos devolvam a caução. A tentar perceber que tipo de pasta está entranhada no chão. E com alguma vontade de lhes ralhar pelo dia em que colaram os autocolantes sem pensarem que com eles poderia vir cal já gasta. Mas sabendo a inutilidade deste sermão retroativo. A investigar qual o esfregão adequado para cada tipo de nódoa. Quem sou eu?

Nunca tinha sentido tanto carinho por uma casa. E nem tive tempo de decorar o código postal.

Foi a casa que nos recebeu como uma arca pouco credível no meio de um dilúvio. E nós entrámos, meio assustadas, meio agradecidas, membros de uma espécie rara num novo *habitat*.

Celebrei os móveis do IKEA que cabiam em pequenas trincheiras. Compus novas estantes adaptadas aos tetos esconsos. Lamentei não poder trazer o piano, a secretária, o sofá. Mudei a paisagem, encarei

novas vizinhanças, tentei ser a pessoa que moraria num sótão, e não foi difícil, porque eu já era essa, afinal.

A casa onde me vi confrontada com ratos e com a descoberta angustiante da existência de baratas alemãs. A casa onde tive de ser forte. Mas também onde me senti tão frágil como uma criança. O sítio de onde liguei mais vezes aos meus pais. Muitas vezes a sussurrar, para confirmarem que eu ainda respirava, depois da entrega bem-sucedida de um hambúrguer por um estafeta. Pedia-lhes que esperassem que o homem saísse do portão. O medo irracional dos estafetas de entregas e do soar da campainha. Porque será que é agora que sinto mais medo?

Uma das casas onde vivi menos tempo, mas onde me senti apaziguada por saber que a pessoa que a comprou vai manter a traça original. Como se fosse a minha casa há gerações e gerações.

Uma casa onde questionei todos os meus verbos. Sempre fui de ir, e agora só queria ficar. Sempre fui de me desapegar, e já chorei mais do que por qualquer amor. Sempre fui de receber, e não recebi quase ninguém.

Uma espécie de ninho. A casa que me protegeu e me deixou sonhar sossegada.

Daqui levo lembranças frágeis enroladas em plástico-bolha. O gato malhado que se deita no jardim, com olhar *snoob*. Os pequenos esconderijos, a palmeira a abanar. O senhorio que insistia em chamar-me Mafalda. A Sofia a aprender a escrever *Amor*. Papéis com «Amor» espalhados por todo o lado.

A casa onde percebi o significado de viver a minha vida, com tudo o que isso comporta. A casa, que é um sótão, que me fez andar curvada e bater com a cabeça nas traves de madeira. E onde estive mais sozinha, mas menos solitária.

Quando não sabia para onde ir, olhei para o nome da casa, escrito na fachada, e decidi. Porque esta era uma casa com um nome, e o nome é Girassol.

É PRECISO MEXER O CORPO

Ponho a toalha ao ombro e entro.

Chego ao espaço onde se cumprem infinitas repetições: Sísifos condenados por nutricionistas e por *personal trainers*, Prometeus acorrentados a elásticos de resistência, Hércules em doze trabalhos de *crossfit*, Ícaros pendurados em barras de *pull up*, Édipos a expurgar equívocos com *kettlebells*.

À minha volta, todos lutam consigo próprios, há suor e, às vezes, até uivos: uma alcateia que uiva perante máquinas de *pulley* e que tem as frequências cardíacas absolutamente controladas.

É preciso mexer o corpo, é preciso ficar em forma, ou em *fôrma*, uma *fôrma* que caiba dentro das calças de ganga. E cada um a esforçar-se, como se alguém nos obrigasse, alguém que não a voz da própria cabeça, a voz de certa forma heroica, o heroísmo que vence o sofá e todas as possibilidades de horizontalidade para o corpo.

Eu estou concentrada, ansiosa pelo momento em que deixo para trás aquele espaço que já conheço tão bem, onde vou ouvindo conversas sobre jejum intermitente, onde estamos convictos na luta contra a massa gorda, onde deixamos todas as outras convicções bem trancadas a cadeado no cacifo, pois ali só importa aquela, a convicção de perder calorias. Ou será que, ao levantar um peso, não estaremos a

erguer desejos sublimados, será que não nos sentimos vencidos e vamos agachar com juras mentais de sairmos vencedores?

Usamos fones e evitamos o contacto — eu, pelo menos, evito, e rezo para ninguém falar comigo, seria absolutamente catastrófico que alguém falasse comigo naquele contexto, e nem sei bem porquê.

Bicicletas ergométricas que não saem do sítio, pessoas obcecadas com isolamento de grupos musculares, a incompreensível ausência de janelas, a escolha musical sempre duvidosa. É pela saúde mental, digo e repito, embora não pareça mesmo nada.

Se alguém quiser ver a resistência e o sentido de missão de um ser humano, é darem-lhe a possibilidade de um glúteo mais torneado ou de um bíceps mais saliente.

As aulas de grupo, um espelho embaciado pelos vapores exaustos, um espelho que reflete uma turma desajeitada, a fazer mais lembrar trutas a saltar em chão firme do que a pretendida coordenação de cardume. Desisti das aulas, olhava constantemente para o relógio e para a porta, ansiosa por não ter mais todas aquelas meias no horizonte. Inspirava fundo, como me mandavam, mas o que saía na expiração era muito mais um «tirem-me, tirem-me, tirem-me daqui» do que dióxido de carbono. E, paradoxalmente, a síndrome de filha única, a falta de atenção que davam à minha lombar específica, num mar de lombares idosas muito mais relevantes para o olhar da professora.

Pergunto-me porque é que estou aqui, neste *habitat* tão maquinal e doentio, onde alternamos máquinas com seres humanos, onde transportamos pesos para lugar nenhum, onde tudo é à vez, mas sem lógica.

Atravesso os corredores, passo sempre por pessoas a encherem enormes cantis com pós proteicos, e por engates estranhos e suados, e eu, por muito que me esforce, não consigo pensar num sítio menos sensual.

No balneário, no meio de névoa, há demasiados corpos e, se o meu cacifo é colado a outro, os rabos por vezes tocam-se, flancos molhados de mulheres alheias num contacto que reporta a outro tempo, a um tempo ancestral em que éramos anfíbios e estávamos sempre em convívio húmido, no meio da bruma, a um tempo em que éramos uma irmandade despida e demasiado junta.

Atravesso o nevoeiro de cara vermelha, abandono aquela caverna sufocante e deixo que o exterior liberte toda a experiência do corpo.

Ainda bem que vim, e amanhã estarei de regresso.

QUANDO, QUANDO, QUANDO

Uma das coisas que mais têm perturbado especialistas, pais e professores é a capacidade de atenção que, por causa do TikTok, não dura mais de dois finais de séries mais odiados são, em número 10: *How I met your mother*, afinal, o que é que lhes passou pela cabeça? Em número 9, temos o que as pessoas não sabem é que os produtos *light* baixam o açúcar, mas aumentam a quantidade de gordura. Vão ao meu perfil e sigam-me lá, que eu dou dicas gratuitas sobre quatro programas que os seus filhos têm de parar de ver agora: *Peppa Pig*, imediatamente, ela é *bullie* e não é bom para os seus filhos. Vamos ver quantos anos de audição saudável ainda lhe restam, faça agora o teste e experimente estas gotas bronzeadoras da lista de livros que vou ler este ano, coisas que eu aprendi enquanto barista nos Estados Unidos, os segredos mais bem escondidos da Tailândia, o meu marido não vai acreditar, quando chegar a casa, que ascendentes em Touro vão ter um ano de prosperidade e desafio das receitas sem glúten que ficaram virais, a personalidade que inventei para o meu cão, um dia no mar Negro, as lâmpadas que comprei para reduzir a ansiedade, o momento em que desisti do meu curso de Gestão para viajar pelo Parenting Hack: como entreter o seu bebé, já vos aconteceu ligarem a Netflix e não estarem preparados para esse compromisso? Lista de atores que

não usam o nome real, coisas que preciso de fazer antes de morrer: ver a aurora boreal nas tendências de *marketing* digital para este ano, expectativa *versus* realidade, quiche com tomate e mozzarella fresco, atraia a vida dos seus sonhos, os líderes partidários se fossem personagens dos Simpsons, comportamentos de *millenials*, o meu *Roman Empire*, *brunch* por apenas 12 euros, *outfit check*, a minha opinião honesta sobre Portugal, dicas para entreter convidados num casamento, veja com qual personagem do *Harry Potter* você se parece, manhã realista de uma mulher trabalhadora. POV: quando você quer ficar em casa mas precisa de sair porque é sexta e está solteira, quando o teu carro é um poço de problemas, quando tens 35 e percebes que na letra do *What's my age again* ele diz «*I wore cologne*» em vez de «*I walked alone*», quando acabaste de comprar o vestido perfeito, quando o filme acabou de começar e ele já está vendo se você está dormindo, quando viver na casa dos seus pais é gratuito, mas tem de pagar com saúde mental, quando perguntam quando é que casarás, quando esperaste horas pela *selfie* no espelho, quando queres fazer *unfollow* naquela rapariga que conheceste há quatro anos na casa de banho de um bar, quando os teus amigos não conhecem a tua banda, quando estão 24 graus negativos em Oslo, quando descobriste o melhor restaurante clandestino de Lisboa, quando ele não responde às mensagens, quando nasceste no tempo errado... Quando é que comecei a fazer este *scroll*?

A MINHA MELHOR AMIGA

Na televisão, um homem engravatado e circunspecto fala sobre economia e política. O meu pai, recostado, de cabelos grisalhos e pantufas, aparentemente interessado nas opiniões do entrevistado, revela, sem esconder o orgulho: «Ganhei-lhe numa batalha de soldadinhos.»

Conta-me que o senhor em questão era seu vizinho e que competiam com berlindes e soldadinhos de chumbo. Quando ouço estas memórias da infância do meu pai, que envolvem berlindes, soldados e caricas, objetos que, por *gap* geracional, não povoaram a minha infância, imagino-o de suspensórios e boina, a sêpia, a comer uma maçã: uma mistura entre uma criança de Dickens e o Pinóquio. É esquisito pensar que ele já foi pequenino.

O meu pai refere-se a esta batalha como se tivesse comparecido em Alcácer Quibir. Aparentemente, o exército deste seu vizinho era gigantesco, tinha recebido um fornecimento avultado de armas por ocasião do seu aniversário de sete anos, mas o meu pai e o meu tio, mesmo parcamente armados, conseguiram dar conta do batalhão inimigo. Este senhor pode saber muito de economia, mas não importa, será sempre o menino que não conseguiu atingir o famoso soldado deitado. Quando os dois se encontram, a conversa vai parar ao

involvidável combate. A vanglória permanece nos olhos risonhos do meu pai, e o lampejo indistinguível da derrota, nos olhos do senhor.

Lembrei-me disto porque, num destes dias, soube que a Mariana é diretora de *marketing* de uma empresa. Achei absurdo. Que disparate! A Mariana não pode ser diretora de *marketing* de uma empresa. A Mariana está comigo na biblioteca à procura da melhor solução para construirmos um avião para voarmos dali para fora, porque temos urgência em escapar ao peixe cozido do refeitório às terças-feiras, que ruminamos sob o olhar pertinaz e tutelar da doutora Fátima.

A Mariana é a minha amiga de aventuras, perseguimos pistas infinitas que achamos que alguém deixou pelo recreio, para resolver mistérios que inventamos. Tudo é suspeito: o senhor Manuel é suspeito, a senhora da enfermaria é suspeita. O armazém onde se guarda o material de Educação Física? Suspeito. O facto de o diretor do colégio morar numa casa dentro do próprio colégio? Tudo isto é suspeito e exige uma investigação. E lá vamos nós averiguar os vestígios, para descobrirmos a grande emboscada.

Andamos juntas no xilofone e aprendemos músicas japonesas. Ela é o 979 e eu, o 789. Dividimos irmãmente *KitKats* e as pontinhas dos queques. Lemos os livros do *Bando dos Quatro* ao mesmo tempo, combinamos ir juntas à casa de banho a meio da aula, jogamos UNO e usamos calças do Velho.

Quando ela soube que eu tinha sido mãe, torceu o nariz. Aquilo não fazia sentido nenhum. Sobretudo depois da história do primeiro beijo: estamos as duas nervosas porque vamos dar o primeiro beijinho a um rapaz, as duas ansiosas porque nunca demos um beijinho e usamos aparelho. Não temos grande vontade, mas instituiu-se que era assim e não queremos ficar para trás nos interrogatórios impiedosos das colegas acerca de técnicas de osculação. Sim, estamos a dar o primeiro beijinho exatamente no mesmo dia, ao mesmo tempo. E estamos a ter a primeira desilusão amorosa logo a seguir, quando descobrimos que fomos vítimas de uma aposta entre os rapazes.

A Mariana em reuniões de *briefing*? Jamais. Ela está comigo a recortar fotografias para colar em cartolinas cor-de-rosa-choque, para apresentarmos um trabalho de Ciências da Natureza. Estamos as duas a causar um incêndio numa cozinha do *SIMS* para assassinar uma mulher. Estamos tristes, porque fomos as únicas a escolher

Humanidades e não foi aberta turma para a área, e por isso vamos ter de sair do colégio. E não é de avião.

Eu e a Mariana temos casas e pagamos IRS? Que estupidez! A Mariana mora com os pais e o irmão. Eles são muito arrumados, dobram os sacos de plástico até ficarem mínimos e não ocuparem espaço, a mãe dela faz uma lasanha deliciosa e eu como salada lá em casa, ajudo a levantar a mesa, sou muito bem-educada e finjo que é assim que procedo em minha casa.

Falo com a Mariana de vez em quando no Instagram para marcar um café? Claro que não. A Mariana é a minha melhor amiga. Toda a gente sabe.

Mariana, estou a achar isto tudo muito suspeito. Encontra-te comigo na biblioteca, temos de construir um avião para voarmos daqui para fora. A ver se encontramos o passado, que eu acho que isto aqui é uma emboscada.

É O CÃO

O meu cão chama-se *Jesus*. Não participei na escolha do nome. Quando o conheci, já estava batizado. Um amigo e o meu ex-namorado é que o denominaram assim, e, sendo os seus apelidos, respetivamente, Cruz e Luz, a combinação parecia funcionar. Jesus Cruz tem um impacto que não carece de explicação, e Jesus Luz também é simbólico, além de ser o nome de um DJ brasileiro que namorou com a Madonna. Eu gostei. Gostei de não ter sido eu a dar-lhe o nome, ilibando-me assim dos olhares mais ofendidos de alguns devotos que lhe fazem festinhas na rua. Mas, acima de tudo, gostei muito do nome. Achei que estava ali congregado o magnífico e o prosaico, o sagrado e o profano. Chamando-me eu Maria Madalena, estava montado o Evangelho.

Importa dizer que o *Jesus* é um *grand danois*, sempre estive mais para pónei do que para cão, e digamos que não fomos uns donos muito firmes na fase inicial, ou seja, sempre foi mais ele a passear-nos do que o contrário.

Um dia, na esplanada de uma pastelaria em Arroios, enquanto eu comia uma torrada e bebia uma meia de leite, com a trela do *Jesus*, ainda bebé (mas já enorme) presa à perna da mesa, uma senhora, sentada umas mesas ao lado, desalentada, expelle o sonoro desabafo:

«Ai, Jesus!» Em vez de obter o socorro divino ou o consolo instantâneo que advém de suspirar o nome de Cristo, gerou-se uma balbúrdia desvairada. Arrastou-se a mesa num chinfim, o *Jesus* lançou-se, na sua sofreguidão canina, para o colo da pobre velha, ela sem nada entender, todo o café num alvoroço, partiram-se copos, eu a fazer uso da minha parca força para procurar domar a fera, que nada mais fez do que acorrer ao chamamento que só há pouco tempo tinha obedientemente assimilado. A senhora aos gritos, pessoas a socorrer, eu com os joelhos esfolados, um caos autêntico. Talvez a senhora tenha aprendido da pior maneira a não usar mais o nome do Senhor em vão.

Vivíamos com amigos, nessa época, numa espécie de comunidade improvisada, e um deles tinha um filho de três anos, o Quico. O *Jesus* era de todos nós, o nosso fiel companheiro, o nosso *Scooby Doo*, comparação que lhe assenta bem, até porque é da mesma raça. Como é normal, a criança tinha por ele especial afeição. O Quico andava num colégio católico e, um dia, chegou a casa um tanto baralhado e desconfiado, como que a exigir uma explicação: «Pai, hoje fomos visitar a casa do Jesus. Ele tem uma casa enorme.» O pai não percebeu de imediato, mas veio a saber que ele tinha ido com a escola visitar uma igreja e que disseram às crianças ser «a casa de Jesus». Ora, a confusão do Quico era justificada: mas por que raio é que o *Jesus*, tendo uma casa tão grande, quase um palácio, estava ali encafuado connosco num T3? Porque é que passava tão pouco tempo em casa dele e estava sempre ali metido? Onde há Jesus, há mistério.

Já dei por mim a tentar estabelecer paralelos. As comparações entre quaisquer elementos podem forçar-se, é certo, mas eu juro que consigo vislumbrar, assim como no poema de Matilde Rosa Araújo, no «meu cão, seus olhos castanhos, tamanhos de compreensão», um olhar de abnegação e bonomia que, não sei se por coincidência do nome, me lembra o olhar terno e sofrido de Jesus.

Também já me aconteceu surpreender o *Jesus* num comportamento muito pouco católico com uma cadela, e tentar a todo o custo que ele parasse com aquilo. Comecei aos gritos no meio do parque: «*Jesus, Jesus!*», aumentando a intensidade da voz ao perceber a inutilidade das minhas ordens no impedimento da cópula. Estou eu nesta gritaria, quando reparo que me observa um casal com uma

expressão um tanto intimidada. Com medo de que me julgassem uma puritana que, perante o prazer canino alheio, qual exorcista a espalhar água-benta, desata a invocar o nome do Senhor, desfiz-me em justificações. Não fiz a associação imediata entre a frase que lemos na fachada de tantas igrejas evangélicas, «Jesus Cristo é o Senhor», e a que eu mesma proferi, mas saiu-me assim: «Jesus é o cão!»

UMBIGUIDADE

Hoje fazemos anos. Sempre foi assim. Ou melhor, sempre foi assim para mim. Para a minha mãe, houve um tempo distante e inverosímil, como nos parecem os períodos da vida dos pais que antecedem o nosso nascimento, em que ela fazia anos sozinha. Sozinha, salvo seja, que a minha mãe sozinha não costuma estar, tem sempre amigas à roda, quer ao vivo, quer entre o ouvido e o ombro, no telemóvel, enquanto faz alguma coisa. Mas houve um tempo em que este dia era só seu. No almoço em que festejava os seus 34 anos, percebeu que eu queria juntar-me à festa. Cheguei antes do previsto. A primeira e provavelmente a única vez que isso aconteceu. Costuma dizer-me que eu fui o melhor presente que recebeu, o que é querido, mas, também, óbvio. Sendo filha única, ficaria ofendida se tivesse preferido um faqueiro ou uma máquina de fazer pão. Desde aí, celebramos juntas. Há vinte e oito anos que o dia 14 de dezembro é o nosso dia.

Sei que a minha mãe sonhava com uma filha para encher de laços e fitas, enfiar mocassins e vestidos, fazer *toilettes* impecáveis. Calhou-lhe uma pequena selvagem que nunca compreendeu bem a necessidade de usar sapatos e que acabava todos os casamentos descalça e enrolada na lama com os cães. Mas ela deixava-me estar. Não tentou moldar-me, nunca se desalentou com o meu pouco

entusiasmo pelas bonecas e pelo meu interesse precoce pela escalada de árvores ou por tudo o que trazia rodas e a promessa de um joelho esfolado. Pelo contrário, gostava. Do alto dos seus saltos agulha que jamais ousaram aproximar-se de um *skate*, admirava esta filha, não por ser feita à sua imagem e semelhança, mas precisamente pela beleza que a minha mãe sempre foi capaz de encontrar na autenticidade.

Um dia, enquanto a minha mãe maquilhava as minhas amigas, fui timidamente pedir-lhe um pouco de sombra e vi acender-se na sua cara a esperança de que eu me tivesse finalmente convertido às magias do embelezamento feminino. Esperança essa que foi em segundos aniquilada, quando percebeu que a minha ideia era fazer uma marca à volta do olho, como se tivesse levado um murro.

Deu-me uma das mais importantes e mais difíceis coisas que se pode dar a um filho: a liberdade. Principalmente, a liberdade para eu ser quem era. Sempre disse «vai», um verbo árduo de ser conjugado por uma mãe. E teve a magnitude de compreender que houve momentos em que precisei de estar longe dela para estar perto de mim. Entendo agora quanto isso deve ter-lhe custado. Eu ia e, por saber que podia ir, sempre quis voltar.

Como boa sagitariana, meteu-se em mil cursos, atividades e formações, entre os quais o de Astrologia, cujo gosto me passou logo na infância. Eu pegava nos seus papéis dos mapas astrais e coloria-os como se fossem mandalas, aprendi a desenhar os signos antes de saber escrever, e, quando conhecia alguém, a primeira pergunta que lhe fazia era: «Qual é o teu ascendente?», espantando-me tanto quando não sabiam, como se não soubessem o próprio nome. Anos mais tarde, na atitude típica de desafio à mãe, gozava com a Astrologia, arremessando-lhe, do alto da minha puberdade irritante, a pior coisa que se pode atirar a quem se interessa por esoterismo: «A ciência.» Tudo isto porque era uma adolescente típica. E porque tenho o ascendente em Leão.

Ainda não se inventou um termo que sirva para representar as *nuances* da relação entre mães e filhos. Eu proponho «umbiguidade». Porque o umbigo materializa bem a complexidade desta ligação: por um lado, é a prova do corte de um vínculo; por outro, uma marca que nos acompanhará para sempre e a prova de que o vínculo jamais será

quebrado.

Uma vez, disse-lhe: «A mãe é a minha melhor amiga.» Ela tratou de corrigir-me: «Não sou tua amiga. Sou tua mãe.» Fiquei desolada, mas agora compreendo. Mãe não é amiga, mãe é mãe. A frase que repetimos infinitamente e cujo significado dispensa mais elaborações.

Mãe é mãe, e a minha é linda, inteligente e trabalhadora. A minha mãe chora sempre no fim do Verão, chora a ouvir fados, chora com saudades de quem partiu, chora quando não se lembra da *password* do Facebook. A minha mãe tem choro fácil, quase tão fácil como o seu riso. Não é de esconder o que sente, é dos afetos. A minha mãe liga-me a dizer: «Fiz *reiki* à Sofia e já não está a tossir.» Vê-la ser a avó maravilhosa que é dá-me vontade de chorar. A minha mãe toma banhos de imersão enquanto lê e fuma. É dona do seu tempo. E tem tempo para todos, especialmente se for para ajudar.

Às vezes reparo, constrangida, que me está a observar com o seu olhar de mãe. E ainda hoje acontece sentir o seu empurrão (nada) discreto nas costas: «Diz olá à tia», num medo, ou talvez desejo, de que eu ainda seja a pequena selvagem de 5 anos. E eu: «Mãeeee», como quem diz: «Tenho 28 anos», mas como quem comprova que nada é mais difícil do que ser adulto ao pé de uma mãe.

A vaidade acabou por atingir-me violenta e inesperadamente com o advento dos saltos altos e do rímel na minha vida. Imittei-a em quase tudo. Na paixão pelos banhos de mar com ondas, pelas festas, pelos livros e pelas músicas do Vinicius de Moraes. Na capacidade de escrever bem e também na propensão para o autoelogio não disfarçado, como este. Copiei também coisas menos boas, como a irritação com a expressão «menos boas» quando se quer dizer más. E a embirração com tantas outras expressões, das quais talvez sobressaia «a continuação», usada como forma de despedida, com todas as suas variações. Por exemplo, «a continuação de bom proveito» que tantas vezes dizemos uma à outra por brincadeira.

Partilhamos, mais do que o dia em que chegámos ao mundo, a forma como nele atuamos. A incapacidade de chegar a horas aos sítios, a desorganização, a mania de que somos chiques. A pouca habilidade para conduzir. A mania de cantar, mesmo sem saber cantar. E sei que agora ela está a dizer que sabe cantar muito bem. E que eu também sei cantar muito bem. Sou-lhe grata por sempre ter

conseguido detetar melodia na minha desafinação.

Houve um tempo em que eu andava zangada com a minha mãe e retraía-me perante os seus beijos e abraços. Ela ficava triste, a achar que eu não gostava dela, quando, na verdade, a única coisa que eu queria era que ela gostasse tanto de si própria quanto eu gostava. Pede-me desculpa por um período que não hesitaríamos em apagar. Talvez não saiba que terei sempre muito mais a agradecer-lhe do que a perdoar-lhe.

Ensinou-me a aproveitar o melhor da vida. Como a música do Vinicius que cantávamos as duas no carro, a caminho da praia: «A coisa mais divina que há no mundo é viver cada segundo como nunca mais.» A maior lição que levo dela é essa. Aproveitar. E ainda temos muito para aproveitar. Não herdei o seu jeito para despedidas afetuosas, por isso só posso desejar-lhe, do fundo do coração, a continuação de bom proveito.

AS PESSOAS COOL

Não sou *cool*. A primeira evidência que sustenta esta afirmação é escrever um texto intitulado «As pessoas *cool*», provavelmente o título menos *cool* de sempre. E sei que a repetição da palavra *cool* não está a ajudar a minha causa, mas ela está perdida há muito. É um estatuto que sempre ambicionei alcançar, mas já fiz as pazes com a certeza de que não vou chegar lá.

Vejo-as de fora há muito tempo. Que têm elas, ao certo? Não sei bem. Estilo, sem dúvida. E uma naturalidade que contrasta com o estado em que fico quando estou perto delas. Quem tenta muito ser *cool* já está a falhar.

Os meus amigos próximos não são *cool*. (Desculpem, amigos.) Não sei se não são *cool* e por isso é que são meus amigos, ou se, por serem meus amigos, eu saiba que eles não são *cool*. Talvez a proximidade ponha fim à *coolness*, e o estatuto dependa, precisamente, da distância. Nesse sentido, podemos estar perante o paradoxo do *cool*, tema que daria um debate filosófico totalmente desinteressante.

Alguns amigos meus, no entanto, têm amigos *cool*, e é por isso que às vezes tenho interações mais prolongadas com esta trupe. Estive sempre a um grau de separação das pessoas *cool*.

Observo-os. Andam por aí a fazer esvoaçar os seus casacos

compridos, tão fluidos como a sua sexualidade, em passos seguros que os levam sempre a *vernissages* sem vinho, de artistas emergentes que não emergem; conhecem os melhores sítios para revelar as fotografias analógicas que tiram em poses inesperadas, em casas de banho de palácios decadentes convertidos em bares; desdenham de qualquer evento com mais de dezoito pessoas; pertencem a movimentos conceptuais de interfeminismo aquático; são íntimos dos porteiros do Lux; são politizados, mas não falam muito de política; não dão, regra geral, sinais de especial inteligência, mas carregam, nos *tote bags* encardidos pelo fumo do tabaco de enrolar, primeiras edições de poesia concreta; publicam pouco nas redes sociais, e apenas coisas vagas, cuja única obrigação é jamais poderem ser compreendidas.

Não são espalhafatosos, mas dão nas vistas. São *blasés* e usam sempre indumentárias que eu tenho a certeza de que em mim ficariam ridículas, mas que neles simplesmente funcionam.

Há um consenso silencioso acerca de quem são as pessoas *cool*, em cada ambiente. Mas não existe uma descrição definitiva das pessoas *cool*. Vai mudando ao longo da nossa vida.

Como é que eu sei que alguém é *cool* ? Não é por eles, é por mim. É pelo estado em que fico. Se me causa desconforto e é ativada a necessidade de pertencer, de ser como eles, de me aproximar, de que eles gostem de mim, então sei que estou perante pessoas *cool*. O pior é que eles também sabem que estão perante a minha pessoa, uma não-*cool* evidente. E quanto maior esta mútua noção, maior o afastamento.

Como sabemos, há muitas definições do que é ser escritor, mas uma delas, bem apropriada, é: aquele que tenta vingar-se das pessoas *cool*.

Então aqui estou eu, de roupão, ao computador, a tentar vingar-me. Eles, claro, como pessoas *cool* que são, não ligam nenhuma.

LEMBRO-ME DE PARIS

Lembro-me de Paris nascer, quando eu tinha 8 anos. Lembro-me do meu pai entusiasmado e ligeiramente nervoso por irmos fazer a primeira viagem os dois. Lembro-me da neve, dos gorros, da fotografia enevoadada em Notre-Dame. Lembro-me das gárgulas. Lembro-me da alegria, lembro-me da Disney, da primeira montanha-russa. Lembro-me da mochila da Coronel Tapioca.

Lembro-me do cheiro do túnel da Branca de Neve, lembro-me da piza gordurosa, lembro-me de dormir num beliche com o meu pai. Lembro-me da pequena lanterna que ele usava para ler os guias de Paris, na cama, à noite. Lembro-me de ir abaná-lo para ele parar de ressonar. Lembro-me de fazermos um caderno de histórias conjunto.

Lembro-me de o meu pai usar três línguas numa frase curta: «*Je veux a cerveja, please.*» Lembro-me de gozar com ele até hoje por causa disso.

Lembro-me de Paris crescer e entrar na puberdade. Lembro-me da viagem com as turmas de Francês da escola, aos 13 anos. Lembro-me de termos decorado o hino de França em *rap*. Lembro-me da excitação de estar com amigas numa viagem, sem os pais. Lembro-me de trocarmos de quarto de hotel à noite. Lembro-me das músicas que cantávamos no autocarro. *Baracumbará cumbará cumbarará*. Lembro-

me dos professores cansados. Lembro-me da Disney e do parque Astérix, das montanhas-russas outra vez. Lembro-me de fingir coragem. Lembro-me da visita guiada ao Museu D'Orsay.

Lembro-me de Paris começar a namorar. Lembro-me da passagem de ano com o fogo de artifício por cima da Torre Eiffel, lembro-me de patinar no gelo no Trocadero, lembro-me das compras nas Galerias Lafayette. Lembro-me do meu casaco vermelho comprido. Lembro-me dos cadeados na Pont des Arts. Lembro-me de experimentar *escargots*. Lembro-me de vomitar.

Lembro-me de Paris fazer família. Lembro-me das minhas filhas a correrem nos Jardins do Luxemburgo. Lembro-me de a Disney não ser como me lembrava. Lembro-me da fila de três horas para andarmos no Dumbo. Lembro-me da alegria da Tita por ver o Pateta. Lembro-me do Francisco a desenhar no Louvre.

Lembro-me de caminhar com a minha mãe nos Campos Elísios, cada uma a empurrar um carrinho de bebé, com as minhas filhas a dormir. Lembro-me de sentir que ali estava tudo. Lembro-me da senhora com o cãozinho felpudo no restaurante do Hotel Costes. Lembro-me de andar com os meus primos de metro e de repetirmos o nome das estações. Lembro-me da sopa de cebola.

Lembro-me de Paris ficar sozinha. Lembro-me da incerteza. Lembro-me da melancolia. Lembro-me da Maison de La Poesie. Lembro-me das livrarias. Lembro-me do melhor crepe com *Nutella* que já comi. Lembro-me do chá de menta na Grande Mosquée. Lembro-me das senhoras com óculos de armações grossas a beberem vinho nas esplanadas. Lembro-me do neveiro. Lembro-me dos *pains au chocolat* do pequeno-almoço amassados no bolso. Lembro-me da loja do Pompidou.

Lembro-me de Paris voltar a si. Lembro-me da liberdade. Lembro-me da confiança. Lembro-me de repetir os sítios. Lembro-me de comer *entrecôte* com puré enquanto chovia lá fora. Lembro-me do piano da Shakespeare and Company. Lembro-me de anotar ideias em guardanapos. Lembro-me de já ter sítios preferidos.

Lembro-me da greve dos trabalhadores do lixo. Lembro-me de lixo por todo o lado. Lembro-me do mercado de Montparnasse. Lembro-me do Palácio de Versalhes por fora. Lembro-me de almoçar com o Simon. Lembro-me das manifestações. Lembro-me de estar a ler

Houellebecq. Lembro-me de sentir um clima preocupante. Lembro-me de me dizerem que o Houellebecq agora faz filmes pornográficos.

Lembro-me de folhear no avião o livro *Lembro-me*, de Georges Perec e Joe Brainard, e pensar: que boa ideia.

EL CORTE INGLÉS

A minha família materna sempre viveu no Bairro Azul, nas Avenidas Novas, em Lisboa. A mais próxima vivia até no mesmo prédio, uma árvore genealógica em forma de edifício, com um elevador que permitia visitar as várias gerações numa só tarde.

Eu tinha 8 anos e começou a ser construído um mamarracho, um imprevisto urbanístico, um centro comercial gigante onde antes não havia nada, mesmo no fim da rua. Numa ponta, a Mesquita, na outra, o El Corte Inglés, um templo capitalista a poucos metros de casa. A partir daí, as coisas mudaram. Primeiro, veio a indignação e o desdém. Depois, a descoberta. Pouco a pouco, a família começou a render-se ao inimigo.

Os meus primos e eu íamos de mãos dadas com a nossa avó, passávamos pela área enjoativa dos perfumes, pela luminosidade da joalharia e subíamos num elevador transparente até ao piso dos brinquedos. Lembro-me do dia em que a minha avó me comprou um peluche gigante e em que percorri os corredores com o orgulho em forma de rena debaixo do braço.

É, pois, com alguma vergonha que admito que me sinto em casa no El Corte Inglés. E tenho consciência de que, dentro do mundo já censurável dos centros comerciais, este é um dos mais claustrofóbicos.

Mas eu cresci ali, tenho ginga de taxista a atalhar caminho naquelas escadas rolantes. Não há pipocas que me saibam igual. Sei quais são as casas de banho com menos fila. Sei como contornar os absurdos tempos de espera dos elevadores. Domino a entrada naquele parque de estacionamento, tão temido por tanta gente. Quando vou visitar a minha mãe, estaciono no El Corte Inglés.

Às vezes, em dias mais tristes, enfio-me lá e caminho às voltas. Desejo que esteja vazio, para dar conta dos meus passos sem objetivo concreto. Pego num tabuleiro e mastigo uma comida de plástico na área de alimentação com luzes brancas de hospital. Não se vê janela alguma, não há possibilidade de saber a meteorologia ou de sentir outro céu a ficar mais escuro que não o céu já opaco da minha solidão.

Finjo que tenho afazeres, mas na verdade sinto apenas que não tenho melhor refúgio do que aqueles corredores com enfeites de Natal manhosos a piscar. E penso que estou sozinha, como o pinheiro tosco que se esqueceram de levar para sempre, uma vez que já passou dezembro. Identifico-me de tal forma com ele, que penso em levá-lo eu, a ver se nos fazemos companhia um ao outro e se acabamos com esta profecia solitária. Há dias em que sei que é só ali que posso levar o meu dramatismo.

O El Corte Inglés é a minha igreja. Tem para mim tanto de austero quanto de familiar. Aliás, sempre que lá estou, encontro algum parente. Por vezes, encontro membros da família em diferentes pisos. Pergunto-me se eles sentirão o mesmo, se estarão por ali a fingir ocupação, se estarão tão perdidos como eu, a deambular à procura de iluminação, e não daquela que se encontra no piso 4.

E há dias em que não sei mais nada, exceto que o meu carro está no -1, no C23, zona cinzenta. E que, por algum motivo, é ali, naquele armazém de lojas de departamento, que sossega a zona cinzenta que é a minha alma.

JORGE HUMBERTO

A Luísa era a empregada que trabalhava em minha casa, quando eu era criança. Com os meus pais a trabalhar fora, eu passava dias inteiros na sua companhia. Foi ela que ouviu a minha primeira palavra, facto que orgulhosamente contava a qualquer um, descrevendo o meu inclinar de cabeça, a forma que os meus lábios tomaram e os sons emitidos baixinho, «mamã!», com tal riqueza de pormenores, que, apesar de já ter ouvido a história mais de um milhão de vezes, ficava sempre presa.

Foi a Luísa que dançou comigo todas as minhas primeiras danças. «O bailarico salão não tem nada que saber, não tem nada que saber», cantava ela, de peito erguido, mãos ao alto, intercalando a música com o estalar dos dedos e um sapatear ritmado e giratório. «É andar com um pé no ar, outro no chão a bater, outro no chão a bater.» Eu não me fartava.

Conversávamos muito, isto é, eu ouvia-a falar o dia inteiro. Ensinou-me a dobrar as cuecas, a rezar o Pai Nosso e a compor o meu enxoval, tarefa à qual se entregava com esmero. Eu não fazia ideia do que era um enxoval, afinal, tinha três anos, mas a gaveta que lhe era reservada ia-se enchendo, ano após ano, sem me ser dada qualquer explicação, além da importância inquestionável para a minha vida

daquela variedade de lençóis, guardanapos e sacos de pão. Ela bordava as peças e emocionava-se de tal forma com aquilo, que eu jamais fui capaz de ceder a gaveta do enxoval a elementos de vestuário.

Sabia tudo da vida dela. Jorge Humberto era o seu marido falecido e uma referência omnipresente nas histórias que a Luísa contava. Jorge Humberto era elevado a um estatuto angelical. Sempre que falava dele, a Luísa beijava o seu colar de prata, que tinha duas medalhas, com um J e um H gravados. A primeira história de amor que ouvi e com a qual vibrei não foi a de Romeu e Julieta nem a de Dom Quixote e Dulcineia. Foi a da Luísa e do Jorge Humberto. Jorge Humberto ia buscá-la na sua lambreta e atravessavam o concelho de Loures de cabelos ao vento, a alta velocidade. A Luísa tinha medo de andar de lambreta, mas Jorge Humberto prometeu-lhe que jamais deixaria que lhe acontecesse alguma coisa de mal. Jorge Humberto era um excelente dançarino. Jorge Humberto, às vezes, bebia demais e adormecia, mas merecia, porque trabalhava muito. Jorge Humberto cheirava sempre bem. Jorge Humberto era esse digníssimo cavalheiro que jamais ousou dar-lhe sequer um beijo na boca, segundo relatos da própria, coisa que com o passar dos anos eu fui achando mais e mais estranha, especialmente porque eles tiveram um filho. «Ó Luísa, isso não é possível!», reclamava eu, já crescida o suficiente para exigir uma versão atualizada e convincente da história. «Mas foi», respondia ela, perentória.

A Luísa vivia em adoração eterna ao seu marido e falava diretamente com ele quando eu fazia um disparate, como se ele estivesse a acompanhar tudo. «Estás a ver isto, Humberto?» Deixava-se guiar pela certeza de que se reencontrariam quando ela morresse. Eu ouvia falar tanto de Jorge Humberto e do seu charme, que tinha dele a imagem de um verdadeiro ator de Hollywood. Um dia, quando a Luísa tirou da carteira uma fotografia dele dos tempos da tropa e eu me deparei com a imagem real daquele que até então habitava apenas os meus sonhos, fiquei profundamente desiludida. Mas admirei ainda mais a Luísa, pela devoção do seu amor.

Quando Jorge Humberto era vivo, a Luísa convidou a minha mãe para ir conhecer a sua casa em São Julião do Tojal.

A Luísa disse a Jorge Humberto: «A minha patroa é igual à

Claudia Schiffer.» Ela contou isto à minha mãe, que, apesar de bonita, não tinha nada a ver com a modelo alemã. A minha mãe relata que se aperaltou mais para ir a casa da Luísa e do Jorge Humberto do que para uma festa de gala. A preocupação dela era não frustrar as expectativas do Jorge Humberto, ou tentar amenizar essa frustração. Foi ao cabeleireiro, pôs batom vermelho, maquilhou-se, encheu-se de perfume, calçou saltos altos. Tiraram fotografias nesse dia, da minha mãe na mota do Jorge Humberto.

Um dia, a Luísa confessou-me que gostava tanto de mim como do filho, como se precisasse de tirar aquilo do peito, e eu confessei-lhe que gostava tanto dela como das minhas avós. Não ousei elevá-la à categoria dos meus pais, há alguma coisa de sagrado nas hierarquias da infância, em que os pais estão em primeiro, inquestionavelmente, mas talvez estivesse muito próximo disso mesmo, apesar de nem me ter dignado a refletir, para não remexer no que já estava arrumado na minha cabeça de 5 anos de idade.

Dos dias mais felizes da vida da Luísa, excetuando aqueles em que viveu ao lado de Jorge Humberto, foi o da minha primeira comunhão. Lembro-me de vê-la a limpar as lágrimas, por baixo dos óculos, enquanto eu carregava as uvas, dever que me competia, em direção ao altar.

Com a separação dos meus pais, a Luísa ficou a trabalhar em casa do meu pai, e a minha mãe encontrou uma nova empregada, com a qual eu estava destinada a passar a maior parte dos dias. Escusado será dizer que não aceitei bem a substituição. Não havia bailarico, nem enxoval, nem Jorge Humberto. Mas a Gracinda fazia ótimas torradas. Sem alma, mas com a dose exata de manteiga. Maldita a hora em que confessei à Luísa, nas suas inúmeras tentativas de sacar informação acerca da Gracinda e da natureza da nossa relação, que não gostava nada dela, mas que tinha de admitir que as suas torradas não eram más. Foi uma punhalada tão forte no coração da Luísa, que acho que nunca a reconquistei totalmente. Ficou semanas sem me dirigir a palavra e, quando o fazia, era monossilábica. A partir daí, a autocomiseração era constante e deixava sempre a adenda «de certeza que a Gracinda faz melhor» em relação a tudo. Uma mancha que jamais foi apagada.

Até que, aos poucos, a Luísa se foi esquecendo. Esquecia-se das

chaves, esquecia-se dos dias em que tinha de ir trabalhar. Esquecia-se de ir às compras, esquecia-se dos horários dos comboios. Esquecia-se de tudo o que tinha feito naquele dia, mas não se esquecia do Jorge Humberto.

Teve de deixar de trabalhar, devido à doença de Alzheimer. Mas, às vezes, esquecia-se e aparecia lá em casa. Já se tinha esquecido dos bailaricos e do enxoval. Mas ainda pudemos falar do Jorge Humberto. Era como se eu o conhecesse também, depois de tantos anos, e o relembrássemos juntas. Sorríamos, ao imaginá-lo encostado à lambreta, debaixo da sua janela, à espera que ela descesse. Jorge Humberto. A única âncora que ainda nos unia.

Um dia, passado algum tempo, voltámos a ver-nos. Ela não se lembrava de mim. Não se lembrava de que me tinha embalado no colo. Não se lembrava da minha primeira palavra, de me fazer as primeiras sopas, de me dar o biberão, de me ensinar a dobrar cuecas, nem da minha primeira comunhão. Tentando controlar o choro, mencionei o Jorge Humberto, na esperança de ainda termos esse elo. Nos seus olhos pequeninos e brilhantes, percebi que ela não fazia ideia do que eu estava a falar.

Morreu passado pouco tempo, após esse dia em que eu senti que tinha morrido para ela. Confesso que guardo a esperança secreta e um tanto absurda de que, na sua morte, se tenha lembrado de tudo. Exceto das torradas da Gracinda, claro.

Se tudo for como ela sempre garantiu, estará neste momento a andar de lambreta no céu, atrás do Jorge Humberto. E talvez lhe esteja a contar as histórias todas que vivemos. Agora, talvez seja o Jorge Humberto a dizer: «Ó Luísa, isso não é possível.» E ela a garantir que foi mesmo assim, que foi à frente dela que uma menina inclinou a cabecinha, fez beicinho e começou a falar aos 9 meses de idade.

PARA QUÊ?

Tenho uma certa predisposição para passar vergonhas. Está em parte ligada ao desconforto causado pelo silêncio na presença de quem não conheço bem e a uma vontade de preenchê-lo a todo o custo. Um medo do constrangedor que acaba por tornar tudo ainda mais constrangedor. Um dos motivos pelos quais gosto de escrever é poder voltar atrás, corrigir, apagar e reescrever. Muitas vezes, leio o que acabei de escrever e pergunto-me onde estaria com a cabeça. Sinto a satisfação de ver o *delete* fazer desaparecer aquela frase absurda que — *uff!* — nunca verá a luz do dia.

A velocidade da vida real aliada à velocidade dos meus pensamentos descoordenados e a alguma falta de autocontrole fazem com que, ao vivo, divague e fale demais, sem necessidade. Dou demasiada informação a quem dela não precisa, justifico-me em excesso a quem mal me conhece. Num destes dias, encontrei o meu antigo professor de Ciências da Natureza, que não via desde a primária, num hospital e, ao cumprimentá-lo, atabalhoada, expliquei que estava ali porque ia a uma consulta de Ginecologia. Assim que me afastei, fechei os olhos com força e questionei-me: «Para quê?» Um «para quê» que é uma constante na minha vida, ao qual se segue um sermão interno ao meu eu desnaturado e revisitações sucessivas ao

momento embaraçoso, que provocam sempre o mesmo revirar de estômago e vontade de desaparecer.

Hoje, lembrei-me do maior «para quê?» da minha vida e decidi revelar aquela que foi, provavelmente, a história mais humilhante da minha existência. Revisitar uma história humilhante é deixarmo-nos humilhar de novo. Por outro lado, expressá-la traz o alívio da distância e o conforto da partilha. Não é só por isso que relembro esta história, mas porque exemplifica uma tendência que tenho verificado cada vez mais e que me tem perturbado. Há uns anos, convidaram-me para participar num *workshop* no qual, como exercício demonstrativo do nosso poder espiritual, nos propunham caminhar sobre brasas. Empolgada como sou por uma boa experiência, e quanto mais diferente e exótica, melhor, nem pensei duas vezes. A impulsividade que me caracteriza não me permitiu fazer a pergunta «o que é que pode correr mal?» acerca de pisar com os meus pezinhos descalços carvão incandescente, ideal para fazer um churrasco.

A experiência era apresentada como profundamente espiritual. O que me levou a aceitá-la foi tudo menos uma vontade espiritual profunda. Em duas horas, o orador explicava-nos como conseguiríamos, com o poder da mente, caminhar sobre brasas a quatrocentos graus, sem sentir nada. Eu e mais trinta pessoas escutámos o palestrante e estávamos crentes de que conseguiríamos passar incólumes pelo tapete de brasas, transbordantes de confiança e poder pessoal.

Dirigimo-nos para um barracão escuro com música de bongos a tocar. Tínhamos de dançar e soltar o corpo antes de pisar o fogo. «Mentalizem o fim» era o mote para visualizarmos, interiormente, um final feliz, enquanto soltávamos mais e mais o corpo. Chegou a minha vez. Ouvia na cabeça a voz do orador a dizer para caminhar com determinação, e assim fiz. Um passo com determinação, outro passo com determinação, e juro que pude ouvir um som igual ao que fazem os bifes a fritar na frigideira.

Cheguei ao fim que tanto tinha mentalizado, mas foi um pouco diferente. Os vultos a dançar começaram a dissipar-se. Senti-me a perder os sentidos. Seguiram-se dores apocalípticas e tenho memória de ir com os pés de fora da janela do carro que acelerava até às urgências do Hospital de Santa Maria. Resultado: queimaduras de

segundo grau na planta dos pés e passar o Verão de cadeira de rodas. Até hoje, não consigo apagar da memória a cara de perplexidade dos médicos ao perceberem que eu tinha voluntariamente andado sobre brasas. Ou a cara das pessoas a passar da expressão de pena para transparecerem sérias dúvidas acerca da minha saúde mental quando eu explicava o que tinha acontecido.

Esta história ensinou-me algumas coisas. Que não se deve pisar um tapete de brasas. E que não se deve aceitar *workshops* rápidos que prometem mudanças totais de consciência. Não existe espiritualidade *fast food*. Mudanças profundas implicam processos profundos.

Sempre achei graça ao esoterismo. Fui cultivando um fascínio pelos campos do oculto, como quem espreita timidamente para uma sala animada onde não conhece ninguém. Sempre me entusiasmei com a leitura do mapa astral, histórias sobre médiuns, experiências de adivinhação e previsões da cartomancia. Mas, ultimamente, tenho sentido alguma exaustão em relação a estes temas e à forma como os vejo comunicados e aplicados. A espiritualidade que tem invadido as livrarias, as conversas e os *feeds* parece mais uma moda de consumo fácil do que um apelo a uma introspeção significativa. Um combo de dicas para mudar vidas que cabem num vídeo de cinco minutos ou num colar de cinco cores.

Este despertar de consciência de que tanto se fala soa bem, mas, por vezes, parece-me o exato oposto. Assemelha-se mais a um adormecimento, a uma desresponsabilização e, noutras vezes, a um excesso de culpabilização. Preocupa-me a mistura genérica de conceitos, que pode ser mais danosa do que benéfica. Milionários a proclamarem a lei da atração e a afirmarem que só é pobre quem quer são vistos e seguidos por pessoas em condições precárias, que começam a duvidar de si próprias e a culpabilizarem-se por algo que, evidentemente, não é culpa sua. É quase uma «espiritualidade» ao serviço da meritocracia neoliberal. Uma despolitização, um desinteresse da realidade onde se operam verdadeiras mudanças em prol do Universo, que sabe sempre o que faz. No meio de tantas *good vibes*, tenho assistido a pessoas, sem a vida perfeita que os oradores prometem, a sentirem que há algo de muito errado com elas. Pessoas que perdem entes queridos a terem de ouvir que aquele acontecimento foi uma limpeza espiritual. Pessoas que passam por períodos mais

diffíceis e de quem amigos, ditos espirituais, se afastam porque não querem lidar com energias negativas. Onde está o amor, a compaixão e a empatia neste tipo de espiritualidade?

Continuo a interessar-me por espiritualidade, apesar de sentir que o termo está desvirtuado. Acho que quem sabe verdadeiramente do assunto pode ser confundido com quem grita mais alto. Há quem se dedique anos e anos a temas desta natureza e assista agora à subversão de conhecimentos ancestrais. Pensando em Cristo, e no seu despojamento, e olhando para novos líderes espirituais histéricos em pavilhões cheios, aos gritos, a exhibir os seus *Ferraris*, sinto que se perdeu o essencial. A espiritualidade e o materialismo podem coexistir, mas penso que quem se afirma detentor do segredo está a mercantilizar emoções e a mexer com vidas de quem não conhece, em prol de uma verdade que finge conhecer. Uma falta de humildade ou de honestidade que podem causar muitos estragos.

Com as queimaduras nos pés, aprendi que é boa ideia perguntar «para quê?» antes de me meter em sarilhos. E que talvez o verdadeiro poder não seja o de saber visualizar o fim, mas sim o de saber escolher bem o chão que se pisa.

UM CROCODILO NO PRESÉPIO

Todos os Natais, reencontro o menino Jesus de porcelana que o meu pai tem há trinta anos. É o grande resistente de um presépio antigo que se vai transfigurando, que já sofreu algumas baixas, mas também novas aquisições, as quais se distinguem dos elementos originais em cor e brilho. É um presépio enorme e eclético, onde cabem pastores e camponesas, mas também um Mickey de borracha e, por qualquer motivo, um crocodilo. O Menino Jesus tem os braços colados com *Super Cola 3*, de tanto que já se partiram, os olhos desbotados, a tinta a desmaiar, não se distinguem bem as feições, parece meio vesgo, mas é o mesmo desde sempre. Quando cumprio a tradição anual de desembulhá-lo, entorneço-me ao notar resquícios de um Natal primordial, de um Natal em que a alegria ofuscava a existência, sem que a nostalgia se pusesse a espreitar.

Este reencontro é cada vez mais esquisito. Somos como dois antigos colegas de escola que se reveem já velhos, estranham as rugas, a barriga e os cabelos brancos, e procuram, nos olhos um do outro, um lampejo que comprove que ainda são os mesmos, que aquele é o mesmo que estava sempre cheio de ranho e com quem, outrora, se jogava à bola e se comia chupas de morango.

Eu sou crescida, agora, já não vou de pijama abrir os presentes do

Pai Natal, já não ando desvairada a bater com uma bola de *basket* à beirinha do presépio, com o meu pai a gritar «Cuidado!», um estardalhaço a ouvir-se, as figuras a desmoronarem em dominó, acabando por se quebrar a pata do camelo de um rei mago ou a auréola do anjo.

O reencontro com o Menino Jesus é um reencontro com uma infância que parece ter-se perdido como um envelope com dinheiro que vai por engano para o lixo, juntamente com os embrulhos. Lá, onde quer que a minha infância tenha ficado, o Menino Jesus não era vesgo e esta cadeira não estava vazia. Sentava-se aqui a minha avó, de testa franzida, a fazer palavras-cruzadas e a comer uma fatia de bolo-rei. A olhar para mim com os seus olhos ternos, a dizer «Deus te abençoe» e eu a sentir-me realmente abençoada, não por Deus, mas por ela. E, Deus me perdoe, era melhor. Ela enchia-se de perfume para se encontrar com a família, a família com quem estava todos os dias, mas fazia questão de se arranjar melhor, porque era Natal e ela gostava assim. Reencontrar o Menino Jesus é reencontrar o Natal da infância, nas alegrias que ficam e naquelas que não voltarão.

O cheiro de qualquer coisa boa a ser cozinhada, as tias-avós cheias de laca que me davam sempre colares e cachecóis. A minha mãe em *stress* à volta dos embrulhos, na véspera de Natal, à última hora, e nunca, mas nunca, antes disso. Os meus pais e tios ainda sem a responsabilidade penosa de serem eles os mais velhos escancarada na cara, descontraídos, a brindar com um vinho daqueles com uma história por trás. Os meus primos e eu felizes com um qualquer brinquedo, a deixarmos nódoas de chocolate nas almofadas, a dispararmos setas, balas ou bolas em todas as direções. A família a dançar aos pares, ao som de músicas dos anos 80. As filhós, rabanadas e coscorões a atropelarem-se nas mesas, vindos de pastelarias distantes, comprados por um primo que apareceu de visita, alguém que não resistiu às montras natalícias no caminho, ou confeccionados na cozinha perpetuamente caótica naqueles dias.

Agora, alguns familiares desistiram do Natal: por zangas, por preguiça ou por súbitas convicções anticapitalistas ou antieclesiásticas. A ausência dos avós e dos tios-avós faz lembrar o presépio desmoronado. Primos e tios aparecem com novas aquisições para compor o presépio, que destoam do original e suscitam uma vaga

melancolia, mas também, é certo, o brilho fulgurante e esperançoso da renovação.

Apesar de tudo, continuamos a festejar o Natal da mesma maneira. Há qualquer coisa que nos impele a prosseguir. Todos os Natais desembrulhamo-nos de novo e vamos ao encontro uns dos outros, para colar os cacos com afetos. Buscamos nas mesmas bandas sonoras, nos mesmos cheiros e sensações, nos mesmos espaços, abraços e lembranças, aquela centelha que nos aquece e nos devolve, mesmo se apenas por segundos, o lastro da infância. Ainda há cânticos e presentes, há novas crianças, risos e confusão. Ainda há um tio mais excêntrico a destacar-se como um Mickey num presépio. Ainda dançamos aos pares músicas dos anos 80. Ainda nos sentamos em redor da mesa, a rir e a brindar. E, aí, eu juro que consigo sentir, não sem certa ternura, que, mesmo com as tintas a desbotar, vesgos, apagados ou partidos em bocados, ainda somos os mesmos.

PAIXÃO E COGUMELoS

Há um episódio do livro *Anna Karenina* no qual duas personagens que se amam e querem ficar juntas, Serguei Ivanovitch e Varienka, se encontram por fim, a sós, num bosque, sob o pretexto de irem apanhar cogumelos. Tratava-se de uma oportunidade raríssima para estarem os dois sozinhos, e seria o único instante possível para anunciarem o seu amor e iniciarem o novo rumo das suas vidas. Ivanovitch, concentrado e nervoso, vai repetindo mentalmente a declaração de amor e o pedido de casamento à amada. Chegado o momento, após um silêncio angustiante, ele finalmente abre a boca e pergunta: «Como se distinguem os cogumelos comestíveis dos cogumelos de bétula?» Varienka, também desesperada e «com os lábios a tremer de emoção», responde: «No chapéu, quase não há diferença, mas há na haste.» E continuam, amargurados e tristes, a conversar sobre cogumelos, incapazes de falarem do seu amor. Quando abandonam o bosque, sentem que fizeram uma escolha que moldará o resto das suas vidas.

O tempo que poderia tê-los salvado e redefinido tudo foi desperdiçado a falar sobre variedades de cogumelos. Porquê? Ninguém sabe. Poder-se-ia pensar que estivessem sob o efeito de algum tipo específico de cogumelos, mas não. Estavam sob outro efeito, por vezes tão alucinogénico quanto cogumelos mágicos:

a paixão.

A paixão é um estado que desencadeia reações semelhantes a várias drogas e revela uma capacidade prodigiosa para toldar o juízo de quem se deixa apanhar. Quem nunca deu por si na presença da pessoa por quem está apaixonado, a falar sobre coisas tão absurdas quanto espécies de cogumelos? Nada como a paixão para nos fazer parecer uns idiotas.

Tchékhov dizia que «aquilo que provamos quando estamos apaixonados talvez seja o nosso estado normal», e que «o amor mostra ao homem como é que ele deveria ser sempre». Eu estava bem tramada se fosse sempre como sou quando estou apaixonada. Sob o efeito da paixão, sou acometida por uma violenta amnésia. A pessoa faz-me perguntas simples como «qual foi o curso que tiraste?», e eu não consigo lembrar-me, não sei elaborar um só raciocínio decente, a minha voz altera-se, gaguejo e, como se tudo isto não bastasse, ainda fico com a cara da cor de um tomate. Sempre foi assim e, por isso, sempre foi complicado alcançar a reciprocidade tão necessária para consumir uma paixão. Se me considerava inteligente e desenvolta, esses atributos esfumavam-se em segundos, quando estava na presença da pessoa de quem gostava.

Ao ver alguns dos efeitos secundários dos cogumelos mágicos, percebo que em pouco diferem dos do estado de paixão: aumento da pressão sanguínea e temperatura corporal; aumento dos batimentos cardíacos; desorientação e confusão mental; perda de coordenação; pensamentos desconectados; alteração da perceção do tempo, entre outros.

Clarice Lispector disse: «Tenho medo da paixão.» Eu também. Tenho medo das drogas psicadélicas, e a paixão é uma *trip* de cogumelos não solicitada. E, se traz consigo as palpitações e o encantamento, também nos leva ao delírio e acaba por resvalar na paranoia. Ficamos obsessivos, todas as demais pessoas do mundo perdem importância, e aquela passa a ser a única que interessa. Ficamos monotemáticos.

A condescendência com que os nossos amigos tratam as nossas dores amorosas é semelhante à do amigo sóbrio que apenas nos ouve porque sabe que aquele não é o nosso estado normal. Se o estado de paixão fosse o nosso estado normal, não teríamos amigos. Começamos

a ver sinais em todo o lado, matrículas com as iniciais da pessoa são prova inquestionável de que o Universo quer unir-nos. As redes sociais vieram exacerbar esta fixação. Tornamo-nos especialistas em interpretar *emojis* e sinais de pontuação, vemos as *stories* da pessoa 343 vezes e verificamos o telefone a cada dois minutos.

O que acentua a irracionalidade de tudo isto é que, na maior parte das vezes, sabemos pouco sobre a pessoa em questão. Contudo, move-nos uma certeza inquebrável de que é o amor da nossa vida. A mesma certeza inexplicável de compreensão do mundo que tanta gente tem durante experiências com psicadélicos. Estamos na posse de uma compreensão superior e divina da realidade. Tudo é vivido com intensidade febril. Ficamos inaptos para outras atividades. E parecemos que ficaremos assim para sempre. E não adianta tentar forçar para que acabe, isso só nos trará o desespero de uma *bad trip*. Temos de esperar que o efeito passe por si mesmo. O pensamento, na tentativa de parar a paixão ou a moca, é ineficaz e contraproducente.

Quando, finalmente, passa — porque acaba sempre por passar —, entramos na ressaca e juramos que nunca mais. Depois, a experiência transforma-se numa impressão remota, que recordamos com vaga nostalgia. Até que, de súbito e sem esperarmos, um dia, se repete tudo de novo. E lá vêm os efeitos todos outra vez. A irracionalidade, a desconexão de pensamento, as palpitações. A obsessão. A dor. Os assuntos idiotas. Porquê? Não sabemos. Não escolhemos, não controlamos. Pessoa já dizia: «O coração, se pudesse pensar, pararia.»

APRENDER A LARGAR

Precisava do silêncio e do sossego, de passar umas noites sem a melodia das birras e o compasso dos amuos. Precisava de largar a batuta de maestro, de deixar a orquestra sob outra regência e ir compor um solo ao meu andamento.

Precisava de interromper a vigia constante às crianças que se encavalitavam na bancada da cozinha, para vigiar as vontades que se encavalitavam cá dentro, antes que despencassem.

Precisava de largar tudo para perceber se ainda aqui estava, se ainda aqui estou. De manhãs sem logística. De preparar a minha própria mochila. De não ter de antecipar ou resolver incidentes fisiológicos. Precisava de uma folga, de tempo destinado ao repouso, ao descanso e à curiosidade.

Sempre fui boa a largar. A minha mãe conta que, no primeiro dia de escola, aos 2 anos, lhe larguei a mão e fui a correr, sem olhar para trás. Largava noites quando já não me sentia bem. Largava casas, largava cidades, largava namorados, largava livros, sem remorso. Largava discussões, nunca guardei rancor. O deixar ir, para mim, sempre foi fácil. Quando um amigo me disse, um dia, «amar não é assim», mostrando a mão fechada; e depois, «é assim», com a mão aberta, não me surpreendeu. Amar sempre foi uma mão aberta.

A expressão abrir mão é sinónimo de largar, abnegar, mas, para mim, também de amar.

Solta, desprendida, meio ao sabor do vento, meio ao sabor do alento, sempre me considereei desapegada e livre.

É por isso com surpresa e algum embaraço que dou por mim, em viagem, a ligar dezoito vezes para confirmar se o portão das escadas está fechado.

O desejo de liberdade e o apego maternal travam um combate aguerrido na minha psique. Isto não é novidade; desde que fui mãe, oscilo entre sonhar com aventurar-me sozinha num safari no Quênia, por causa da Meryl Streep no *África Minha*, e sonhar com quintas abandonadas, com azulejos por restaurar, crianças à volta, com jardineiras sujas de lama e biscoitos caseiros.

Tenho vontade de viajar sozinha para me reconectar comigo mesma e medo da angústia que advém dessa solidão, que tive a oportunidade de comprovar no verão passado, enquanto vomitava num parque de estacionamento em Ibiza, numa despedida de solteira. Ao olhar para o vómito nos sapatos, lembrei-me de forma tão virulenta do bolsado dos bebés, que passei o resto da noite a chorar, atingida pela culpa e por esse remorso interior que ainda sobrevive nas mulheres, mesmo nas que são feministas e fazem psicanálise.

Continuo a ser a que quer passear, descobrir e explorar. A que secretamente deseja ficar sem bateria no telemóvel num país desconhecido e perder-se em praças de nomes impronunciáveis. Mas, à noite, dou por mim a pensar se as minhas filhas terão bebido água, se os avós sabem que elas só dormem bem com o Mickey de chapéu, se terão posto o Mickey de chapéu ao seu lado na cama. Ou se terão posto o outro Mickey, que é o Mickey das emergências, só para quando não se encontra o Mickey de chapéu. Tenho vontade de mandar mensagem a perguntar se dormem bem e se o Mickey de chapéu está entre elas, a abençoar o seu sono.

Dou valor a uma cama onde possa mexer-me livremente, sem pezinhos inquietos a pontapearem a minha cara madrugada fora. Mas esses pés que todos os dias desestabilizam o meu sono, no quarto de hotel longínquo e silencioso onde estou, e com o qual sonho há meses, inesperadamente, voltam a impedir-me de dormir. «Ninguém deve ter ido confirmar se elas têm os pés frios», penso. Pego no

telemóvel e começo a escrever, para enviar aos avós: «Elas estão a dormir de meias?» Vou ver a meteorologia e estão 34 graus em Lisboa. Pouso o telemóvel e respiro. Está tudo bem.

É importante aprender a largar. Largar sempre foi tão natural para mim, que é estranho que agora se tenha tornado uma aprendizagem. Elas estão felizes, a ouvir novas histórias, a ser embaladas noutros colos, a experimentar novas rotinas. E eu também estou feliz. Precisava de tempo e espaço para embalar os meus próprios sonhos, mas também para afugentar os meus próprios medos.

É importante sair do ninho para buscar alimento. E regressar bem abastecida de confiança e liberdade.

ENTRE PARÊNTESES

Acordou numa manhã que parecia igual a todas as outras. Deu um beijinho ao namorado, que dormia ao seu lado, levantou-se e foi tomar banho. Vestiu-se e desceu para o carro, para se dirigir ao trabalho. Tinha uma reunião importante. Seguiu a estrada, parou num sinal vermelho que não demorou a ficar verde, e (percebeu que alguma coisa tinha mudado. De súbito, sem que nada o fizesse prever, reparou que estava dentro de parênteses. Não sabia como tinha ido ali parar. Fez o percurso habitual, ia a uma velocidade normal, no horário do costume. Que teria acontecido, para ir parar a estes parênteses? Sentiu um desconforto e tentou perceber o que estava a acontecer. A retrospectiva que fez não trazia nenhum indício que apontasse para aquele desfecho. Levava uma boa vida, tinha estudado, estava numa relação, era saudável e encontrava-se num bom caminho profissional. Durante a vida inteira, tinha pertencido à oração principal. Que se passava agora, para se encontrar numa posição tão acessória? Teria deixado de ser importante, assim, do dia para a noite? Não sabia como tinha entrado nos parênteses e, certamente, não sabia como sair. Queria voltar à ação quanto antes. Tinha deixado tudo em *stand-by*. Havia toda uma frase para ser completada e estava a perder tempo precioso dentro deste irritante semicírculo. O emprego, a autoestima,

o namorado. Estava tudo lá, no início da frase, e agora ela deambulava por entre introspeções e explicações excessivas e completamente prescindíveis. Sentiu-se claustrofóbica, com uma ânsia desesperada de sair dali. Como podia estar naquele subúrbio das frases? Como podia ter sido tão brutalmente deslocada do centro das ideias? Não sabia quanto tempo teria de ficar entre parênteses. Tudo tem o seu fim, não é verdade? Todo o parêntese que abre tem de ser fechado. Queria voltar às suas atividades, mas algo fazia com que não conseguisse ser proativa. Faz parte de estar entre parênteses, a estagnação. O tempo foi passando e ela manteve-se ali. Procrastinava muito, passava os dias a pesquisar curiosidades e factos irrelevantes e era incapaz de ser útil e dinâmica. Nada acontecia, mas tinha uma justificação para tudo, até para o facto de nada acontecer. Tornou-se mais filosófica, com tendências niilistas. Foi-se abatendo sobre ela uma tristeza vaga, sentia que ninguém queria saber o que ela dizia, que ninguém a ouvia com atenção, que ninguém lhe dava valor, que não tinha nada de importante para acrescentar ao mundo. Não é fácil viver entre parênteses. Até ter entrado ali, achava que levava uma vida extraordinária, cheia de grandes conquistas e sonantes momentos, e tudo tinha mudado em segundos, de forma inexplicável.

Um dia, encontrou um rapaz que andava também lá por dentro dos parênteses e, os dois, tanto tempo longe da oração principal, perdidos e confusos, num momento de fragilidade, envolveram-se romanticamente. Foi apenas uma dessas ligações supérfluas e passageiras. Nada de excecional acontece dentro de parênteses. Chorou, depois de se ter envolvido com o rapaz, porque tinha a sua relação fora do parênteses. A solidão tinha-a feito cair em tentação [e já dizia Oscar Wilde que se pode resistir a tudo menos à tentação {mas isto é um parênteses dentro de um parênteses dentro de um parênteses, e esses são ainda mais difíceis de quebrar, como prisões de alta segurança, não nos aventuraremos por aí, pois quem por lá vive está condenado a um destino ainda mais exasperante de ultraexplicação e excesso de zelo, a pender para a neurose obsessiva, e disso não se ocupará esta história, voltemos à rapariga e ao rapaz} citar Oscar Wilde fica sempre bem]. O rapaz tentou tranquilizá-la, dizendo-lhe que não se preocupasse, que o que acontece dentro de parênteses fica dentro de parênteses, o que lhe aliviou a culpa. No

entanto, continuava cheia de saudades da vida lá fora, a ansiar pelo dia da libertação, pelo regresso ao protagonismo das frases. O rapaz acabou por não ser má companhia, e era a única pessoa com quem podia falar acerca do que se passava entre parênteses. As conversas não eram particularmente entusiasmantes. Consistiam em adendas, decifração de siglas, referências bibliográficas, datas. Por vezes, introduziam apontamentos psicanalíticos ou astrológicos, outras, enumeravam acontecimentos históricos ou compunham listas onomásticas.

Não deixava de se questionar: porque não teria ido parar antes à frente de um travessão? Aí, sim, ia sentir-se valorizada. Um lugar que a enfatizaria, a faria sobressair, ao invés daquela cavidade que a tornava tão inútil e secundária. Ou até mesmo a umas aspas, quem sabe, alguma ironia, algum humor, conviver com citações divertidas e interessantes. Ali, só conseguia esperar o fim. Não tinha força de viver, nem ambição.

Até que se foi, lentamente, habituando. Dizem que nos habituamos a tudo. Deixou de se lembrar de que levava, outrora, uma vida livre daquelas amarras. Já estava há tanto tempo entre parênteses, que começou a desconfiar da própria expressão «entre», porque não vislumbrava o parêntese que fecha, nem a hora de ele chegar. Tornou-se quase um mito, a hipótese de pôr fim àquela situação. O parêntese conclusivo era um D. Sebastião, a ideia da sua chegada estava imbuída de esperança, mas as possibilidades de isso acontecer pareciam-lhe utópicas. O parêntese inicial também ia lá longe, no início do texto, e já não era mais do que uma memória difusa. Esta agora era a sua vida. Uma vida muito mais introspetiva. Longe do frenesim da oração principal, longe da agitação e da independência a que estava acostumada. A pouco e pouco, foi-se sentindo mais confortável, resguardada pelos parênteses, quentinha e protegida dos olhares de todos. O seu refúgio. Sim, é certo que já não comandava a própria vida, que se limitava a analisar a dos outros. Talvez estivesse a sofrer da síndrome de Estocolmo e a desenvolver carinho por aquele raptor, ou, então, com a resiliência característica do ser humano, se tivesse habituado a uma existência pouco estimulante e frívola. A reflexão era uma constante, assim como as perguntas retóricas. E como poderia ser de outra maneira, se estava

dentro de parênteses? Os parênteses tornaram-se o seu mundo secreto e interior, a sua história dentro da história. Assim como tinha chegado àquele momento, sem saber bem o motivo, também talvez um dia de lá saísse. E ficaria sempre sem saber a razão pela qual aquilo acontecera. Teria sido a incursão nos parênteses um momento fundamental de autoanálise e autodescoberta? Teria sido um travão à aceleração do quotidiano? Um castigo pela vaidade e egocentrismo da vida mundana? Uma imposição divina, uma espécie de milagre? Um exercício literário sem propósito maior, de uma pessoa que está a escrever uma crónica para um jornal e tem de chegar ao fim porque já ultrapassou o número de caracteres exigidos? Nunca teria a certeza.

O curioso é que, ao contrário de tantas experiências, esta não modificaria verdadeiramente a sua vida. Não tinha sido um episódio transformador e inesquecível, o que levaria como lição. Aquele tempo fora perfeitamente dispensável, não guardaria nada dali que lhe fosse substancial. Não seguiria como os ex-prisioneiros, com a eterna lembrança do cárcere e valorização da liberdade. Tudo continua igual, depois dos parênteses. A frase segue, impiedosa e fria, como se nada fosse. A ação principal é implacável com os parênteses. Engole-os e deita-os fora sem misericórdia. A vida continuaria exatamente igual) acelerou o carro, ligou o rádio e foi a cantar estrada fora.

A TERAPIA É A MINHA TERAPIA

Andava a evitar, tal como evito o dentista, isto é, até ser necessário; isto é, até não poder de dor na gengiva porque não quero arrancar o dente do siso que me falta. Não quero aquela agulha da anestesia a furar-me o céu da boca, não quero ficar a babar-me para cima de uma bata verde de celofane, enquanto um dentista simpático, de *Crocs*, tenta fazer conversa comigo, e eu ali naqueles preparos. Não quero aquele aspirador de cuspo a aproximar-se, não quero aqueles copinhos pequeninos, nem a sensação de retroescavadora dentro da minha boca, e o sermão que me dão porque não há maneira de abrir a boca o suficiente, não quero ter de abrir mais a boca, e é por isso que não arranco o siso, e é por isso que não quero ir ao dentista. Até que a dor seja tão forte, que não tenho outro remédio.

Andava a evitar a terapia, porque não tinha voltado a encontrar ninguém, porque não me dava jeito, porque nenhum dos meus amigos tinha recomendações. E também porque repetia, como tanta gente, que caminhar ao pé do mar é a minha terapia, que ginásio é a minha terapia, que ler é a minha terapia, que dançar é a minha terapia, que ir ao cinema é a minha terapia.

Não percebi então como é que, com tanta terapia, dei por mim no meio do supermercado a sentir uma dor tão forte, a abrir o frigorífico

dos iogurtes a ver se o frio me inibia o choro, a olhar para a banca da peixaria e a identificar-me de forma inesperada com os robalos desamparados, de olhos no vazio, a tentar não tremer a voz enquanto pedia os bifes de frango. O senhor do talho a perguntar o que é que eu queria, e eu com vontade de dizer que só queria que alguém me arrancasse aquele siso, aquele siso horrível que doía tanto, aquele siso da alma que me entortava os dias, e percebi que ia chorar no supermercado, e fui a correr trancar o choro na fila de carrinhos e recuperar a moeda.

Mas depois percebi que também ia chorar a ver a peça do Pinóquio, que ia chorar a pôr gasolina, que ia chorar a descascar a curgete e que ia chorar a lembrar-me do meu psicanalista e da pergunta que ele fazia: «Se o choro falasse, o que é que diria?» E diria que não era de caminhar ao pé do mar, ler, dançar ou ir ao cinema que eu precisava.

Então, voltei. Sentei-me com um novo psicanalista. Destranquei o choro. Ele disse-me: «Sabe que a psicanálise é um método anacrónico, não sabe?» E eu: «Sei.» Mas é o melhor que já encontrei. Falar com alguém que ouve. E já me tinha esquecido de como me faz bem.

MÚSICA NO CORAÇÃO

Viena de Áustria. Não se diz Lisboa de Portugal, nem Madrid de Espanha. Mas diz-se Viena de Áustria. Viena é uma senhora chique com apelido. Uma senhora fina perante a qual me sinto pequenina e malvestida. Olha-me de cima e tenho a sensação de que não sei comportar-me à sua altura. Majestosa, imponente, imperial. Uma escala que não é a minha. Há palácios, músicos de perucas, charretes conduzidas por homens de chapéu, infinitas estátuas de mármore.

Salzburgo é mais aconchegante. Salzburgo tem várias casas Mozart. Porque as pessoas mudam de sítio. Em quantos mais sítios um artista tiver vivido, mais museus se podem criar. Pergunto à rececionista do hotel a qual devo ir. Ela recomenda a casa natal. Só há uma primeira casa.

Os pais de Mozart perderam cinco filhos. Foi numa época em que tinha de se sobreviver à infância. Mozart sobreviveu. E agora, em todas as montras da cidade, há bombons de Mozart, patinhos de borracha de Mozart, Mozarts gigantes em Lego.

Reparo num quadro de Mozart em criança, já com uma peruca grisalha, de olhos azuis. Noutro quadro, aos 19 anos, aparece de olhos castanhos. Pergunto-me qual seria a cor dos seus olhos e irrito-me com a minha tendência para pensar em coisas irrelevantes. Mas, se os olhos

não são tão importantes, já a orelha é. Numa vitrina, está exposto um desenho da orelha de Mozart, ao lado de outra orelha, vulgar. Duas orelhas lado a lado. Duas orelhas esquerdas. A diferença é impressionante. Como se, de alguma forma, nos confortasse. Como se fosse possível dizer: «Ele é um gênio, mas, com uma orelha daquelas, também eu.»

Na chamada de vídeo com a minha filha, ela diz-me que eu já fiz uma viagem e que «não pode ser duas!». Como eu lhe digo em relação aos gelados.

Uma amiga brasileira manda mensagem: «Você está no lugar da *Noviça Rebelde*.» Soa-me a nome de filme pornográfico. *Música no Coração* é uma tradução mais feliz. Salzburgo tem música no coração. Viena também. Música no coração das cidades, um coração feito de música. Um órgão musical. Ouço um concerto de órgão na Catedral de Salzburgo. Vou ao Palácio Mirabell, onde filmaram as cenas da música *Dó-Ré-Mi*, e salto nos mesmos degraus.

Na ementa do restaurante, vem assinalado o prato preferido de Mozart. *Schnitzel*. Lembro-me dos panados frios que comia dos *tupperwares*, nas férias de verão. E lembro-me da Julie Andrews a cantar com os meninos na cama, para afugentar a trovoada. *My favorite things*. Pensar nas coisas preferidas quando há trovoada. Sempre que ando de avião, agradeço-lhe por esse truque. Cada um tem as suas trovoadas. E as suas coisas preferidas. As da Maria eram *schnitzel* com *noodles* e póneis de cor creme. Em Salzburgo, entende-se melhor. Vê-se as coisas preferidas da Maria, exceto os gansos a voar e os flocos de neve no nariz, porque ainda não está a nevar. Quero regressar a Salzburgo com neve.

Volto para Viena de comboio. Um comboio que vai na direção de Budapeste. Imagino-me a adormecer na viagem e a acordar nessa cidade.

Estou a ler Thomas Bernhard, que se farta de dizer mal de Viena. Sempre num tom rezingão, porque não está a ser capaz de escrever um livro, e culpa tudo e todos por isso. Apercebo-me de que os artistas e as pessoas de Viena dizem muito mal da cidade. Eu estou deslumbrada, mas eles lá saberão. Quem também reclama de Viena é Hundertwasser, um homem genial que descobri nesta viagem. Visito a sua casa-museu, pensada e desenhada por ele. «Deus está nas curvas.»

É uma casa cheia de curvas, com árvores a sair das janelas, para haver visitas de borboletas e pássaros. Um ecologista antes de haver ecologistas. Um homem com sonhos e com uma grande utopia: devolver à Natureza os territórios que o Homem ocupou. Ele queria embelezar as fábricas e que se pensasse nos edifícios como se pensa nos quadros. Manteve com Viena uma relação de amor-ódio. Thomas Bernard também vai revelando o que o seu ódio por Viena esconde: «A cidade que odiava, mas que, simultaneamente, amava como nenhuma outra.»

Amor-ódio leva-me a Freud e, se tantas vezes a vida me levou a Freud, agora posso percorrer a cidade a pé para ir à sua casa-museu. Mais uma casa-museu. Vejo o consultório, a sala onde os pacientes esperavam e um vídeo antigo dele, a dar festinhas ao seu cão.

Não consigo escrever sobre Viena sem falar de todos estes nomes, porque não se consegue andar em Viena sem dar de caras com eles. Nunca vi tantos museus.

Ouçó um concerto de Strauss feito para turistas, com um bailarino desastrado que retira alguma da solenidade ao momento.

Regresso com uma estátua em miniatura do *Beijo* de Klimt, com o sonho utópico de Hundertwasser e com música no coração.

○ PRIMEIRO AMOR

Vinte e oito cabeças olham para o quadro, enquanto o professor fala sobre potências. A potência que se eleva naquele momento é a do meu coração, ao verificar que ele já lá está, sentado no seu lugar, a rabiscar no caderno. Há uma espécie de ordem instalada em estarmos ali todos a escutar aquela voz monocórdica e, principalmente, em ele estar ali. Aquele amor consiste em pouco mais do que a observação da sua nuca. Nem sei bem porque gosto dele. Não sei muito sobre ele. Mas toda a gente gosta de alguém. E quase toda a gente gosta dele. Ainda tenho no espírito a voz do professor de Matemática a exigir a nossa atenção e a garantir a importância das potências para a vida futura. Não sei como teria sobrevivido a tantas aulas de Matemática sem aquele romance hipotético a desenrolar-se dentro de mim.

Entre raparigas, era comum a pergunta: «Gostas de quem?» E a resposta consistia sempre em três nomes: «Gosto do Miguel, do Luís e do Tiago.» Podia dizer que já éramos precursoras do poliamor, mas a verdade é que dois eram para disfarçar. Ou para não fecharmos as opções. No meu caso, era para dissuadir a verdade de que todo o amor que tinha para oferecer estava concentrado numa só pessoa, e isso era um segredo almofadado pelos outros dois nomes. Carregava aquele amor comigo, juntamente com o estojo colorido e a mochila de

rodinhas.

A culpa talvez fosse do Simba e da Nala, da Dama e do Vagabundo, do Peter Pan e da Wendy. Mas ele ocupava os meus pensamentos, desde que começava a escrever o sumário até ao último toque do sino.

Era o verdadeiro amor platónico, na medida em que só acontecia na minha cabeça. Fantasiava com a hipótese de namorarmos, tão maravilhosa quanto impossível, sendo que quase não falávamos um com o outro. Para mim, o namoro era quando um rapaz punha o braço por cima do ombro de uma rapariga. Se nessa altura tivesse algum conhecimento acerca de Platão, havia de ter percebido que o braço dele sobre o meu ombro, a vermos um jogo de futebol e a partilharmos uma lata de *Ice Tea*, existia, sim, mas no mundo das ideias. Sonhar com esse cenário deixava-me feliz. Ao mesmo tempo, nada fazia para que ele se realizasse. Para quê conspurcar aquela imagem imutável de perfeição com as falhas da realidade? Acima de tudo, imaginar que aquela bela história de amor pudesse sair do lugar seguro dentro da minha cabeça e chegar ao recreio real fazia com que o meu coração batesse demasiado depressa e eu sentisse vontade de vomitar.

Ia acumulando memórias das vezes em que ele interagiu comigo, como quando fomos da mesma equipa de vôlei na aula de Educação Física, ou quando ficámos ao lado um do outro na carrinha, na visita de estudo. A vez em que lhe dei uma pastilha *Gorila*, ou quando ele ficou a pisar o pedal do bebedouro para eu beber água. Cada gesto na minha direção era lucro que juntava ao porquinho mealheiro do meu íntimo. Uma vez, deu-me um beijinho na cara, e durante horas, que pareceram anos, mais nada na vida importou. Ao fim desse dia, ele estava a namorar com outra rapariga da turma e eu fui chorar para a casa de banho. Foi aí que percebi que uma mesma ação pode significar coisas diferentes para os dois intervenientes.

Pode ser cruel quando o universo se reduz às mesmas vinte e oito pessoas de uma turma. Ao dizermos às amigas os três nomes que ocupam o nosso coração, como se estivéssemos a trocar cromos, a probabilidade de termos cromos repetidos é enorme. E o cromo da minha caderneta era o que todas queriam. Repare-se que estou desde o início a usar todo o tipo de pronomes e metáforas para não

mencionar o nome real do rapaz, e a aperceber-me de que ainda sinto tanta vergonha de o revelar como naquela altura.

Mais tarde, o mundo começou a expandir-se para lá da sala de aula. Algumas raparigas desbravaram caminho para as restantes e empurraram os limites das paixões, começando a namorar com rapazes de outras turmas. A Mariana arranhou um namorado do 4.º C e a Margarida um do 4.º D, e mostraram-nos que o amor não se pode reduzir a uma letra, é um alfabeto completo. A seguir, os limites continuaram a estender-se e as raparigas começaram a namorar com rapazes de outros anos e, até, imagine-se, de outras escolas. Havia namorados que traziam das férias de verão. Ou namorados que tinham conhecido em chás dançantes do Colégio Militar, que, na minha cabeça, eram bailes semelhantes aos da Cinderela, com vestidos de roda, saltos altos e castelos com torreões; mas, na realidade, eram festas numa cave onde se ouvia Bob Sinclair e se bebia vodka preto.

Foi a altura em que o amor de todas nós dispersou e deixou de se cingir a um mesmo lugar numa carteira, numa mesma sala de aula. A adolescência e as hormonas fizeram-no disparar em todas as direções.

Apesar de tanta expansão, continuo a não saber bem o que é o amor. Apenas sei reconhecê-lo, tal como, no meio de um monte de mochilas insignificantes, reconhecia a *Eastpak* cinzenta do meu primeiro amor.

Os anos passaram e o mundo é agora uma espécie de sala de aula gigante, cheio de professores de Matemática com vozes monocórdicas, equações impossíveis e problemas para resolver.

Graças ao meu primeiro amor, tive más notas a Matemática, mas aprendi a elevar a potência que realmente importa. E, ao contrário do que dizia o meu professor, esta, sim, vamos usar para o resto da vida.

CRÓNICA DE UMA DAMA ENVERGONHADA

Reza a lenda que, numa madrugada longínqua de espessa bruma, enquanto pernoitavam nos ditosos leitos as suas mui estimadas descendentes, uma jovem mulher leu, numa rede social, um comentário redigido por um errante e anónimo cavaleiro que, com maledicência e desdém, apontava para a ignóbil simplicidade e modernidade da sua escrita, tão «atrevida» e pouco desafiante para um primoroso leitor, como ele próprio se considerava. Desde então, a mulher, sempre disposta a atender aos anseios de incógnitos terceiros, havia decidido destituir-se de toda a modernidade que lhe coubera em sorte por circunstância do seu nascimento, no século XXI, e encarar o espírito de outros tempos, de tempos em que a limpidez apenas se aproximava da água translúcida com que se preparavam os banhos, e jamais de frases numa crónica de jornal.

Não lhe foi muito difícil. A senhora estava preparada para se libertar dos ares desta época e inspirar os ares mais impermistos, ainda que ligeiramente mais tuberculosos, do século XIX.

Acresce que, por redobrada sorte, e por ocasião das férias da Páscoa, a mulher encontrava-se na velha casa de família, uma dessas

casas da Beira, de outrora, circundada por muros altos de pedra, uma casa onde o ranger do chão compõe melodias com o primeiro bater do sino da igreja, igreja sempre, e irremediavelmente, próxima. Uma dessas casas cuja alvura das paredes convida à contemplação da paisagem em peitoris, de onde se vislumbra o sol a doirar as fulvas folhas da vinha e onde o entardecer se precipita sobre os espíritos, obrigando a poisar mantas de lã nos ombros.

Era, portanto, um ambiente convidativo ao repouso e à ingestão de carnes de caça e licores e, ao mesmo tempo, um poiso para acolher esse novo espírito que o distante aldeão virtual lhe impusera. Ah! Certamente ali encontraria inspiração para abordar temas que agradariam ao pródigo varão. Entraria em descrições da casa, tão onduladas e serpenteantes quanto os ornamentos do portão de ferro que vedava os hóspedes naquela atmosfera lânguida e melancólica.

A esperança de que esta prosa fizesse pelo incauto homem o mesmo que as luzidias papoilas nos varandins faziam pela sua alma, que lhe apaziguasse as fúrias e que o afastasse das mordacidades sob a forma de comentários, era esta esperança que a nossa jovem primaveril trazia consigo.

A mulher não precisava de se afastar da casa para encontrar assuntos que lhe aproovessem, bastava-lhe elevar as pálpebras e, no alpendre ornado de heras, vicejavam florzinhas que a enchiam de inesperado regozijo.

Se saía de vestido floral e de chapéu para um passeio, as carícias das folhagens, os ramos que lhe roçavam nas costas, ou as árvores que generosamente ofereciam as suas frutas, impregnavam-na de um torpor lúbrico.

Mesmo os corredores desabridos, onde arcas inóspitas apareciam e onde quadros de antepassados de olhar áspero a recebiam, alimentavam-lhe as ideias, e logo a levavam a sentar-se direita na cadeira do salão, pronta a encarar a missão que lhe cabia, que sempre lhe caberia enquanto mulher desse tempo, e que lhe apertava tanto o espírito quanto o corpete a cintura: a de satisfazer os outros, e a de atender sempre às suas exigências, e, mesmo que tremulamente, fazer o que fosse necessário para acalmar o esbracejar colérico de um homem.

EM DEFESA DA FADA DOS DENTES

Numa travessia pelo desconcertante mundo do Facebook, uma sequência de comentários chamou-me a atenção. O assunto era essa personagem tão veemente no nosso folclore infantil: a Fada dos Dentes. Deparei-me com o debate aceso, entre mães, acerca do perigo de se sugerir às crianças a existência de seres sobrenaturais.

Falava-se de desonestidade, de traição da confiança na relação com os pais, de serem impingidas mentiras aos pobres miúdos, aproveitando-se da sua inocência para os ludibriar com fantasias inapropriadas que lhes trariam pouco mais do que frustração na vida. Nunca imaginei assistir a uma discussão que tivesse como mote a extinção da Fada dos Dentes, a não ser que fosse encabeçada pela Bruxa Má. No entanto, a querela intensificava-se entre as mães. É sabido que, na maternidade, todos os temas são altamente discutidos. Todos os territórios atravessados são perigosos. Conhecidas são, para quem as atravessou, as cordilheiras do tipo de parto, as colinas da epidural, as trincheiras da amamentação, o desfiladeiro das chupetas e o campo de batalha dos métodos educativos. Acompanhei ao de leve estas contendidas ao longo da minha trajetória de mãe, mas nenhum assunto ressoou com tanto fulgor, dispondo-me a alistar na primeira fila do combate, como o do projeto de liquidação da Fada

dos Dentes.

Cresci no meio de caças ao tesouro e, em passeios no bosque, ia sempre cumprimentar os três porquinhos. Procurava ovos deixados pelo coelho da Páscoa, caçava gambuzinos, perseguia arcos-íris e escondia-me de piratas. Agradecia ao anjinho da guarda antes de adormecer, pedia desejos debaixo da mesa, passava o mês de dezembro inteiro à espera do Pai Natal e acordava cedo na manhã do dia 25, com a urgência de ver o que ele me tinha deixado debaixo da chaminé.

Perigoso é controlar a imaginação, racionalizar o mundo para quem o sente tanto, higienizar e escurecer quem vê a vida tão desarrumada e a cores, uma cruzada que não pesa o que dizima. Dissecar fadas dos dentes e pais natais, como quem procura aligeirar as dores de um mundo corrupto, é das coisas mais perversas que tenho visto, talvez por ter crescido sempre a acreditar que no mundo cabe tanto de imaginário como de regra. Levado ao extremo, que seria isto se não a proibição de brincar? E que é brincar, se não fazer de móveis, castelos, de banheiras, oceanos, e desafiar as probabilidades, fomentando amizades entre pinguins, Barbies e robôs? Imagino os fiscais da realidade a cortarem um discurso ventríloquado de um *nenuco* com fome, para informar as crianças de que o *nenuco* é um objeto inanimado e que, por isso, não fala. Se querem ser honestos, sejam honestos na brincadeira. Brincadeiras realistas não são brincadeiras, são realidade e chatice.

Uma amiga contou-me que o filho lhe disse, noutro dia, ao chegar a casa: «O pai do Tiago da minha turma é muito mentiroso.» «Então, filho, porquê?» «Porque disse que o Pai Natal não existe.» Pois é. Ser mãe ou pai é também admitir a fantasia. Esta urgência de trazer forçosamente à terra quem ainda é capaz de inventar sem limites, sob o pretexto de aliviar futuras frustrações, soa-me mais a frustrações mal resolvidas de quem o faz. E, mais, as crianças levam as brincadeiras tão a sério, que cortar a onda é pecado capital e não entrar no barco é naufragar sozinho. Ainda hoje, se ouço de uma família que não recebeu o Pai Natal, o meu primeiro pensamento é que se devem ter portado muito mal.

Enquanto somos crianças, a ficção e a realidade vão-se entrecruzando. E isso é o melhor da infância. Passamos pela fase da

intermitência entre a magia e o real, em que procuramos a todo o custo mexer algum objeto com o poder da nossa mente. Lembro-me de, depois de ver o *Toy Story*, entrar de rompante no quarto, ansiosa por apanhar os meus brinquedos em flagrante. E vamos por aí fora, à procura da porta mágica, do mapa do tesouro, da transmissão de pensamentos, da levitação, do portal para outra dimensão. Criamos os nossos próprios vilões e tornamo-nos heróis nas nossas narrativas. Desde sempre brincámos aos polícias e ladrões, ao faz-de-conta, ao telefone estragado.

Quem defende a abolição da Fada dos Dentes escuda-se numa postura protecionista, de querer evitar o choque para os seus filhos, sem perceber que é precisamente com a imaginação que se faz esse amortecimento. As crianças crescem, e depressa demais, aguentemos nós o peso da realidade enquanto elas podem saborear a fantasia. Imagino o que seria do filme *A Vida é Bela* se aquele pai resolvesse que era mais importante o realismo do que a imaginação. Terão uma vida inteira para lidar com o ciclo fastidioso do quotidiano, não há necessidade de apressar esse momento.

O mundo vai, sim, tornando-se menos mágico. O ceticismo chega com a desilusão de repararmos numa barba descolada na cara do nosso tio, que, de facto, se ausenta sempre que o Pai Natal dá os presentes, um olho que abre e vê os pais a entrarem sorrateiros no quarto e a porem a moeda debaixo da almofada a meio da noite, uma vassoura que, por mais força que façamos de olhos fechados, teima em não se elevar do chão. E, sim, é possível que daqui advenha frustração. Talvez a descoberta produza um choque, a mágoa de o mundo não ter a imensa magia que viam nele. Mas, na melhor das hipóteses, perpetuará um pacto em que pais e filhos sabem que ambos fantasiam, mas não quebram o jogo. Ou uma transição saudável de quem vai, aos poucos, compreendendo que a Fada dos Dentes é um gesto almofadado de amor dos pais, um prenúncio de magia debaixo da cabeça e uma garantia de que, por cada dente que cai, há um sonho que nasce.

EU NÃO PERCEBIA

Quando vivia no Brasil e fui a Portugal, no Natal, o meu pai foi buscar-me ao aeroporto e disse: «Agora vamos só ali plantar uma árvore.» Lá fomos, de malas no carro. Eu não perguntei nada. Não perguntei nada, porque este é o registo do meu pai. Estava tudo dentro da normalidade. Com ele, cresci a achar que era normal as pessoas plantarem árvores aos fins de semana. No bairro onde cresci, em Lisboa, sempre que passo por alguns jardins, aponto para as árvores que plantámos quando eu tinha 6 anos: um castanheiro-da-índia, um pinheiro-bravo, uma laranjeira. É difícil explicar o que é ver um arbusto transformar-se num gigante florido, que ficará ali durante séculos. Eram mais baixas que eu e hoje fazem sombra para as minhas filhas.

Além de plantar árvores, o meu pai fez questão de que eu crescesse rodeada de livros e histórias. Hoje, agradeço-lhe pela forma como me mostrou o mundo. Contava-me histórias todas as noites, até eu adormecer. Às vezes, para minha frustração, era ele quem adormecia a meio da história. Hoje, ao telefone, pergunta sempre o que ando a ler e, se eu não estiver a ler nada, sinto a reprovação silenciosa do outro lado. Talvez por isso esteja sempre a ler alguma coisa.

Era uma grande confusão para mim, a diferença entre o meu pai e os outros pais. O meu pai, durante anos, não teve televisão. Eu não percebia. Queria ver os desenhos animados. Em vez disso, tínhamos um *hamster* e antes de dormir ficávamos a olhá-lo a correr de um lado para o outro e a imaginar histórias sobre ele. Eu via os meus amigos a chegar ao colégio em grandes carros, todos limpinhos. Ele tinha um carro com 20 anos, que ribombava, soltava ruídos e tinha algum problema grave todos os meses. Eu não percebia.

O seu amor por Lisboa sempre ocupou tudo. Às vezes, levava-me a um sítio na Margem Sul, com vista para Lisboa. Ficava horas a olhar para o outro lado: «Já reparaste na silhueta? É a silhueta mais bonita de todas.» Das vezes em que vi o meu pai mais enfurecido, foi quando demos de caras com um homem a deitar lixo para o chão, no nosso bairro em Lisboa. O meu pai não se controlou e pregou-lhe um sermão que, na altura, me deu vontade de me esconder. Ficou verdadeiramente irritado. Como se estivessem a maltratar o seu amor.

Fez toda a costa de Portugal a pé, sozinho. Contava-me acerca dos rios e dos reis. À noite, no verão, sentava-se numa cadeira a olhar para o céu, acompanhado do seu livro das constelações e de uma lanterna.

Recusava-se a entrar num centro comercial. Eu queria ir, insistia com ele, mas era uma questão de princípio, tão forte, que não adiantava. Para ele, sempre foram as pequenas lojas, os pequenos produtores, os seus produtos e as suas histórias. Eu não percebia.

Ficava furioso comigo se eu não acordava para ir para a aula de *surf*. Ou se fazíamos uma viagem e eu me esquecia de trazer uma lanterna e um canivete. «Fundamental!»

Eu queria ir ao McDonald's por causa dos brinquedos que vinham com o Happy Meal, e ele recusava-se. Em vez disso, levava-me ao Café Império e, às escondidas, dava um brinquedo ao empregado, que depois o trazia à mesa juntamente com o bife.

Os seus temas de conversa, sempre diferentes. Quando passa numa rua, pergunta-se quem terá sido aquele (da placa da rua). Quando come um peixe (raro), questiona-se quem o pescou. Quando fumava um cigarro, fumava logo dois ou três.

Em relação ao dinheiro, um eterno «isso não importa». Felizmente, estive longe de passar dificuldades, mas nunca, nunca mesmo, teve muito. Roupas, sapatos, telemóveis, nunca lhe interessaram. Usava-os

até estarem tão desgastados, que só um «Oh, Zé!» da minha avó ou dos meus tios salvava. Nunca foi homem de cuidar da aparência, nem de se importar minimamente com isso. Para ele, sempre foi outras coisas: as pessoas, a natureza e Lisboa, claro.

Sempre que tenho uma dúvida em relação a algo, ligo-lhe. Às vezes, já sei qual será a resposta, mas ligo-lhe só para confirmar se tudo se mantém. E é reconfortante que, com ele, tudo se mantenha.

Lembro-me de quando entrou para a política e se assumiu publicamente como um homem de esquerda. No colégio em que eu estudava e com um lado da família de direita, fiquei a achar que a esquerda era uma espécie de doença contagiosa, pela maneira como as pessoas reagiam. Faziam cara feia, abanavam a cabeça e olhavam para mim com pena. Família e amigos comentavam, e alguns coleguinhos de dez anos, influenciados pelos pais, mandavam bocas. Isto, para uma criança, só pode significar que uma catástrofe aconteceu. «E logo a nós, que vivíamos de forma tão tranquila... o que é que lhe deu na cabeça?!»

Eu não percebia, mas agora percebo.

SEI QUE VOU POR AÍ

Sei apenas o básico de uma série de atividades. Sei os primeiros passos do chachachá, sei fazer o *take-off* do *surf*, sei tocar o *Come as you are* dos Nirvana na guitarra elétrica e o *Hino da Alegria* no xilofone. Sei fazer a saudação ao Sol do ioga, dar meia pirueta de patinagem artística e conjugar dois verbos em francês. Consigo meditar durante cinco minutos, fazer um serviço no ténis, fazer um plié e andar a cavalo a trote. Sei o suficiente para perceber que sei muito pouco sobre muitas coisas. Sou principiante em tudo e especialista em nada. Ou talvez seja especialista em ser principiante. Fui a tantas primeiras aulas, que, juntas, formam um curso extensivo.

Não sei por onde vou. Porque não ir por aí? Começo cada atividade com o entusiasmo de quem talvez tenha, enfim, descoberto a sua vocação. Mas acabo por desistir passado pouco tempo.

Afinal, para quê fazer uma coisa bem, se posso fazer várias mal?

Em todas as primeiras aulas, há uma breve esperança de ter chegado, finalmente, ao meu elemento. Foi assim no batismo de mergulho, no primeiro voo de parapente e na primeira pintura a aguarela.

Esta inconstância pode dever-se a um medo do compromisso, a uma vontade de me integrar, a um êxtase infantil ou ao facto de o

meu signo ser Sagitário, como aprendi na primeira aula de Astrologia.

Entro na primeira aula de qualquer coisa com uma dose destemperada de esperança. Levo a ilusão de me tornar uma nova pessoa, a pessoa que consegue fazer a espargata ou tricotar as próprias camisolas. Esta ânsia vai sendo alimentada com a ajuda do equipamento, esse potenciador de sonhos em formato material. Quer se trate de um *skate* cheio de estilo, de um colchão ao ombro, de uma prancha debaixo do braço ou de uma máquina fotográfica, carrego o material com o orgulho de quem se reinventou. Sou uma nova pessoa a cada modalidade.

Nas primeiras aulas, imagino-me logo na fase mais avançada. No ioga, as minhas mãos não passavam das canelas num alongamento, mas já me via em retiros na Índia a fazer a posição de gafanhoto.

Aos 16 anos, inscrevi-me no tango e obriguei o meu primeiro namorado, desolado por se encontrar no meio daquele grupo de cinquentões em vez de estar a jogar Playstation, a acompanhar-me às aulas. Eu passava horas a ver vídeos de milongas e já me imaginava algures na Argentina, de vestido de cetim preto e saltos altos, a rodopiar.

A seguir ao entusiasmo inicial, vem, habitualmente, a sabotagem. Os motivos para não querer prosseguir uma modalidade começam a atropelar-se na minha cabeça. O *stand up paddle* não traz a adrenalina do *surf*. O *surf* no inverno é muito frio, e é uma chatice ter de se remar de volta, devia haver cadeirinhas como no *ski*. No *ski*, o equipamento é muito pesado, é caro ir para a neve, e não tem a leveza do *skate*. O *skate* já não parece adequado à minha idade, ao contrário do pilates. Para ir ao pilates, tenho de acordar muito cedo, devia tentar o *cycling*. No *cycling*, a sala é escura e toca *reggaeton*, não há o silêncio do ioga. No ioga, a professora acabou de dizer para conversarmos com os nossos genitais e ouvirmos o que eles têm a dizer, e isso dá-me vontade de rir, devia experimentar cerâmica. Sou desajeitada para a cerâmica, devia aprender guitarra. Na guitarra, doem-me os dedos, talvez seja melhor piano. A professora de piano tem hálito a café e tabaco, devia experimentar dança do ventre.

A única coisa que comecei e não abandonei foi a leitura e a escrita. Talvez porque sejam formas de saltitar entre mundos, estando apenas num só. Foi a maneira que encontrei de dançar milongas na

Argentina, surfar grandes ondas no Havai e frequentar retiros na Índia.

Encontrei nos livros uma guarida para esta hiperatividade e um lugar onde posso buscar constantemente o novo. Eles não só abrigam a curiosidade, como vivem dela. E, de todos os objetos, são os que mais favorecem o imaginário. Se, nas outras atividades, sonhar acabava por me frustrar, nesta, é um requisito. Imaginar cenários que parecem impossíveis é a regra. Trata-se do único território onde sinto que chegar lá é chegar aqui. E onde posso ser outra pessoa, isto é, eu mesma.

DERIVA

Onde é que eu ia? Por aí fora e por aí dentro. À deriva. Sempre gostei de andar à deriva. É na deriva que me sinto feliz, ao sabor da corrente e dos ventos, sem bússola que me norteie além da vontade. Não sei porque é que estou a usar este tom dramático, mesmo a pedir que entrem os violinos. Eu paro. Com o tom. Com a deriva, não consigo. Faz parte de mim. Sempre foi a vaguear que me encontrei. E cá está o tom outra vez. Desculpem.

O Instagram agora só quer que façamos *reels* e avisa-me de que estão todos a fazer *reels*, como quem diz: vê lá se te pões a mexer. Tenho a sensação de estar a ficar para trás. Tudo a ir depressa, à velocidade de segundos onde cabem milhares de imagens, músicas animadas e transições frenéticas, e eu aqui. Uma só imagem e um monte de palavras. Não há saltinhos que se iniciam numa paisagem e aterram noutra. Não há dancinhas e uma mão atrevida a tapar a câmara que, quando volta para trás, me revela maquilhada. Desta viagem, não há muito mais do que imagens estáticas e palavras que parecem uma moeda desvalorizada no mundo do TikTok.

Mas é o que temos, e vou recusar-me a cambiar estes trocos, como uma viajante saudosista. Mesmo que desvalorizem tanto, que o algoritmo acabe por me escorraçar. Onde é que eu ia? Turquia.

Logo no aeroporto, uma mulher toda tapada. Só se veem os olhos. O marido ao lado, de óculos escuros brilhantes, da Gucci. Dois filhos vestidos de cor de laranja-choque. Penso na minha descoberta e na mulher coberta. Será tudo estranho? Nem tudo. Comparo, a mania de comparar que tenho. Em todas as viagens, um ponto de partida. E, quando ouço que só Istambul tem vinte milhões de pessoas, penso logo em dois *Portugais* ali enfiados.

Nunca vi tantos gatos. Gatos nos restaurantes, ao colo do senhor que me atende na loja, gatos nas varandas, nos museus, nos tapetes. As pessoas adoram os gatos. Acolhem-nos, sorriem, dão-lhes festinhas e comida.

Conheço um turco que tem um nome difícil de pronunciar e pede que lhe chame Charlie. Um novo nome, por gentileza. Um nome para eu poder chamá-lo. E não é para isso que servem os nomes? É por isso que se pergunta: «Como se chama?» Como se chama este turco? Não sei, mas eu chamo-lhe Charlie. Mostro-lhe as minhas filhas e ele diz que vai mostrar-me os dele, e mostra-me os gatos. Um deles chamava-se *Bowie*, os outros, não decorei. Istambul trata os gatos como filhos, são filhos da cidade.

Estou a ler o Pamuk e ele conta que o sultão mandou vir quinhentos gatos na altura da peste, para matarem os ratos que disseminavam a doença. Gatos heróis, gatos protetores.

Há bandeiras por todo o lado. Tem uma lua e uma estrela, a bandeira da Turquia. Da estética meio ditatorial, escapa um elemento celeste. Um sonho estelar no meio daquele vermelho.

Os turcos dão dois abraços em vez de um só, como nós com os beijinhos. Abraçar dos dois lados. Um lado Europa e um lado Ásia.

A Vodafone diz-me que gastei quarenta euros em *roaming*. Isto significa que não estou na União Europeia. O pequeno-almoço do hotel não tem frutas, mas tem quatro variedades de azeitonas. O Charlie confirma que os turcos comem azeitonas ao pequeno-almoço.

Um guia fala-me de épocas históricas, de guerras e de séculos. Ele sabe tudo o que aconteceu em cada século. Estamos na mesquita que era igreja que era templo que era museu que voltou a ser mesquita. Haia Sofia. Penso na minha filha Sofia, em casa, e penso que preciso de um íman com a palavra Sofia. Ele continua a falar de séculos. Eu

continuo neste século, mas já ali não estou.

Parece-me que toda a gente fuma, como em Portugal nos anos 90. Cigarros, narguilés, cigarrilhas. Há muito fumo. N'O *Museu da Inocência*, do Pamuk, há uma coleção de beatas de cigarros fumados ao longo de dez anos. Uma beata sozinha é um nojo, mas milhares de beatas juntas são uma instalação de arte.

Ancara é militar e fria, e tem muitos prédios e estátuas do senhor sério que está em todo o lado, às vezes com um daqueles chapéus. É Atatürk, o fundador da Turquia, e se eu tivesse prestado mais atenção ao guia podia dizer mais coisas sobre ele. Mas eu queria ver os dervixes a rodopiar. Uma dança hipnótica. Fazem com o corpo o movimento de rotação da Terra, explica Charlie.

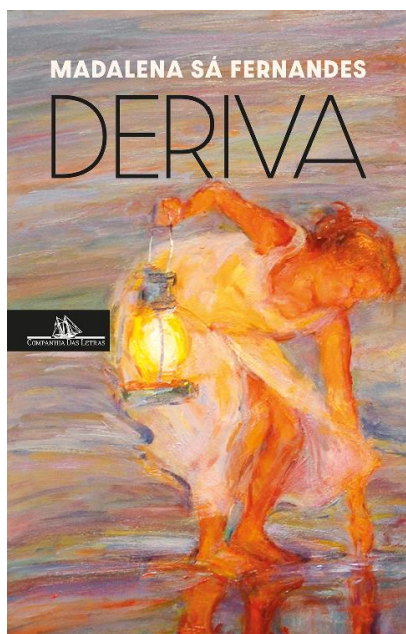
Uma viagem vem connosco quando acaba. Colada ao corpo. Colada ao frigorífico. Pomos um pé num novo país e acrescentamos território. Acrescentamos territórios cá dentro.

O meu pai coleciona canecas dos países que visita. Todas as manhãs, um pequeno-almoço num sítio novo. Levo-lhe uma caneca. Ancara é feia. Istambul é linda. A Capadócia é de outro planeta. Há pedras que albergavam fugitivos cristãos e que parecem chaminés. Lembram os Flinstones. Há outras estranhamente fálicas. Há balões no ar, a subirem ao mesmo tempo que o Sol.

Comprei cerâmicas, e agora não consigo fechar a mala. Trouxe os olhos que protegem do mau-olhado e um *Milka* dos grandes, que protege da angústia que a turbulência do voo aumenta. A duração do voo dá para acabar de ler o Pamuk e ver um Tarantino. Não sei porque escolho filmes do Tarantino se tapo os olhos quando há sangue. Mas isso é assunto para outra deriva.

Onde é que eu ia?

SOBRE ESTE LIVRO



Um livro-puzzle, um álbum de recortes, um caderno de memórias, um conjunto de notas contra a voragem do presente, um louvor ao que mais importa na vida, um autoquestionário sem respostas certas sobre a idade adulta e o estado do mundo — assim é esta *Deriva*.

Das saudosas férias em família à dormida penosa numa cama com percevejos; da aprendizagem lenta da solidão ao ódio às festas de casamento que mais parecem carnavais; do martírio da insónia às árduas negociações entre mãe e filhas; da navegação cega pelas redes sociais ao poder conciliatório da literatura; da redescoberta da terapia ao reencontro com um primeiro amor: *Deriva* deambula por assuntos tão diversos e inesperados quanto o ângulo espirituoso ou afiado que Madalena Sá Fernandes escolhe para os abordar. Um livro que confirma a desenvoltura literária de uma escritora que, olhando para si mesma e para o que a rodeia, devolve a cada leitor uma espécie de reflexo no espelho.

SOBRE A AUTORA

Madalena Sá Fernandes nasceu em Lisboa, em 1993. Licenciou-se em Línguas, Literaturas e Culturas pela Universidade Nova de Lisboa. Escreve crónicas no jornal *Público*.

Leme, o seu livro de estreia, saiu em 2023, na Companhia das Letras. *Deriva* é o seu segundo livro, composto por uma seleção das crónicas do *Público* e por vários textos até agora inéditos.